



RAÍZES

Ano XVI - Nº 30

São Caetano do Sul

DEZEMBRO de 2004



Nossa Capa



Na primeira capa encontramos uma obra do artista Lúcio Pegoraro, que reside em São Caetano do Sul desde 1960. Lúcio retratou sua família quando morava no Bairro da Fundação, com estilo pessoal inconfundível. Note-se que o perfil de uma indústria pode ser visto, através da porta, na sala da casa onde brincam os meninos. Segundo declarações do pintor, a indústria é a Matarazzo e as crianças são seus três filhos.

Lúcio Pegoraro já expôs em várias galerias em São Paulo, bem como em outros estados, e há uma obra sua preservada no Acervo do Palácio do Governo do Estado de São Paulo.

Na contracapa apresentamos artistas que tam-

bém tiveram São Caetano do Sul - onde moram - como inspiração para suas criações.

Estão representadas as seguintes obras: *A família do Lúcio*, de 1975, óleo, de Lucio Pegoraro; *Tênis*, de 2000, colagem de Francisco Ferreira; *É para reciclar* - Coleção Memórias 2003, óleo sobre madeira de João Alberto Tessarini; *Quintal*, obra de 1970, óleo sobre eucatex de Oscar Valzachi; *Sol da tarde e Estação de São Caetano*, obras de 2003 de Antônio Carlos de Pádua.

Estas obras estiveram expostas em mostras na Pinacoteca Municipal em 2004. (Fotografias de Antônio Reginaldo Canhoni e Neusa Schilaro Scaléa.)



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

Ano XVI - Número 30
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN 1415-3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 2004

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula
CEP 09541-520 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420
www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Jornalista responsável
Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Coordenação geral

Sônia Maria Franco Xavier

Redação

Fabiola Fioravante (digitalização de imagens)

José Roberto Gianello (pesquisa)

Maria Ap. M. Fedatto (secretaria e coordenação)

Paula Ferreira Fiorotti (assessoria)

Imagens

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografia)

Neusa Schilaro Scaléa (capa e arte)

Programação Visual e Paginação Eletrônica
Carvalho e Reis Grafica e Editora Ltda-ME

Conselho Editorial

Aleksandar Jovanovic, Alexandre Toler Russo, Domingo Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore, João da Costa Faria, José Roberto Gianello, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Ro-

drigues, José de Souza Martins, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Valdenízio Petrolli, Yolanda Ascêncio.

Fotolitos e Impressão

Gráfica Provo

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Editorial

Raízes completa hoje, com seu trigésimo número, 15 anos de existência dedicada ao resgate da história de São Caetano do Sul nos mais diversos enfoques da atividade humana que promoveu formidável desenvolvimento social, político e econômico.

Apesar dos 15 anos, não é uma debutante, mas sim uma respeitada e sedimentada fonte para consultas sobre nossa evolução até esse invejável estágio de inclusão social. Além da fórmula simples de privilegiar a memória garimpando depoimentos com diversos pontos de vista da nossa gente de raiz, procuramos também correlacionar São Caetano no contexto histórico regional e nacional.

Nesta edição, e dentro dessa premissa, procuramos contemplar uma variada gama de assuntos e áreas temáticas, cobrindo desde a escravidão na Fazenda Beneditina de São Caetano até a história de sacerdotes e leigos católicos no ABC diante do golpe de Estado de 1964.

Na formação da cidade, diferentes personagens são enfocados, como Prudente Noel (industrial belga que viveu por muitos anos em São Caetano, trabalhou em diversos locais, e despertou curiosidade e afeição nos moradores do pequeno distrito que ainda não possuía autonomia política – amplo estudo desse personagem se encontra no Dossiê), bem como são retratadas as influências árabe e portuguesa em interessantes depoimentos. Gente simples também faz história em emocionantes relatos de vida.

Na cultura regional temos referências literárias a Paranapiacaba e São Caetano antiga, e também um encarte com mais de 60 pins comemorativos da cidade e da região.

Eis, pois, mais um capítulo da trajetória desta cidade através dos tempos (capítulo que, esperamos, seja capaz de despertar o mesmo interesse dos anteriores). Também esperamos continuar contando com a participação valorosa da nossa população, sem a qual o nosso trabalho tornar-se-ia mais distante dos seus propósitos.

Sônia Maria Franco Xavier
presidenteda Fundação Pró-Memória
de São Caetano Sul

Raízes: a nossa História



Luiz TORTORELLO(*)

Quinze anos atrás, em Julho de 1989, lançávamos o primeiro número de *Raízes*. Acreditávamos no valor de nossa História e na transcendência de nossa identidade, e a cidade respondeu a esse projeto singelo com o entusiasmo e a perseverança que têm se afirmado e confirmado ano após ano, a ponto de termos instituído uma tradição. Esta edição coroa um dos ciclos mais importantes de nossa trajetória, pois que São Caetano do Sul é, atualmente, referência de qualidade de vida, de administração eficiente e de população laboriosa.

Nos fala do período de industrialização, da procura de água, dos materiais e da arquitetura, dos escravos na Fazenda São Caetano. Nos relata questões religiosas tanto do início do século passado quanto da época do Golpe de Estado de 1964, passando pelos “velhos tempos da Estação” da ferrovia, misturando tempero árabe com histórias de personagens que marcaram nossa existência, outras artes culinárias e a paixão do morador por seu bairro. Vai muito além pelos relatos culturais, música sertaneja e a imprescindível memória fotográfica, que traça um panorama emocionante e, ao mesmo tempo, revitalizante.

É um documento obrigatório para todos que nos queiram entender e conhecer, desvendar os segredos de uma pequenina cidade que sempre se supera, que é sempre notícia boa. É a nossa História.

(*)Luiz Olinto Tortorello é professor, jurista e atual prefeito de São Caetano do Sul em tercelra gestão

ÍNDICE

Dossiê

Engenheiro belga no Distrito de São Caetano



Ponte sobre o Rio Ijuí

5 *Fragmentos de um romance*

Alexandre T. RUSSO

11 *O Homem Prudente Noël*



Aimé-Adrien Taunay

15 *Prudente Noël e a Fotografia*

Neusa Schilaro SCALÉA

18 *Os poços de Mestre João no início do século XX*

Santos BIN

22 *Arquitetura de ferro no Grande ABC: história e ferrovia*

André Luis Balsante CARAM

Regionais e Artigos

30 *A Escravidão na Fazenda Beneditina de São Caetano*

Cristina Toledo de CARVALHO

33 *Relembrando a última tertúlia*

Celso de Almeida CINI

45 *Estigmatinos: 80 anos na cidade*

56 *Leigos e sacerdotes católicos no ABC diante do golpe de estado de 1964*



Dom Jorge

Maria Blassioli MORAES

62 *Os velhos tempos da Estação*

Oscar GARBELOTTO

Depoimentos

68 *Uma história com tempero árabe*

Linda José Jorge NASI

71 *Celestina Conceição Montello, sancaetanense de corpo e alma*

Yolanda ASCENCIO



74 *Uma voz ecoa de São Caetano para o Brasil*

76 *José Escada Rodrigues, o Zé Doutor*

Personagem

78 *Obra - Prima ou Obra - Primo?!*

João Tarcísio MARIANI

Memória

83 *A participação portuguesa no município*

84 *Erdonio Magri, o Buti, pioneiro das pizzas em São Caetano*

Narciso FERRARI

86 *Renato Acerbi: morador apaixonado pelo Bairro Prosperidade*

Libélla TAVARES



87 *Para sempre*

Leonilda Pilatti C.P. VERTICCHIO

90 *Natal de antigamente*

Jayme da Costa PATRÃO

91 *A minha Primeira Comunhão*

Dulio Iannaccaro

Cultura

92 *Referências Literárias a Paranapiacaba e São Caetano antigo*

Rui RIBEIRO

94 *Uma dupla sertaneja nos anos 50*

Hildegard FUZINELLI

Registro

95

Memória Fotográfica

99

Fragmentos de um romance

A história que emana dos documentos deixados
por Prudent Guillaume Noël revela um enredo de intrigas, privações e conflitos

Alexandre Toler RUSSO (*)



Entre cartas, notificações, cópias de processos judiciais e outros papéis, mais de 30 documentos, boa parte deles em francês, pertencentes ao engenheiro belga Prudent Guillaume Noël, foram doados à Fundação Pró-Memória pela família Bin.

Os irmãos Santos e Luíza Bin conheceram Prudent Noël ainda quando jovens, pois João Bin, pai dos dois, por muito tempo abrigou o belga em uma pequena casa anexa à sua. Tudo o que João Bin conhecia a respeito de construção e escavação de poços artesianos devia a Prudent Noël, a quem tinha como mestre e por quem nutria carinho especial. As impressões dos irmãos Bins acerca do estrangeiro se encontram neste dossiê, expostas pelo próprio Santos Bin, e se voltam acima de tudo para a atividade profissional exercida pelo engenheiro, em São Caetano e São Paulo, na primeira metade do século passado. Complementam a visão dos Bins as observações de Narciso Ferrari, que conheceu Prudent Noël e notou sua cordialidade no contato com as pessoas e sua competência no trato com as máquinas.

Os relatos de Santos Bin e Narciso Ferrari dão conta da vida do estrangeiro em São Caetano do ponto de vista dos moradores



locais. Entretanto, é nos documentos que descobrimos os motivos da vinda de Prudent Noël para a cidade. Mais do que isso, os papéis revelam toda uma história de intrigas, privações e tentativas desesperadas de salvar um imenso patrimônio que acabou por se perder em razão de uma série de infortúnios. Evidentemente, dado o estado fragmentário do material, não é possível reconstituir nem a sucessão completa dos fatos nem a versão integral deles to-

dos. (Em realidade, contamos apenas com a visão de Prudent Noël, daí que as acusações feitas a terceiros não têm caráter de prova definitiva contra este ou aquele personagem. Trata-se tão-somente das palavras daquele cujos documentos chegaram até nós, e, ao publicarmos tais palavras, tomamos o cuidado de não mencionar de maneira comprometedor nenhum dos nomes que poderiam ser manchados com os ataques que lhes são dirigidos.) Tampou-

co nos foi possível resgatar com precisão os dados da família Noël na Bélgica, mais precisamente os fatos referentes ao círculo familiar que envolveu o belga na infância, adolescência e juventude, assim como também desconhecemos os eventos que concorreram para transformá-lo no industrial de sucesso que, já no final do século XIX e no início do XX, havia construído siderúrgicas e instalações diversas na Bélgica, na Itália, na Rússia e em diversos outros lugares.

Com efeito, é como industrial que ele aparece no documento mais antigo em nossa posse: um registro de nascimento emitido pelo Consulado da Bélgica em Curitiba no dia 26 de Junho de 1913. Na capital paranaense nasceu o terceiro e último filho de Prudent Noël, e através do papel que registrou esse acontecimento pudemos conhecer a data de nascimento do engenheiro e o nome de sua esposa.

No ano de 1913, no dia 25 do mês de Junho, às três horas da tarde, perante nós, Paul Joseph Van Hermeck, cônsul da Bélgica em Curitiba, (...) compareceu o dito Prudent Guillaume Noël, industrial, nascido em Seraing no dia nove de Maio de 1869, domiciliado em Sclessin, Comuna d'Ougrée, o qual nos declarou, em presença de Louis Joseph Lefebvre, construtor de pontes, nascido em Montegnée, no dia nove de Outubro de 1861, domiciliado em Jennepe-sur-Meuse, e de Henri Joseph Brialmont, construtor de pontes, nascido em Seraing, que, na madrugada de 24 para 25 de Junho nasceu, em Curitiba, na Rua Ratcliffe, 27, filho dele e de Flavia Jacobs, sem profissão, domiciliada em Sclessin, Comuna d'Ougrée, uma criança do sexo masculino a quem se deu o nome de Prudent Jean Auguste

Théodore Emile (...).

Os eventos ocorridos depois de 1913 foram relatados por Prudent Noël em uma carta, dirigida a esse mesmo menino nascido em Curitiba, datada de 1939. O jovem Prudent, então com 26 anos, pretendia se casar, e, por isso, escreveu ao pai, que se encontrava em São Caetano, pedindo-lhe o consentimento. Prudent Noël aprovou a resolução do filho, não porém sem lhe dizer que melhor seria aguardar ainda mais três ou quatro anos, pois somente aos 30 anos se é realmente homem.

Além de dar conselhos e fazer votos de felicidade, Noël também elaborou um resumo dos acontecimentos que mudaram radicalmente a vida que levava até pouco tempo depois do nascimento do filho e imediatamente antes do início da Primeira Guerra Mundial.

Cometi o grande erro, a loucura de embarcar para a Europa, nos primeiros dias de Setembro de 1914, como voluntário de guerra, em um transatlântico neutro, deixando meus interesses nas mãos de pessoas que eu conhecia pouco. Eu imaginava que a guerra, de acordo com os economistas que eu lia, não duraria mais de seis meses.

Seguro de que o conflito seria resolvido em pouco tempo, Prudent Noël dirigiu-se a Londres, onde se apresentou ao escritório de recrutamento, a fim de trabalhar no Serviço de Conservação do Material de Guerra. Entretanto, por ser ele pai de família e contar com idade relativamente avançada, seus serviços foram recusados.

Conformado, voltou para casa. Pouco tempo depois, contudo, foi preso sob a acusação de espionagem e enviado ao Campo de Concentração de Sennelager (a caligrafia de Noël não deixa claro se

se trata de Sennelager ou Tennenlager; de todo modo, só conseguimos identificar o primeiro nome, atribuído a um campo de concentração alemão da Segunda Guerra Mundial que parece ter existido também na Primeira Guerra Mundial), na Alemanha. Na carta ao filho, Prudent Noël atribui a uma obra de caridade o motivo que levantou suspeitas em torno de sua pessoa:

- Durante a guerra, sacrifiquei cerca de 80 mil francos para levar as cartas de soldados que estavam no front até os parentes deles. Esse foi o motivo de meu encarceramento e de minha detenção em um campo na Alemanha. Muselle e Rebolz (a caligrafia do belga não deixa claro se o nome é realmente esse), teu primo, tiveram o mesmo destino. Este último foi pego pela polícia secreta alemã com 30 dessas cartas, em forma de poesia.

Por três vezes Prudent Noël tentou fugir do campo de concentração. Na terceira tentativa conseguiu. Isso ocorreu perto do fim da guerra, e ele, em fuga, dirigiu-se à Holanda. Para o Brasil, no entanto, só conseguiu voltar em Dezembro de 1919, mais de um ano após o término do conflito, e, quando aqui chegou, seus negócios estavam em situação deplorável.

Embora não negasse a imensa parcela de culpa que lhe cabia por sua própria ruína financeira, Prudent Noël depositou grande parte da responsabilidade pela *débâcle* sobre os ombros do administrador a quem delegara poderes para cuidar das Construções Metálicas em Geral (nome da firma do engenheiro belga) no Brasil. (Os escritórios da empresa ficavam na cidade de São Paulo, mas a fábrica em si se encontrava em São Caetano.)

Eu pensava lhe haver deixado,

quando parti para a Bélgica, nos primeiros dias de Setembro de 1914, uma procuração limitada em 30 contos de réis, procuração essa que ele soube converter mais tarde em outra de poderes ilimitados. [Esse homem] estava longe de ser uma pessoa honesta...

Um pouco antes de voltar ao Brasil, (Dezembro de 1919), Prudent Noël escreveu uma carta a esse administrador. Inteirado de todos os problemas enfrentados pelas Construções Metálicas em Geral e acreditando que a maioria deles tinha origem na incompetência e desonestidade do tal administrador, o belga atacou-o com veemência e aproveitou para traçar um quadro das dificuldades por que passava.

Sclessin, 16 de Outubro de 1919

Senhor,

Vossa carta de 23 de Agosto último,

(...) Eu só respondo, aliás, a vossa carta para vos comunicar, se é que o bravo Sr. Jarbinet já

não o fez, que por vossa culpa soffro agora o pior de meus tormentos (...) Eu pressentira que fazia má aquisição ao contratar vossos serviços, e por um instante cogitei dispensar-vos, porém, para a minha infelicidade e a de toda a minha família, meus sentimentos se impuseram sobre minhas impressões e renunciei ao ímpeto de lançar-vos fora sem maiores explicações, vós, um compatriota, deixando-vos sem eira nem beiranas ruas de São Paulo.

Prudent Noël, em realidade, seguro de que não se ausentaria por mais de cinco ou seis meses, acreditava que esse espaço de tempo seria suficiente para avaliar o caráter do administrador, visto que, como expressamente diz em outros trechos da carta de 16 de Outubro de 1919, apenas as qualidades morais do homem lhe importavam, pois da incompetência profissional já estava plenamente convencido. A julgar, entretanto, pelo que se lê na missiva, o administrador não era bom nem moralmente nem profissio-

nalmente.

Enquanto eu passava fome e mil torturas, mil privações, na Alemanha, enquanto minha família sequer dispunha do mínimo necessário para viver, vós e vossa senhora, se devo crer no que me contam, vivíeis como nababos, gastando dinheiro que não vos pertencia, dinheiro do patrão, pois sabíeis que eu me encontrava impotente, incapaz de reagir contra vosso comportamento vergonhoso.

A incompetência e a desonestidade do administrador culminaram na dilapidação do patrimônio do belga, que, ao retornar da guerra, viu-se obrigado a recorrer à generosidade de uns poucos amigos para sustentar a si próprio e também a família. Ademais, doía-lhe muito o fato de não poder pagar os salários atrasados de homens que para ele haviam trabalhado, quer no Brasil, quer na Rússia, quer em outros lugares, e que por isso se encontravam em situação não menos precária do que a dele mesmo.

E o que realmente me entristece não é minha própria miséria, mas sim a das famílias dos belgas a meu serviço no Brasil e a dos trabalhadores que estavam na Rússia, aos quais faltam os recursos mais indispensáveis.

Contudo, não era pequena a miséria de Prudent Noël:

- Há quatro meses não como um pedaço de carne nem um ovo, e fico muito feliz quando arrumo um pouco de gordura de porco ou manteiga para colocar no meu pão e no pão de meus filhos; e, coisa horrível, meu garotinho, que está doente, não recebe os fortificantes necessários ao restabelecimento de sua saúde. Eu sequer tenho dinheiro para pagar um médico ou um farmacêutico. Também não sou capaz de pagar a pensão de minhas duas filhas



Fábrica de Prudent Noël em São Caetano, na Rua 28 de Julho

(...) Não tendo igualmente condições de pagar a locação do imóvel que ocupo, o proprietário, Sr. Denis Michaux, Rua de Herve, 25, acaba de pedir o seqüestro de meus imóveis, os quais ele deseja vender caso eu não pague minha dívida de 4500 francos.

Além dos prejuízos no Brasil, o administrador também teria sido responsável por operações danosas na Bélgica. De fato, em virtude de cartas mentirosas que lhe haviam sido enviadas de São Paulo, Prudent Noël, confiante num ilusório bom andamento dos negócios, contraiu dívidas que depois não pôde pagar.

Por causa de todos esses problemas, o belga foi obrigado, entre os anos de 1920 e 1924, a passar a maior parte de seu tempo no Brasil, longe da família na Europa. Seu contato com os parentes se dava por meio de cartas, cinco das quais, datadas de 1920, 1921 e 1922, chegaram até nós. Trata-se de missivas escritas pelas filhas Prudence e Théodorine, na época adolescentes, ansiosas por notícias do pai e desejosas de mostrar como se safam nos estudos – daí terem enviado boletins escolares junto com as cartas – e dizer o que faziam no tempo livre. Por meio dessas cartas é possível descobrir que os filhos de Prudent Noël não se encontravam com a mãe, mas estavam (ao que parece) sob a tutela do Sr. e da Sra. Gillard (em uma das cartas de Prudent Noël aos seus advogados há um trecho que nos leva a crer nessa hipótese). Esse fato, aliás, parece indicar que o engenheiro estava separado da esposa e com ela não mantinha relações muito amistosas (hipótese que se escora no provável rascunho de uma carta, datada do fim da vida do belga, em que é negado o pedido dos filhos para enterrar a falecida mãe no sepulcro da família Noël).

13 de Maio de 1920

Querido papai,

(...) Como andam teus negócios? (...) Em alguns dias terão início nossas férias de Páscoa, que durarão de sábado até a próxima segunda-feira (...) Nós fomos visitar muitas vezes a mamãe (...) Tu podes ver como ela ainda se ocupa de nós, [pois] na semana passada ela (...) veio nos visitar.

Théodorine

24 de Abril de 1921

Querido papai,

Ainda não recebemos notícias tuas (...) Acrescento a esta carta meu boletim de Páscoa, e espero que fiques mais contente com este do que com o anterior.

Prudence

29 de Maio de 1921, Liège

Querido papai,

Finalmente recebemos tuas longas cartas (...) Soubemos por elas que estavas bem, por isso ficamos muito satisfeitos (...) Nós nos surpreendemos quando o Sr. Gillard nos mostrou gravuras em que aparecias junto com o Rei Alberto [da Bélgica] (...) Dentro de oito semanas faremos os exames, e, depois, teremos férias. Madame Gillard propôs que fôssemos ou para a Alemanha, a fim de aprendermos a língua, ou para o campo, na casa de uma de suas tias.

Théodorine

12 de Março de 1922, Liège

Querido papai,

(...) Não percas as esperanças (...) Tu tens duas filhas que rezam todos os dias por ti (...) Soube ontem que o Sr. Jarbinet estava de volta, e ele prometeu para a tia que viria nos visitar um dia desses

Théodorine

30 de Dezembro de 1922

Querido papai,

(...) A tia pediu para dizer que o dinheiro está acabando (...) Tu lhes debes já uma soma bem pesada (...) Tu debes saber que os sapatos, as roupas etc. já não têm os mesmos preços de antes da guerra (...)

Prudence

Prudent Noël tentava não perder as esperanças, como lhe pedia a filha Théodorine, porém, os problemas que Prudence trazia na carta de Dezembro de 1922, junto com a situação cada vez pior dos negócios, tornavam quase impossível a manutenção da confiança. Em 1923, pouco tempo depois da mensagem de Prudence, a falência do belga já havia sido decretada. Em duas cartas dirigidas a seu advogado pediu para que a venda de seus bens pudesse pelo menos bancar algumas dívidas que considerava sagradas.

Se falo, no comunicado em anexo, em oferecer 5% ou 10% aos meus credores, é com o objetivo de poder liquidar, provisoriamente, minha situação, com os fundos a receber do Município de Franca e dos que serão obtidos com a venda

das quatro máquinas que indico em outro lugar (...) Eu teria assim o tempo de computar tudo o que possuo em ferramentas não tão indispensáveis para a montagem de pontes ou outras construções metálicas, para daí tirar o melhor partido possível para grande vantagem de meus infelizes credores, meus devotados servidores, pois minha intenção é pagar o quanto antes e integralmente os salários por eles ganhos no Brasil, casos de Dussart, Jacquemin e Jarbinet, bem como pagar o que devo ao Sr. Gillard por ter ele cuidado da educação de meus três filhos. Eu gostaria, enfim, de dar aos outros tudo o que me fosse possível dar em relação aos pagamentos e salários que lhes são devidos pelos serviços que prestaram na Rússia (...) Eu não quero trair a confiança que essa brava gente depositou em mim.

Sobrecarregado tanto pelos problemas familiares como pelas dificuldades financeiras, Prudent Noël sofreu uma crise nervosa que o lançou num estado que, em termos atuais, pode ser classificado como depressivo. Essa crise praticamente o impediu de lutar pela recuperação de sua empresa e o isolou de sua família, pois, desse momento em diante, deixou de responder a todas as cartas que lhe eram enviadas – inclusive as dos filhos. Foi somente com a missiva de 1939, dirigida ao filho que se achava às vésperas de um casamento, que Prudent Noël rompeu um longo silêncio de mais de 15 anos.

Já se vão mais de 15 anos que não escrevo a ninguém, nem aqui nem na Europa. Eu sequer lia as cartas que recebia! Tenho algumas, aqui, datadas de 1923, 1924, que eu ainda não li. As cartas de parentes e de amigos que me eram queridos e que ainda me são queridos tiveram o mesmo destino (...)

(...) A neurastenia profunda que sofri foi a causa de toda a minha derrocada.

Por exemplo: eu tinha um depósito, em um banco no Japão (em Yokohama), uma soma de 220 mil rublos, aproximadamente, (o rublo naquela época valia 2,65 francos), da qual apenas uma parte me foi possível preservar da ruína (...) Como desse capital uma parcela se destinava aos meus auxiliares na Rússia, eu havia deixado ao Sr. ... uma procuração para que ele pudesse, no caso de minha ausência se prolongar para além do tempo previsto, liquida nossas respectivas situações da melhor maneira possível para os nossos interesses comuns.

Por excesso de escrúpulos, não retirei essa procuração, o que não teria prejudicado ninguém, pois o capital em questão era suscetível de melhor garantia aqui (...) Este triste estado de alma e espírito em que me afundei é unicamente imputável à falência do Banco Francês para a América do Sul, aos meus advogados e ao liquidatário de minha falência, falência essa que eu teria podido evitar se tivesse tido a prudência e a coragem de transferir para cá uma parte dos fundos citados acima (...) Infelizmente, porém, a neurastenia que me torturava reduziu-me a uma massa inerte.

Além disso, o liquidatário da falência, aproveitando a estadia do belga em Poços de Caldas, recomendação médica para a recuperação da saúde, teria vendido, sem nada dizer, por 50 contos, todo um patrimônio que valia mais de 300 contos. Naturalmente, ele havia de antemão entrado em acordo com o comprador para receber, ele também, algo dessa transação vergonhosa.

Eis, mais ou menos, a minha

situação aqui de 1922 a 1924, situação que, como podes imaginar, foi horrível. E dizer que com apenas 90 mil dos 220 mil que possuía no Japão eu teria podido assegurar a posse de todos esses bens (...).

Eu assisti como espectador impassível a um drama em que eu tinha o papel de vítima (...).

A neurastenia havia embaraçado minhas idéias e colocado indecisão em minhas resoluções, paralisando minhas energias, minha atividade, e, conseqüentemente, todos os meus meios de defesa. E eu não tinha ninguém para me ajudar a vencer essas dificuldades – meus advogados eram os primeiros a me enganar (...) Uma tortura que durou quase quatro anos.

Essa carta de 1939 é o último documento significativo escrito por Prudent Noël em nossa posse. De fato, de 1942 e 1943 temos apenas breves comunicados – um do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (Agência de Santo André) e outro da Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia, respectivamente – a respeito do processo de aposentadoria do belga no Brasil. De 1953 há os lembretes do conselheiro da Bélgica em São Paulo instando Prudent Noël a responder à carta da filha Théodorine, na qual se encontra o pedido de permissão para o enterro de Flavia Jacobs, (esposa), no sepulcro da família Noël em Seraing. Também de 1953 é o rascunho do que parece uma resposta negativa, bastante breve, a Théodorine.

Em razão disso, nada se pode dizer, com base nos documentos de que dispomos, acerca da vida do engenheiro em São Caetano, entre 1940 e 1954 (ano de sua morte), senão o que ele próprio diz na missiva dirigida ao filho Prudent em 1939. Com efeito,

além do relato pormenorizado dos eventos que o levaram à falência, o estrangeiro também descreveu nesse escrito sua situação e seu cotidiano em São Caetano.

Enfim, não tenho outro recurso para me livrar dessas tristes lembranças, de todas essas misérias, angústias e sofrimentos morais que me tomam de assalto senão voltar-me para o estudo e para o trabalho, que são e sempre foram, para mim, uma saudável distração – minha distração preferida!

Todavia, não creias que eu esteja infeliz, abatido e melancólico. Não! Minha vida se passa agora como a dos outros homens de minha idade: um pouco indiferente às coisas exteriores e sem preocupação. Nada me falta e minha saúde voltou ao normal. Aos 70 anos não se pode desejar mais do que isso.

Eu cumpro meu trabalho, que consiste na aplicação das matemáticas e na elaboração de desenhos, com uma facilidade surpreendente. É verdade que, durante o tempo que durou minha neurastenia, eu não deixei de exercer minha imaginação no estudo de algumas matérias, a fim de ocupar o espírito e não pensar em meus problemas (...).

Quanto ao cotidiano, diz o belga:

- Eu me levanto às 5h30 da manhã. Preparo-me uma taça de café e a bebo rapidamente.

Em seguida, recorro aos exercícios, às massagens, e tomo um banho frio. Às 7h eu como e às 7h30 saio magnificamente disposto. Minha jornada de trabalho começa às 8h e vai até às 11h. Depois, recomeça às 13h e vai até às 17h.

Eu janto às 17h30 e em seguida passeio e leio os jornais. Eu me deito às 21h.

Como podes ver, trabalho bem

menos agora do que quando era um capitalista. Eu vivo uma vida de santo (...).

Habituei-me a preparar eu mesmo minhas refeições (...) A necessidade fez de mim um bom cozinheiro (...).

Eu me cuido muito bem e como com apetite. Não obstante, emagreci uma dúzia de quilos, mas não me sinto mal; muito pelo contrário (...).

Ocupo um quarto e uma cozinha da casa de uma família italiana. A proprietária arruma meu quarto, faz minha cama, lava minha louça, limpa minha roupa. Seu marido, Sr. Giovanni (sic) [João] Bin, a quem ensinei a construir poços artesianos, demonstra para comigo muita afeição e gratidão. Muito trabalhador, muito corajoso e muito inteligente, mas apenas com alfabetização básica, ele continua a fazer (o que eu fazia) sondagens e poços artesianos, e é hoje dono de uma pequena fortuna (...) Eu o admiro e estimo bastante (...).

Eu não perdi as esperanças de encontrar uma outra ocasião para melhorar minha situação (...).

Em tua próxima carta, não me anuncies nada que seja capaz de perturbar minha quietude, de atrapalhar meu repouso, meu sono. Eu já falei o suficiente sobre essas noites de insônia!

O longo trecho retirado da carta ao filho Prudent nos permite supor, com grande probabilidade mas não com certeza absoluta, que este tenha sido o dia-a-dia de Prudent Noël desde 1939 até 1954: trabalho na Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia, estudos, horários bem determinados para as atividades diárias, boa saúde, condição financeira modesta mas sem turbulências (pelos documentos de que dispomos é possível presumir que, a partir de 1942 ou 1943, o

engenheiro começou a receber, além dos salários de seu emprego, também os vencimentos da aposentadoria pela Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia), amizade com a família Bin, isolamento de parentes e conhecidos da Bélgica, tentativa de melhorar a situação dos negócios mas sem o desespero de outrora, esquecimento dos problemas financeiros e familiares para a garantia de uma velhice um pouco mais tranqüila.

Essa tranqüilidade parece ter sido pelo menos uma vez abalada, em 1953, quando os filhos lhe pediram autorização para enterrar a mãe no sepulcro da família Noël. A carta de Théodorine ao cônsul da Bélgica em São Paulo mostra que Prudent Noël não havia respondido (ao menos da primeira vez) aos apelos da filha em prol da realização do último desejo da mãe. (Foi justamente por isso que ela recorreu ao cônsul, pedindo-lhe para que conseguisse extrair alguma resposta do pai – negativa ou positiva.) Na caixa de documentos referentes ao belga encontramos um pequeno papel, que se assemelha ao rascunho de uma carta provavelmente enviada aos filhos, em que se lê a resposta negativa do engenheiro ao pedido de Théodorine. Com esta curta mensagem se encerra a série de documentos (em nossa posse) relacionados à vida de Prudent Noël, que, no dia seis de Abril de 1954, com 85 anos incompletos, faleceu no Bairro da Liberdade, em São Paulo, vítima de bronco-pneumonia, e foi enterrado no sepulcro da família Bin, no Cemitério São Caetano, localizado no Bairro Santa Paula, em São Caetano do Sul.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

O homem Prudente Noël

Relato de Santos Bin sobre o engenheiro Guilherme Prudente Noël

Quando o conheci, ele morava em uma casa ao lado da de meu pai, João Bin, e trabalhava como empregado da Companhia Mecânica Importadora em São Caetano do Sul, São Paulo. Era supervisor do departamento técnico e dos desenhistas.

Trajava-se muito bem, em estilo europeu, com roupa cáqui para o trabalho e preta para o social, mas sempre de colete, chapéu e polainas. Suas camisas sociais tinham colarinho branco removível, e Noël nunca dispensava a caneta-tinteiro nem o lápis manualmente bem apontado.

Andava muito e fazia muitos amigos pelos caminhos. Cumprimentava todos eles.

Lia muito sobre Medicina e, na maioria das vezes, automedicava-se com leite de cabra que tirava em sua casa, pois os de cavas achava que eram adulterados (por isso usava o densímetro).

Contou-me que, quando jovem, não querendo mais estudar, revelou a seu pai, mineiro de carvão nas minas da Bélgica, esse desejo. O pai imediatamente arrumou-lhe emprego em um matadouro de bois que iniciava os serviços às três horas da madrugada. Poucos dias depois, pediu ao pai para que lhe fosse permitido voltar a estudar.

Engenheiro recém-formado na Escola das Minas de Carvão, viu-se na obrigação de descer sozinho para dentro de uma dessas minas, em que havia diversos mineiros soterrados e mortos, para colher dados com vistas na prevenção de acidentes. Apavorado e emocionado, o jovem engenheiro prometeu a si mesmo nunca mais descer em minas e só trabalhar nas de céu aberto.

Incumbido de fazer uma montagem de maquinário no Japão, lá che-



Diploma do São Caetano Esporte Clube

Fundação Pró-Memória



Guilherme Prudente Noël

Fundação Pró-Memória

gando recebeu ordens para não descer do navio. Somente o maquinário deveria desembarcar, pois era proibida a entrada de estrangeiros no país.

Numa outra passagem, contou-me que, em um país *além do mar*, estava parado de pé em uma praça, fu-

mando seu cachimbo, quando, de repente, tiraram-lhe o cachimbo da boca com um tapa. Disseram-lhe para não reagir, pois estava defronte de uma igreja. Curioso, então, entrou na igreja e viu que as pessoas estavam deitadas. Também se deitou. Foi nessa ocasião, dizia ele, que aprendeu como se comportar na terra dos outros.

Gostava sempre da perfeição. Certa vez foi chamado para se apresentar na matriz da Companhia Mecânica Importadora, que ficava no Bairro do Brás, São Paulo, para dar explicação do detalhe de um desenho, uma elipse, que fora feita na filial em São Caetano do Sul, sob sua supervisão. Achavam que faltava uma medida. O engenheiro Noël simplesmente disse aos engenheiros e desenhistas que só dera uma medida por tratar-se da elipse perfeita, e não, da falsa, que precisaria de duas medidas. Sendo assim, se desculparam, pois se tratava de métodos diferentes de desenho.

Ele aconselhava os jovens a seguir a profissão de modelista de pe-



1 e 2 – Fábrica de Prudente Noël em São Caetano, na Rua 28 de Julho



3, 4 e 5 – Mercado Municipal de Franca



Ponte sobre o Rio Uruguai, com 462 metros



Ponte em Charleroy – Bélgica



Ponte com guindaste móvel da S. M. Construções Elétricas

ças mecânicas. Essa profissão implicava o domínio de diversos saberes: mecânica, desenho técnico e cálculos, fundições com diversos materiais e marcenaria (madeiras).

Gostava de cantar. Quando terminava de fazer uma ponte metálica sobre um rio, e fixá-la com as duas metades em cima dos pilares, procurava uma clareira no mato e soltava a voz de contentamento, dançando por tudo ter acertado.

As pontes eram montadas em

duas metades, uma em cada margem do rio. Com um aparelho com mecanismo inventado por ele, em cima dos pilares promovia o encontro das duas partes, fixando-as. As pontes eram todas arrebitadas, e os milhares de furos, cortes e desenhos eram feitos na metalúrgica de Noël em São Caetano do Sul.

Prudente Noël, homem bem-humorado, costumava dizer que, embora se chamasse Prudente, já muitas vezes havia sido imprudente.

Tinha como hábito ir ao cemitério nos Dias de Finados, pois, dizia, lá encontrava muitos amigos - os vivos. Na morte, porém, não gostava de pensar. Achava a vida muito bela.

Por mais de 50 anos foi cidadão sancaetanense, e muitas pessoas chamavam-lhe, em virtude do cabelo branco e da barba com cavanhaque, de Papai Noel. Ele gostava de ser chamado assim pelas crianças. (*Santos Bin*)

Cordialidade e simpatia

O meu amigo José Roberto Gianello indagou-me, certo dia, se eu havia conhecido o senhor Prudente Noël, um engenheiro belga radicado em São Caetano do Sul. Tendo eu respondido que sim, pediu-me para que escrevesse algumas linhas sobre Noël.

Quero confessar que sei pouco, mas o suficiente para fazer este pequeno relato. Eu e minha esposa Yara, quando namorávamos, o encontramos nas imediações de sua residência, na Rua Niterói. Ele sempre dizia: "Vocês vão me convidar para o seu casamento". Entretanto, não foi possível, pois ele morreu em 1954 e o nosso casamento foi realizado no ano de 1955.

No início do século passado, Prudente Noël possuía uma firma de estruturas metálicas na Rua 28 de Ju-

lho. Quando a firma teve suas atividades encerradas, ele foi trabalhar na Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia (conhecida como Mecânica) a convite do proprietário, Dr. Luiz Afonso Smith Vasconcelos, pai da prefeita da Capital, Marta Suplicy, ocupando o cargo de engenheiro. Após sua aposentadoria, era constantemente chamado para inspecionar a fábrica, e apenas pelo barulho das máquinas sabia se existia algum defeito.

O primeiro estádio do São Caetano Esporte Clube foi construído em terreno de sua propriedade, na Rua 28 de Julho, e, quando as Indústrias Matarazzo compraram seu imóvel, exigiu dos compradores que pagassem uma indenização ao clube, o suficiente para que fosse adquirido um imóvel na

Rua Paraíba, onde foi construído seu novo estádio, inaugurado em 1937. Seu retrato estava exposto na sala da diretoria, na antiga sede do São Caetano Esporte Clube, pois era considerado sócio benemérito.

Prudente Noël era conhecido como Papai Noel, em razão de suas barbas longas e amareladas (por causa do uso contínuo do cachimbo). Estava sempre sorridente e alegre. Era um homem cordial e de fácil comunicação.

*Quando se aposentou definitivamente, era fácil encontrá-lo na marmoraria do Alfredo Navari, localizada na Rua Baraldi, na esquina da Rua Rio Grande do Sul, em bate-papo com Levis José Bortoletto e Neise Jodar. Infelizmente não fui informado de seu falecimento. (*Narciso Ferrari*)*

Prudente Noël e a Fotografia

Neusa Schilaro SCALÉA (*)

O Brasil sempre instigou, nos europeus inquietos e inquiridores, a curiosidade e a busca pelo inusitado, pelo exótico.

Não só cientistas que viriam a ter papel importante na História – Humboldt, Charles Darwin, Langsdorf –, mas também aqueles que não se tornaram famosos por suas descobertas, fizeram árduos percursos, enfrentando toda sorte de dificuldades, na excitante busca da aventura.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII muitos visitantes despenderam parte de sua vida nos trópicos - e muitos aqui mesmo a perderam. Expedições que congregavam estudiosos de diferentes especialidades, com diferentes objetivos, mas impulsionados pelo desafio do conhecimento.

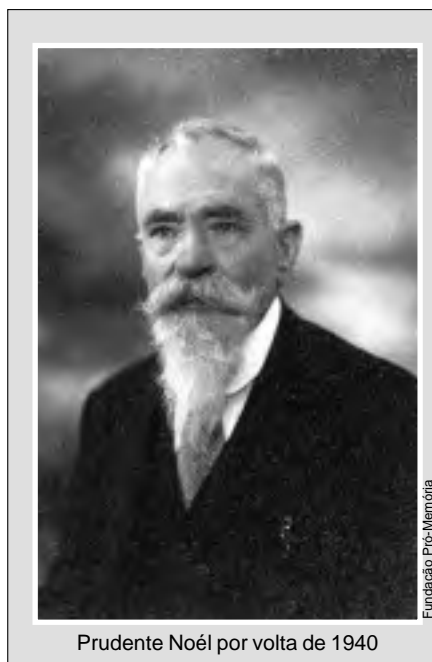
Como registrar tão espetaculares experiências? Muitos eram bons escritores, sabiam desenvolver um tema e narrar com maior ou menor qualidade, mas poucos tinham a habilidade e a precisão do desenhista, o conhecimento do aquarelista, para registrar as formas, luzes e cores - certamente excitantes aos olhos europeus - de um novo mundo. Os artistas faziam parte das expedições, com a tarefa, nem sempre fácil, de registrar paisagens, plantas, insetos, animais e pessoas, hábitos e costumes. Não só registraram, contribuindo de forma inestimável para o conhecimento científico, como também produziram preciosas obras de arte; hoje disputadas por colecionadores no mundo todo. Muitos desses artistas, mesmo depois de voltar à Eu-



Prudente Noël por volta de 1920

Fundação Pró-Memória

ropa, continuaram a produzir obras inspiradas no que viram na América do Sul. Portanto, há um grande acervo de trabalhos realizados nesse período. (Infelizmen-



Prudente Noël por volta de 1940

Fundação Pró-Memória

te, essas obras não se encontram no Brasil ^[1].)

Johan Moritz Rugendas, Franz Janszoon Post, Albert Eckhout, Gillis Peeters, Jean Baptiste Debret, Carl Friedrich Phillips von Martius, Thomas Ender, Nicolas Antonine Taunay, seu filho Aimé-Adrien Taunay, e, entre outros Hercules Romuald Florence, que tem em seu currículo nada mais nada menos do que o fato de ter descoberto a fotografia, no Brasil, alguns anos antes da primeira imagem fixada por meios químicos na França ^[2].

E foi justamente a fotografia que fez com que os desenhistas saíssem de cena. Essa forma ótico-mecânico-química de registrar e preservar imagens tomou definitivamente o lugar do pintor ou desenhista profissional no terceiro quarto dos 1800.

Essas obras fixaram para sempre no imaginário, na memória coletiva, no inconsciente dos cidadãos da civilizada Europa, as imagens exóticas dos habitantes, dos costumes, das paisagens ao sul do Equador. Para as mentes inquietas dos cientistas, estudiosos, pesquisadores e empreendedores, o encanto de uma região do mundo onde tudo *estava por fazer* certamente aguçava a imaginação.

Alguns pensaram a América do Sul, e mais especificamente o Brasil, como um novo mundo, onde os ideais floresciam e geravam frutos na mesma proporção das plantas tropicais. Admiravam a ingenuidade, mesmo que selvagem, do seu povo nativo, de forma romântica.

Não seria justo qualificá-los



As pontes vencem as águas, unem as margens e possibilitam a progressão dos caminhos

como aventureiros, no sentido menos nobre da palavra, mas seria justo chamá-los de aventureiros entendendo todo o arrojo que suas ações envolvem.

Nos anos 1900, o Brasil recebeu novos desbravadores. Chegaram alguns como imigrantes, para o trabalho na lavoura, outros com qualificação profissional de nível superior, mas todos com ideais e sonhos.

Não temos certeza dos motivos pelos quais Prudent Noël veio para o Brasil, mas o engenheiro belga, nascido em nove de Maio de 1869, estudioso, metódico, que unia o bom gosto à criatividade, deixou em todos que o conheceram indelével impressão.

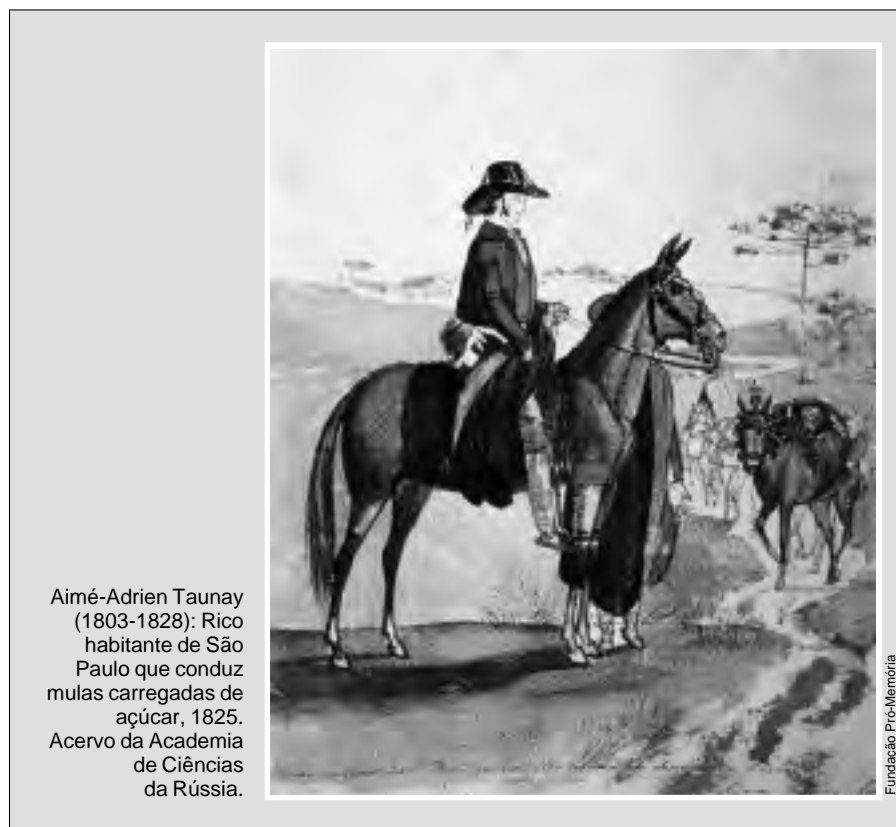
A coleção de fotografias doadas à Fundação Pró-Memória pelo Sr. Santos Bin e por sua irmã D. Luiza Bin é muito bonita, agradável de se ver, não só por sua importância histórica, mas também pela própria qualidade fotográfica.

As fotografias técnicas tinham a função clara de fornecer aos engenheiros imagens a ser remetidas aos patrocinadores a fim de comprovar o andamento e a finaliza-

ção das obras. Mas trazem mais do que isso. Trazem também o orgulho, a satisfação daqueles que trabalharam na realização de um projeto. Os desafios vencidos recebiam, através da fotografia, um atestado de realidade.

As estruturas metálicas avançando sobre as águas dos rios, ou se erguendo aos ares como esculturas gigantescas, fornecem elementos estéticos bastante interessantes para o fotógrafo, se este escolher corretamente o equipamento e a luminosidade.

Prudent Noël desenhava e escrevia muito bem. Suas anotações profissionais diárias, para as quais mandou confeccionar uma espécie de sacola de tecido com alças, revelam o homem organizado e caprichoso com os objetos pessoais descrito nos depoimentos de quem o conheceu. Era uma pessoa elegante, não só por seus ternos bem cortados e impecáveis, mas por detalhes de sua vida pessoal: o lápis sempre caprichosamente apontado, a escrita ordenada, a caneta tinteiro impecável, a correspondência. Elegante porque discreto, despedia tempo consigo mesmo, não se permitindo a vulgaridade.



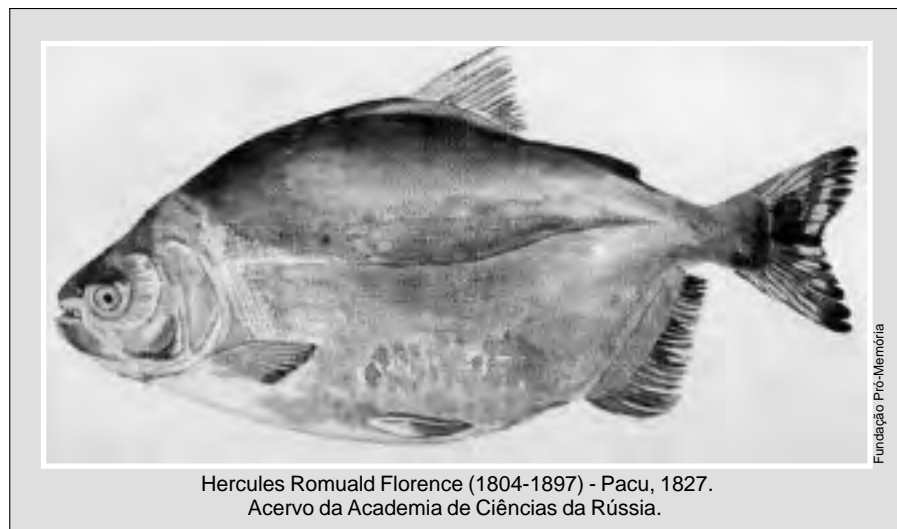
Aimé-Adrien Taunay (1803-1828): Rico habitante de São Paulo que conduz mulas carregadas de açúcar, 1825. Acervo da Academia de Ciências da Rússia.

E boa parte da personalidade de Prudent Noël pode ser *lida* nas fotografias a que temos acesso hoje. Ficamos sabendo que não era apenas mais um estrangeiro que veio tentar fortuna no sul das Américas, mas alguém que aliava a sensibilidade à inteligência, resultando daí uma personalidade marcante. Um homem que participava intensamente de tudo o que fazia, tanto é que sabemos, através de depoimentos, que ele, depois de terminada uma obra, isolava-se e cantava. Talvez um hino de louvor a Deus em comunhão com a natureza, ou uma manifestação de pura alegria pela vitória, pelo objetivo alcançado.

Entre as inúmeras fotos examinadas, dois retratos chamaram nossa atenção. Dois tempos: Prudent Noël, no auge de seus quarenta e poucos anos; Prudent Noël já idoso.

No primeiro retrato logo percebemos o olhar agudo, intenso, de quem está além de seu tempo, à frente. Os olhos, não muito grandes, mas límpidos, são emoldurados pelas sobrancelhas suaves. Esse olhar firme não era apenas uma pose, mas resultado de uma pessoa disposta a vencer desafios. A cabeça inquieta parece querer avançar do corpo, projetar-se, e mesmo o rigor do colarinho impecavelmente branco e engomado parece não reduzir o conforto de alguém acostumado a roupas formais. O amplo bigode pertence a um homem vaidoso, sem dúvida, e a barba aparada com esmero já mostra os primeiros fios brancos. O nariz poderia destoar pelo tamanho e formato mas, proporcional, compõe o rosto dando-lhe o ar da audácia de um mosqueteiro. A boca oculta parece pronta a dizer uma frase curta e inteligente. Austero, mas bem-humorado.

O brilho da gravata, o nó e o



Hercules Romuald Florence (1804-1897) - Pacu, 1827.
Acervo da Academia de Ciências da Rússia.

Fundação Pró-Memória

pequeno alfinete (um brilhante, talvez?) reluzem e se compõem com a lapela em cetim do esmeraldo paletó. Ombros firmes, testa arrojada, de um homem decidido. Prudent Noël, o engenheiro que construía pontes. E quem pode ser mais idealista e arrojado do que um construtor de pontes? As pontes unem as margens, vencem águas profundas e possibilitam a progressão dos caminhos.

Na segunda foto, Prudent Noël, seguramente com mais de 70 anos, deixa a cabeça repousar tranqüila sobre os ombros, que, se cansados estivessem, não deixavam transparecer a fadiga. O olhar arguto, agora doce, continua a perscrutar o horizonte. Entre as sobrancelhas, ainda não totalmente brancas, as rugas preocupadas não franzem a testa clara. Na cabeça as cãs onduladas e acostumadas ao chapéu.

A barba forma um triângulo isósceles, contraposta ao vastos bigodes ainda retorcidos nas pontas, formando um desenho inusitado e gentil nesse rosto forte. O conjunto de elementos dão ao retrato uma aura de dignidade. A foto de um homem que dominava o ferro, brincava com seu nome dizendo que muitas vezes fora *imPrudente* e gostava de ser

chamado de Papai Noel pelas crianças.

Notas

[1] Hercules Florence fez suas experiências para reprodução de imagem utilizando-se das propriedades da prata, na Vila de São Carlos, próxima a Campinas, em 1832.

[2] A grande maioria dos trabalhos se encontra em coleções particulares ou em museus na França, na Rússia, na Holanda e na Inglaterra. No Brasil, os Museus Castro Maia, na Chácara do Céu, Rio de Janeiro, possuem um importante acervo de obras desse período, em especial trabalhos de Debret e Rugendas.

BIBLIOGRAFIA

COSOY, Boris. A descoberta isolada da Fotografia no Brasil, São Paulo, Ed. (?)

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. Os artistas viajantes entre os séculos XVII e XIX. Rio de Janeiro, Ed. Pinakothek, 2002

Museus Castro Maia. Catálogo. 2002.

(*) Neusa Schilaro Scaléa é fotógrafa, formada pelo MAC – USP e museóloga especializada em museus de arte



Luzia Bin e Santos Bin, filhos de João Bin, em depoimento à Fundação Pró-Memória em Agosto de 2004

Os poços de Mestre João no início do século XX

Santos BIN (*)

João Bin nasceu em Breda de Piave, Província de Treviso, Itália, em três de Agosto de 1900. Órfão de pai aos cinco anos, foi criado, em parte, por seu tio, que tinha oficina de ferraria e lhe ensinou esse ofício.

Aos 18 anos serviu no exército, em plena Primeira Guerra Mundial, mantendo-se na retaguarda por ser jovem e estar em treinamento.

Após três anos de guerra, terminada em armistício entre Itália e Áustria, no ano de 1921, João Bin veio para o Brasil como imigrante, devido à pobreza reinante e à instabilidade do governo de seu país.

Veio juntamente com o irmão e a família de um tio – tio esse cujo ir-

mão, após pouco tempo no Brasil, foi para a França.

Ao chegar ao Brasil foi mandado para uma fazenda de plantações de café em Santa Cruz das Palmeiras, São Paulo. Porém sendo um profissional ferreiro, exerceu sua profissão e, desobrigado do contrato da imigração, veio para São Paulo, capital, e se instalou no Bairro do Ipiranga, em 1923. Lá se estabeleceu com oficina própria.

Casou-se em 1924, no Ipiranga, São Paulo, com Leopoldina Fracalossi, brasileira nascida em Santa Cruz das Palmeiras. (Filha de imigrantes: pai austríaco e mãe italiana.) Depois do matrimônio vieram residir definitivamente em São Caetano, distrito que pertencia ao Município de São Bernardo, São Paulo.

João Bin, pouco antes do casamento, estava trabalhando em São Caetano na firma Irmãos Perucchi – Serralheria e Carpintaria. Fazia manutenções e peças novas para as olarias e os vários aterros de várzeas nas margens do Rio Tamanduateí.

Em seguida, comprou um lote de terra na Rua Taba, nº 55, que hoje se chama Rua Antônio Barille, no Bairro da Fundação, e fez sua casa. Esse lote, infelizmente, não tinha água potável superficial, já que se tratava de terra de várzea.

João Bin, para obter água potável, introduziu um tubo de ferro galvanizado com diâmetro de cinco polegadas e comprimento de seis metros, e, por meio de cavadeira manual, captou água da areia, isolando águas nocivas da superfície.

Poços Artesianos e Sondagens para Geologia

OFICINA MECANICA CONsertas de MÁQUINAS EM GERAL

Perfuradores de poços artesianos e sondagens de geologia. (Grande capacidade para trabalhos de sondagem e perfuração.)
Consultas de projetos e planos para a instalação de máquinas e equipamentos para a perfuração.

PERFURAÇÃO DE

Perfuradores de poços artesianos e sondagens de geologia. (Grande capacidade para trabalhos de sondagem e perfuração.)
Tomada de trânsito em poços artesianos para a instalação de máquinas e equipamentos para a perfuração.

PERFURADOR JOÃO BIN

CONSERTEIRA DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA A PERFORAÇÃO DE POÇOS ARTESIANOS E SONDAÇÕES DE GEOLÓGICAS.

SERVIÇOS RÁPIDOS COM GARANTIA

TELEF. VICENTE DE ANGELIS RUA DA BOCA, 1990 - 1900 SÃO PAULO

Cartão Profissional de João Bin

João Bin, primeiro à esquerda, junto com o sócio Daniel. Ano de 1934, em Presidente Prudente, na perfuração do poço artesiano para a Prefeitura da cidade



Em primeiro plano, João Bin, em perfuração geológica no interior de São Paulo na década de 1920



Perfuração de poço artesiano no Bairro do Jabaquara, em São Paulo, executada por João Bin em 1946



Sondagem geológica para a construção de um prédio na Praça Mauá, Santos. Década de 1930

Perfuração executada na Serra do Mar, por João Bin, no Distrito de Bertioga

Fotos: Família Bin

Em 1930, obteve o Alvará de Construção nº 39, expedido pela Prefeitura de São Bernardo, para a construção de um grande barracão em São Caetano, na Rua Taba, nº 55.

Devido à crise que se prolongou de seis de Outubro de 1931 a 26 de Julho de 1934, João Bin trabalhou como técnico sondador para mineralogia, (apresentado pela Ingersol-Rand), a pedido da Companhia Nacional de Cimento Portland, no Rio de Janeiro, conforme atestado elaborado em Guaxindiba, Estado do Rio de Janeiro.

Nesse tempo de serviço aprendeu a dinamitar e adaptou essa nova técnica nas perfurações mineralógicas que fazia, para efeito de novas escavações em estação de pedras calcárias para o fabrico do cimento.

Essa técnica João Bin, ao sair da companhia, adaptou aos poços artesianos perfurados em rochas e também aos que não davam água, para ter um resultado positivo ou negativo da sua produção. O serviço era previamente combinado com o cliente, devido ao preço e ao perigo de explosão.

João Bin gostava de preencher seu tempo livre com novas técnicas, como por exemplo a revelação de fotografias (ano de 1929), o conserto de relógios, máquinas de costuras, vitrolas etc. (ano 1932). É de se ressaltar, ainda, que quando casou, em 1924, João Bin fez ele próprio toda a sua mobília.

Empresário, sempre residiu em São Caetano, tendo oficina e depósito de máquinas na Rua Taba, 55. Em 1942, mudou-se para a Rua Niterói, 159, e lá ficou até 1971, quando faleceu, aos 71 anos de idade e 50 anos de Brasil.

Quanto à mudança da oficina e do depósito de máquinas, em 1942, ambos se transferiram para a Rua da Mooca, 1049-1054, mediante acordo com o sócio Vicente De Angelis, que morava no Bairro da Mooca, São Paulo.

Com uma bomba manual para a tiragem da água, passou a servir em abundância a todos os vizinhos que se dispunham a vir buscar e tirar. Como esse poço semi-artesiano deu bom resultado, passou a construir outros nas redondezas.

Nessa ocasião, 1924 a 1926, trabalhando na firma dos Irmãos Perucchi, conheceu o engenheiro Prudente Noël, dono da firma Construções Metálicas, no Bairro da Fundação.

Com consentimento dos Irmãos Perucchi, Noël convidou João Bin para trabalhar em sua metalúrgica.

Depois de certa experiência com o engenheiro Prudente Noël, João Bin, por indicação do próprio Noël e a pedidos do engenheiro Corner, transferiu-se para a firma Construções de Poços Artesianos, onde aprendeu definitivamente a técnica de perfuração de subsolo, com o auxílio de diversas máquinas importadas.

Esse tempo entre a saída da firma dos Perucchi e da firma Construções Metálicas e a saída da firma de Construções de Poços Artesianos durou até 1929. Nesse ano, começou a trabalhar como autônomo nas perfurações de subsolo e poços.

Obras de João Bin

O empresário João Bin teve seis sócios. Apenas um deles, Vicente De Angelis, a partir de 1942, obteve metade do capital aumentado, sendo o último sócio até o ano de 1966, quando ajudou a levar a firma para o Bairro da Mooca.

Abaixo seguem os serviços gerais na documentação deixada por ele. Eu, Santos Bin, calculo que 80% de todo o trabalho realizado não consta desta relação, já que se trata-va substancialmente de atividade técnica.

Eu saí da empresa em 1950; ele, em 1966. Diante disso, o relato que se segue corresponde apenas ao que nos foi possível resgatar.

OBRAS - 1941 – *Duas perfurações - diâmetro de 0,60 m e profundidade de 30 m (além de outros 12 m em rocha granítica) - com a finalidade de criar respiros (chaminés) e captar água para o túnel que transporta o líquido do rio até a descida dos tubos da Usina de Força Elétrica de Itatinga, propriedade da Companhia Docas no Porto de Santos, São Paulo.*

Feito importante nessa ocasião foi, mediante o corte e a perfuração da rocha granítica, a obtenção de testemunhos (pedaços intactos de pedra em forma cilíndrica). Até então ninguém no mundo conseguira realizar tamanha proeza, de sorte que o trabalho do técnico João Bin cidadão sancaetanense, tornou-se digno de figurar no Livro dos Recordes.

Insisto em dizer que essa obra foi de inteira responsabilidade de João Bin; desde a invenção do maquinário até o término das atividades. Seus sócios Souza Dias & Parolari tinham somente parceria burocrática.

Outro serviço realizado em 1941, dessa vez no Guarujá, mais precisamente no Forte Munduba, para o Exército, foi a perfuração (diâmetro de 0,30 m) em terra e rocha, com ►



Família Bin

Ano de 1951, São Caetano do Sul, Rua Taba (atual Rua Antônio Barile), Bairro da Fundação. Da esquerda para a direita: Santos Bin, Todom, Felício, Leopoldina, Dona Aparecidinha, (?) e Dona Maria Portuguesa. As crianças: Lurdinha, Zezinho, Cidinha e Ruizinha

As máquinas perfuratrizes de solo (terra ou rochas) eram ao todo 16: cinco pequenas, quatro médias e sete grandes, acionadas por 25 empregados treinados.

O senhor João Bin, após sair dos dois empregos de perfurador de subsolo (sondador), fez suas próprias máquinas para uso próprio. Achava as máquinas fabricadas por grandes firmas muito pesadas e de difícil remoção e instalação. As suas eram mais práticas e portáteis.

Fazia também as brocas de diversos tipos e diâmetros que usava

na perfuração de terra ou rochas. Usava inclusive aço granulado temperado, feito através da reciclagem de molas de fios de aço usadas e cabos de aço, que permitiam melhor penetração no corte das rochas.

Foi o pioneiro ou inventor de poços semi-artesianos, usando tipos de cimento com profundidade média de 120 metros e diâmetros de 6, 8, 10 e 12 polegadas, que eram suspensos por meio de quatro arames grossos galvanizados. Isso tudo havia sido idealizado para baratear o custo dos tubos galvanizados de ferro, não permitindo que enferrujassem com o passar do tempo.

O início das construções desses tipos de poço aconteceu em 1948. (Hoje, em 2004, os poços são construídos com tubos de PVC.)

Nota de esclarecimento de nomes: Poços artesanais são aqueles que jorram água sem o auxílio de mecanismo (bombas ou compressor de ar comprimido) para extração. Poços semi-artesianos são aqueles que não jorram água naturalmente, mas apenas com a ajuda de mecanismos. Ambas as construções, porém, independentemente dos nomes, são idênticas.

() Santos Bin é ex-funcionário aposentado da General Motors*



Família Bin

Família de João Bin, em 1941. De pé, da esquerda para a direita: Maria de Lourdes Bin, Santos Bin e Luzia Helena Bin. Sentados: Leopoldina Fracalossi e João Bin

► profundidade e perfil inclinado, com o fito de viabilizar o transporte de munições entre os depósitos e os canhões de defesa na superfície.

Também esse serviço teve parceria com a firma Souza Dias & Parolari, mas toda a técnica e o maquinário foram idealizados por João Bin. Eu, tendo meu pai como técnico responsável, fiz diversos serviços, além de ajudar em tantos outros, aprendendo a profissão.

1947 – Poço semi-artesiano, somente em rocha granítica, na Fábrica de Caminhões Fargo - São Bernardo, São Paulo; poço semi-artesiano numa fábrica de bebidas em Jundiá, São Paulo, feito com tubos de aço; poço semi-artesiano na Colônia de Férias do SESC em Bertoga, São Paulo; sondagens geológicas para a nova barragem da Usina no Rio Atibaia em Americana, São Paulo.

1948 – Poço semi-artesiano, 110 m, revestido com tubos de cimento (invenção do técnico João Bin), e uma sondagem de 180 m para os Irmãos Tonetti no Ipiranga, São Paulo.

1950 – Dois poços semi-artesianos para uma tinturaria e estamperia de tecidos no Bairro de Pompéia, São Paulo.

SERVIÇOS - Antes de 1930, João Bin trabalhou com sondagens geológicas para a Estrada de Ferro Santos-Jundiá no trajeto da descida da Serra do Mar; trabalhou também em Piracicaba, em Diamantina (com sondagens mineralógicas), no Rio Paranapanema (São Paulo), no Rio Tietê e na Usina Avanhandava.

1930 – Sondagens geológicas em Santa Fé.

Após 1934, construção de poço semi-artesiano para a Prefeitura de Presidente Prudente.

1936 – Sondagens em terrenos da Companhia Docas de Santos.

1937 – Poço semi-artesiano para Júlio Zimmermann (Vila Bela, São Paulo); Ingersoll-Rand apresenta João Bin, técnico mecânico para sondagens geológicas com máquina rotativa Calix H35, à Construtora Gruen & Bilfinger-serviços em Vitória, Espírito Santo.

1938 – O Dr. Francisco Matarazzo Sobrinho, por intermédio do engenheiro Guilherme Prudente Noël, pediu a João Bin que refizesse o poço semi-artesiano de 147 m na antiga Fábrica de Formicida em São Caetano do Sul, por estar ele – João Bin - bem capacitado e aparelhado para tal obra; perfurações geológicas na Usina Jaguari para nova represa em Campinas; poço semi-artesiano para a Indústria de Tanino Carazza, São Caetano do Sul, por intermédio de Jorge Erdeby; serviços de sondagens geológicas e perfurações para o Cais do Porto de Santos, Companhia Docas; São Vicente - construção de poço semi-artesiano para a firma Cardamone (curtume), presenciada a execução por Santos Bin.

1939 – Perfurações geológicas em Curitiba, Barra do Cunhahy no Rio São João, Empresa Força e Luz Ribeirão Preto, Firma Irmãos Rando em Americana - SP.

1940 – Dois poços semi-artesianos construídos para a firma Organo Química em Indianópolis; sondagens mineralógicas para a E.F. Araquaraense.

1941 – Indianópolis, São Paulo, construção de um poço semi-artesiano, revestido com tubos de cimento, para a firma Sociedade de Ferro Puro; serviços de perfurações geológicas para a Companhia Força e Luz de Minas Gerais, Santa Bárbara; por meio de Jorge Erdely constrói diversos poços semi-artesianos em Assailândia, Município de Jatay, Estado do Paraná; trabalhos de sondagens nos Estudos Hidroelétricos do Rio Preto em Ponte Nova, Teresópolis, Rio de Janeiro, para as Empresas Elétricas Brasileiras S/A; Estado do Paraná, Caeté, em terras de propriedade de Honorato Ferreira: sondagens para extração de carvão mineral; serviços para a E.F. Sorocabana: sondagens mineralógicas para carvão mineral, Fazenda Imbaú, Rio do Peixe, Distrito de Caeté, Paraná.

1942 – Companhia Campineira de Tração, Luz e Força: sondagens geológicas para a barragem da Usina de

Jaguari, Município de Pedreiras (intermediário Vicente de Angelis, sócio João Bin); São Caetano do Sul: abertura de um poço semi-artesiano para a Indústria Dal' Mas Cia. Ltda.

1943 – Itajubá, Minas Gerais, Bicas do Meio: poço semi-artesiano com profundidade de 150 m; Rio de Janeiro, Teresópolis, Ponte Nova, Barra do Rio Preto: perfurações geológicas.

Conforme documento - Imposto Sindical, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - a firma de João Bin mantinha-se ativa na Rua Taba, 55, em São Caetano do Sul, fazendo contratos de serviços iguais aos do modelo de 1938. (Apenas com representantes diversos, engenheiros etc., em São Paulo – capital - e no Rio de Janeiro.)

Vale lembrar que, no governo de Adhemar de Barros, em São Paulo, mais precisamente na construção da Via Anchieta (São Paulo a Santos), João Bin fez sondagens geológicas para a construção de viadutos na Serra do Mar.

SERVIÇOS NO EXTERIOR – Em 1950, em trabalho na Estrada Mista Ferroviária Brasileira Boliviana e Estrada Ferroviária Corumbá (Santa Cruz), fez poços semi-artesianos em Quimame, Bolívia, para abastecer as máquinas (locomotivas) a vapor no trajeto ferroviário.

Retornando um pouco no tempo, relato que meu pai (João Bin) trouxe para São Caetano do Sul seu tio Luiz Bin e família, imigrantes italianos. Também trouxe quatro famílias do Rio de Janeiro e mais amigos que fizeram questão de trabalhar com ele.

Quanto ao Engenheiro Prudente Noël, João Bin o tinha como verdadeiro pai e conselheiro técnico, de 1924 a 1954, quando faleceu. Sempre lhe deu uma casa ao lado da sua para morar.

João Bin e sua esposa Leopoldina Fracalossi tiveram como filhos eu (Santos Bin) e duas moças, além de uma menina adotada (sobrinha). Todos fomos criados em São Caetano do Sul, e nosso pai nos deu todo o apoio, a escolaridade e o amor de que necessitávamos.

Arquitetura de ferro no Grande ABC: história e ferrovia

André Luis Balsante CARAM (*)

Construída pelos ingleses para atender interesses capitalistas do sistema agrário-exportador e para o escoamento da produção cafeeira, a implantação da Estrada de Ferro São Paulo Railway, na segunda metade do século XIX, revolucionou o sistema de transporte com a ligação do litoral ao interior paulista, colocando São Paulo no centro da economia do país, e introduzindo, no campo da arquitetura, uma nova linguagem estética, ditada pela arquitetura de ferro, que se manifesta em várias estações e instalações ferroviárias. As marcas deixadas pela São Paulo Railway ainda podem ser vistas na arquitetura de algumas estações, construídas com artefatos importados de ferro, as quais constituem verdadeiros marcos do patrimônio da arquitetura industrial e ferroviária presente na região do Grande ABC e em São Paulo.

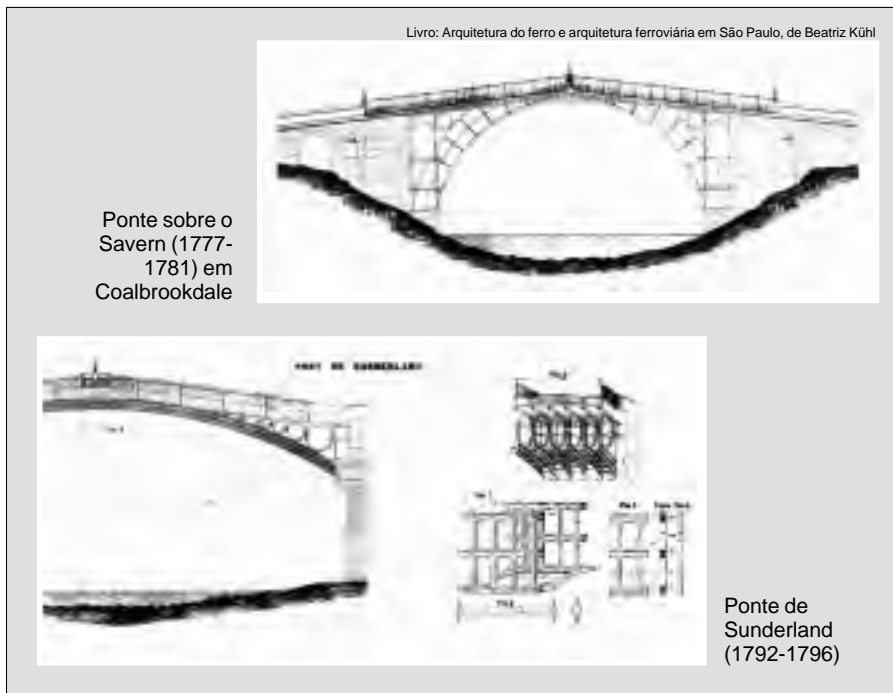
A ferrovia foi a principal construção a empregar o ferro em grande escala tanto no Brasil quanto nos países estrangeiros, onde este material permitiu novos rumos para a arquitetura, para a engenharia e para o desenvolvimento técnico e científico. Em São Paulo, o início do uso de ferro ocorreu possivelmente com a implantação da Estrada de Ferro São Paulo Railway e a construção do sistema de funiculares na Serra do Mar. *O início do uso do metal em construções significativas em território paulista parece ter sido, justamente, com os viadutos da Serra do Mar, cujo primeiro plano inclinado foi inaugurado em 1864,*¹ representando um grande marco da engenharia britânica no país, que, nas palavras de Arlete Monteiro,

*era motivo de espanto e admiração para os próprios ingleses.*²

A implantação dessa ferrovia, que introduziu o uso do metal em São Paulo, foi um dos principais fatores para o desenvolvimento da região do ABC e para o surgimento de suas primeiras indústrias, que se instalaram principalmente nas proximidades da malha de ferro e das estações ferroviárias, de modo a facilitar o tráfego de matéria-prima, o escoamento da produção e o acesso ao centro econômico de São Paulo. *Algumas estações foram gergens de novas cidades ou o trem foi fator de desenvolvimento de pequenos núcleos que se transformaram em importantes entroncamentos ferroviários e entrepostos comerciais.*³ *A profusão de ferrovias foi a responsável pela integração de grande parte do território paulista ao surto de desenvolvimento econômico, que tornou o Estado o principal*

*centro produtor e exportador do café.*⁴ O reflexo do advento ferroviário repercutiu não só na região do ABC, antigamente conhecida como São Bernardo, mas principalmente na cidade de São Paulo, que passou por grandes transformações. *A importância econômica dessa obra não pode deixar de ser mencionada pois provocou, juntamente com a navegação a vapor, a articulação da capital e do interior do estado com o mercado internacional. Abriu espaço para novas atividades empresariais, quer no setor de transporte (novas ferrovias, navegação e bondes de tração animal), quer na exploração de alguns serviços urbanos, como água e gás, bem como na construção civil.*⁵

O crescimento das atividades comerciais, ocasionado pelo acúmulo de capitais do complexo cafeeiro, o aumento do número de imigrantes, que trouxeram novos



Livro: Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo, de Beatriz Kühl

Ponte sobre o Savern (1777-1781) em Coalbrookdale

Ponte de Sunderland (1792-1796)

costumes, hábitos e introduziram na construção civil uma nova linguagem arquitetônica através de novos materiais construtivos, como tijolo, ferro e vidro, e, principalmente, a implantação do sistema de transporte ferroviário repercutiram abrupta e diretamente nos modestos padrões da cidade de São Paulo, mudando definitivamente o seu cenário sociocultural, físico e urbano. A cidade passou a demandar um grande número de construções, instituições, lojas comerciais e serviços de infra-estrutura, provocando a ampliação de seu território urbano e a construção de novos bairros em áreas ainda não urbanizadas, para a burguesia, com bairros planejados nos modernos padrões do urbanismo sanitário, e para a classe operária, em sua maioria imigrantes, que ficou relegada às várzeas próximas aos rios e vales, em bairros industriais construídos para atender aos interesses capitalistas de manutenção de mão-de-obra perto das fábricas e indústrias. São Paulo foi se modernizando e crescendo ao ritmo de fábricas, bondes, comércio, construções e ferrovias, semelhante às cidades européias, com seus costumes e culturas: jornais, correio e viajantes passaram a circular diariamente pelas cidades e havia em toda a área um clima de renovação. (...) *Em muitos aspectos a estrada de ferro mudou a face das cidades, introduziu os diferentes aspectos da vida moderna, e chegou a transformar as noções de tempo, de pressa, de pontualidade, de hora certa e valor comercial.*⁶

Nesse processo de contínua modernização e construção, a presença de profissionais especializados como engenheiros, arquitetos, construtores, pedreiros, mestres-de-obra, marceneiros, ferreiros, foi fundamental para o desenvolvimento da cidade paulista. Igualmente fundamental foi a criação de cursos profissionalizantes voltados para a

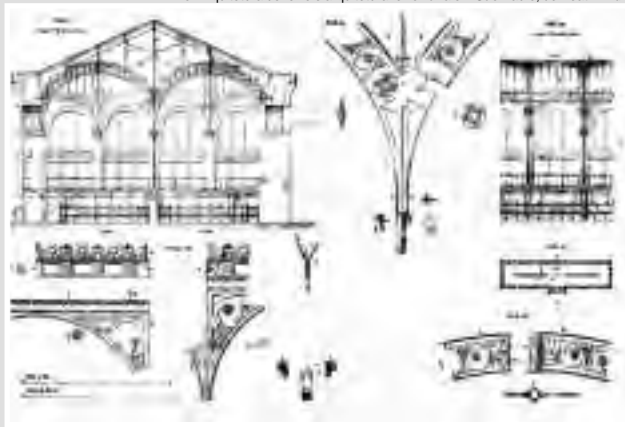
urbanização e para a construção da cidade, ministrados, primeiramente, por professores estrangeiros que muito colaboraram para o desenvolvimento e a consolidação de várias profissões técnicas e científicas.

Com a necessidade de ampliação do espaço físico e dos serviços urbanos, as cidades tornaram-se importantes alvos para a entrada de investimentos estrangeiros, principalmente de origem britânica, que aportaram no país trazendo toda a sorte de novidades e utilidades industrializadas: ferrovias, hidroelétricas, cais, bondes, serviços de iluminação, energia e água, telégrafos, empresas de prestação de serviços, bancos, construtoras etc.. De fato, eram serviços, equipamentos e maquinário que modernizaram as cidades e geraram grandes vantagens financeiras para os países que detinham essa tecnologia; conseqüentemente se consolidou a dependên-

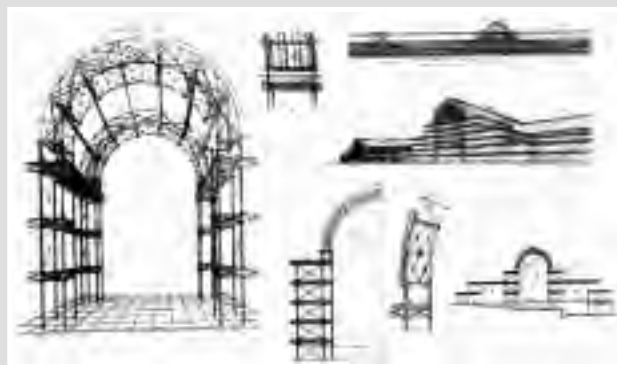
cia econômica e cultural dos países em processo de industrialização em relação ao capital estrangeiro. *Os britânicos formaram consórcios nacionais e internacionais, e se apresentaram, mais uma vez, como benfeitores das sociedades subdesenvolvidas, incutindo-lhes as idéias de progresso econômico, o que significava dizer consumo de produtos industrializados.*⁷

Em função da economia cafeeira, a ferrovia consolidou-se como principal meio de deslocamento e integração entre o litoral e as cidades do interior paulista, resultando em maior rapidez, maior capacidade de transporte de carga e considerável redução dos custos em relação ao sistema realizado por animais, que durante anos constituiu um negócio lucrativo para os tropeiros e criadores de muars. (Esse sistema entrou em decadência com o advento do sistema ferroviário que, além

Livro: Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo, de Beatriz Kühl



Biblioteca Sainte Geneviève (1843-1850), em Paris. Projeto de Henri Labrouste



Palácio de Cristal (1851), de Joseph Paxton. Reconstruído em Sydenham, após a exposição, e destruído em um incêndio (1843-1850)

de alterar definitivamente o sistema de transporte em São Paulo, consolidou definitivamente o emprego e a produção de ferro em grande escala.) As ferrovias foram responsáveis por grandes transformações nas cidades e pelo surgimento de um novo tipo arquitetônico, as estações, além de depósitos, garagens de locomotiva etc.⁸ No entanto, despertavam em todos uma tal sensação de novidade e modernidade que não permitia que outros usos do ferro se destacassem. Deve-se entender esse também como uma coerência entre o material novo e o novo meio de transporte, pois não se poderia conceber uma locomotiva a vapor ou um trilho que não fosse em ferro.⁹

A produção em grande escala dos materiais ferrosos deve-se aos constantes aprimoramentos técnicos, que os tornaram tão populares quanto a pedra e o tijolo, permitindo-lhes diversas aplicações. Inicialmente, foi empregado o ferro fundido; em seguida, o ferro propriamente dito (ferro doce ou obtido por meio de pudlagem), destinado a ser forjado, laminado ou prensado em chapas; e, finalmente, o aço.¹⁰ Na Inglaterra, a produção industrial de ferro fundido ocorre com a Primeira Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, após a divulgação das descobertas e experiências de Abraham Darby, em Coalbrookdale, e de Huntsmann em Sheffield (...). Darby desenvolveu, em 1709, uma técnica para empregar o carvão mineral, em vez do vegetal, a fim de converter o minério de ferro em ferro fundido. Darby utilizava o coque vindo de jazidas da região, que continha apenas uma pequena quantidade de enxofre, cuja presença havia sido o principal obstáculo às experiências anteriores. O coque tinha ainda outras vantagens, em relação ao carvão vegetal, como a de ser mais barato e permitir o emprego de fornos

maiores. Possibilitava, também, a obtenção de temperaturas mais elevadas que resultavam em moldagem mais fina e precisa.¹¹

Produzido em larga escala, o ferro populariza-se na construção civil e torna-se competitivo em relação aos materiais de construção. As descobertas científicas acrescidas da facilidade de obtenção de matéria-prima, bem como a estrutura comercial voltada ao mercado externo, tornaram a Inglaterra capaz de deter o privilégio de domínio do



Livro: Aspectos da história da engenharia civil em São Paulo, de Nelsor G. Reis Filho

Viaduto Grotta Funda, construído pela São Paulo Railway (1860-1867)

mercado internacional de ferro, a ponto de ter sido considerada a "oficina mecânica do mundo".¹² A partir da segunda metade do século XIX, a concorrência de países como Bélgica, Alemanha e França começam também a despontar no comércio internacional, o que vem a negar a propagada lenda sobre a suposta origem inglesa de tudo quanto é produto siderúrgico importado da Europa.¹³

Conforme Kühl, o primeiro exemplo de construção em grande escala utilizando o ferro fundido foi a ponte sobre o Savern em Coalbrookdale (1771-1781), com 30

metros de vão. A concepção estrutural da obra era semelhante à de pedra, e a junção das partes foi baseada em técnicas de construção de tesouras de madeira. Esses mesmos métodos também foram empregados na ponte de Sunderland (1792-1796), que venceu um vão de 71 metros através de um único arco. A partir dessas primeiras experiências seguiu-se um desenvolvimento natural onde o ferro foi capaz de vencer vãos cada vez maiores.

Logo o material passou a ser aplicado num misto de estruturas de pilares, vigas e alvenaria de tijolos, unindo as novas técnicas e as tradicionais, numa composição de ferro e tijolo. Os primeiros exemplos foram aplicados em fábricas e em indústrias, construídas com pilares de ferro fundido, que permitiam vãos maiores, redução do número de suportes e, conseqüentemente, maior área para a instalação dos equipamentos fabris e maquinários. Algumas experiências também exploraram a aplicação de ferro fundido em pisos e em reconstrução de edifícios que sofreram incêndios, por ser um material incombustível e de grande resistência à compressão. E também na cobertura de algumas edificações em que o ferro resultava em melhores soluções e grandes vantagens. Com o tempo, o material foi aprimorado tecnicamente, graça aos estudos de estática e resistência dos materiais, desenvolvidos pelos franceses, enquanto os ingleses aperfeiçoavam as técnicas de produção de ferro.

Dessa forma, o surgimento de novos materiais construtivos, como vidro, ferro fundido, ferro laminado (que provém da purificação do ferro fundido e pode ser forjado, laminado ou dobrado a quente ou a frio, permitindo junções e emendas com rebites), chapas de ferro corrugado e de ferro galvanizado, além do aço, resultaram numa nova linguagem arquitetônica e construtiva e numa

verdadeira revolução no campo estético, o que permitiu maior liberdade de criação e alcance de vãos maiores com um mínimo de material. No entanto, as formas dessas estruturas pré-fabricadas tinham como princípio as formas clássicas, que eram bem aceitas pelo público consumidor e que atendiam aos conceitos do próprio período arquitetônico, arraigado no historicismo e nos vários revivals, imitando os estilos do passado, mesclando várias formas, detalhes e composições, sem necessariamente criar um estilo novo.

Alias, o período cultural do século XIX foi marcado pela busca de um estilo que representasse aquela época, demonstrando assim as contradições entre os avanços tecnológicos e a falta de expressividade dos projetos arquitetônicos, basicamente retirados dos tratados e compêndios de arquitetura, que apresentavam padrões de tipologias arquitetônicas baseados em formas do passado, o que tornava a arte de projetar tarefa tão sistematizada quanto à própria produção dos elementos industrializados. *As formas derivadas das técnicas artesanais e da tradição clássica foram transplantadas para a maioria dos elementos produzidos industrialmente, sem haver um real empenho em repensá-las e transformá-las. Contu-*

do, alguns dos materiais empregados de maneira original, como o ferro, o vidro e, posteriormente, o concreto armado, levaram alguns inovadores a uma nova arte de construir (...). Progressivamente, após um período inicial em que o ferro recebia um tratamento formal mais apropriado aos materiais tradicionais, suas características técnicas e estéticas passaram a ser mais bem exploradas, fazendo dele um dos únicos materiais, durante o século, a atingir expressão formal própria.¹⁴

Essa nova estética só foi alcançada mediante o uso correto desses materiais, explorando seu verdadeiro potencial e não apenas empregando-o com mero uso decorativo ou ornamental. Mesmo assim não se pode negar o grande desenvolvimento téc-

nico que se seguiu a partir de várias experiências com o uso de ferro, como por exemplo nas fachadas de ferro dos edifícios construídos nos Estados Unidos, na cidade de New York, largamente exploradas por Daniel Badger, que possuía uma fundição e podia até mesmo construir um edifício inteiro de ferro.

Essas questões demonstram os embates culturais e as contradições da época, culminando numa distinção entre o ofício dos engenheiros, destinado a resolver os problemas técnicos e de cálculos, e o dos arquitetos, relegado aos conceitos estéticos e formais. Tal distinção ecoa até os dias atuais, principalmente em nosso país, onde ambas as profissões ainda são mal compreendidas, embora já tenham estado unidas num determinado momento histórico, como no caso do Curso de Engenheiro-Arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo, que formava arquitetos com ênfase também nas questões de engenharia, mas que perdeu até 1948, quando foi fundado o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Com o tempo, alguns inovadores souberam empregar o ferro mais adequadamente e de modo bastante original em razão de suas características técnicas, *fazendo dele um dos únicos materiais, durante séculos, a atingir expressão formal pró-*



Estação de Paranapiacaba, destruída em incêndio, em 1981. Alpendre construído, possivelmente, com materiais da Walter Macfarlane.

Fundação Pró-Memória



Livro: Aspectos da história da engenharia civil em São Paulo, de Nestor G. Reis Filho

Interior da estação da Luz, em São Paulo



Vista da plataforma da Estação de Rio Grande da Serra

pria.¹⁵ Por exemplo, a Biblioteca Sainte Geneviève (1843-50), de Henry Labrosse, em Paris, o primeiro edifício público francês a empregar ferro, e o *Pavilhão da Exposição Universal de Londres* (1851), de Joseph Paxton, concebido em estruturas modelares e padronizadas, inteiramente de ferro e vidro, são verdadeiros paradigmas da arquitetura universal e do uso bem empregado do ferro.

Essas e outras obras mostraram a potencialidade construtiva do ferro e muitos são os exemplos de sua boa aplicação, que se estendeu a praticamente todas as tipologias urbanas surgidas em função da Revolução Industrial e do próprio desenvolvimento da cidade, que necessitava de novos programas arquitetônicos, antes não existentes, como lojas de departamento, edifícios de escritórios e comerciais, fábricas, galerias, mercados e estações ferroviárias, os quais favoreceram o seu aprimoramento técnico e a sua introdução no mercado exterior, principalmente em cidades de países subdesenvolvidos que passavam por processo de expansão e construção urbana. *Quando o ferro passou a ser utilizado na construção de ferrovias, locomotivas, edifícios, navios, maquinaria, sistemas de instalações sanitárias de gás, criou-se um mercado que logo deixou de ser interno e passou a ser ex-*

*terno, para garantir a rentabilidade dos investimentos e, até mesmo, a sobrevivência da indústria siderúrgica.*¹⁶

No século XIX, o ferro passa a ter grande aceitação em diversas áreas de interesse, entre a arquitetura e a construção civil. A diversidade de elementos padronizados criou um frutífero mercado de comercialização de peças metálicas, e também de edifícios pré-fabricados, que foram largamente exportados para os países não industrializados, tendo a Inglaterra como o país que mais se destacou na produção e co-



José Roberto Gianello

Passarela metálica da Estação de Campo Grande, em Santo André

mercialização de produtos industrializados de ferro. Apesar de não ser o único país a produzir ferro, foi o primeiro a produzi-lo em escala considerável e se beneficiou do monopólio das relações comerciais com o mundo subdesenvolvido; monopólio esse que se estabeleceu entre fins do século XVIII e início do século XIX. No último quartel do século XIX, o que se viu foi uma efetiva rivalidade dos países desenvolvidos e industrializados na disputa de mercados. Assim, chegaram até o Brasil vários edifícios pré-fabricados de ferro, instalados em cidades que estavam se modernizando e necessitavam de construções de montagem rápida e prática, algo que, naquela época, só o ferro podia proporcionar.

No Brasil, o início da siderurgia pode ser datado a partir da vinda da Corte Portuguesa, que fundou a Real Fábrica de Ferro do Morro do Pilar, em Minas Gerais, e a Real Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, em São Paulo. Esta última fábrica perdurou até 1913, mas sofreu vários recessos em sua produção. Além disso, a produção brasileira também sofria a concorrência de produtos e equipamentos importados, que tinham preços mais competitivos no mercado. A fundação de escolas de engenharia também contribuiu para disseminar a cultura do ferro, através do ensino de metalurgia. Apenas após a Primeira Guerra Mundial a produção brasileira passou a ser em escala industrial, e São Caetano foi a primeira cidade do país a instalar um forno Siemens-Martins, na Usina Companhia Mecânica e Importadora, em 1918.

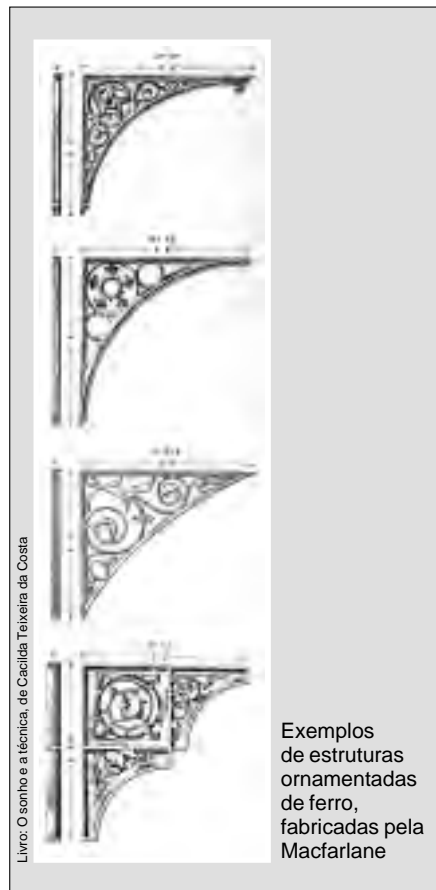
Nessa companhia, trabalhou, supervisionando o departamento técnico e dos desenhistas, o engenheiro belga Prudent Guillaume Noël (1869-1954), que deixou rastros de sua história também em São Caetano, principalmente com a instala-

ção da primeira empresa de construções metálicas na cidade. Essa firma perdurou, provavelmente, até finais da década de 1910, fornecendo perfis de ferro, para pontes, mercados e instalações industriais, conforme mostram algumas fotos de suas obras.

O fato acima insere-se num período histórico do Brasil onde era comum a importação de estruturas pré-fabricadas de ferro, já que a siderurgia no país estava em processo de formação. Em algumas cidades brasileiras, Manaus, Belém, Recife e Fortaleza, que passavam por rápido crescimento urbano, a necessidade de grande número de construções levaram estas cidades a importar vários materiais de construção, além de uma quantidade expressiva de edifícios de ferro pré-fabricados, dotando o país com preciosos exemplos da arquitetura de ferro vindos Europa.¹⁸ *A estrutura pré-moldada do ferro fundido constitui-se numa solução bastante facilitadora porque de rápida e simples execução, permitindo aos governos, principalmente, providenciar edifícios públicos de belo porte e grandes dimensões em locais de mão-de-obra precária.*¹⁹ *A contribuição da siderurgia nacional para a arquitetura do ferro no Brasil foi, dessa forma, pequena, e muito do metal utilizado, tanto nas estradas de ferro quanto na construção, era importado.*²⁰

Na construção das estradas de ferro, algumas firmas marcaram presença com o fornecimento de estruturas pré-fabricas. Entre elas destaca-se a Walter Macfarlane & Co., que iniciou suas atividades, em 1850, produzindo os mais variados tipos de peças metálicas para uso utilitário, ornamental, elementos decorativos, estruturais, sanitários e equipamentos urbanos. Desta firma veio a maioria das estruturas de ferro fundido das estações construídas pela São Paulo Railway, aplica-

das em diferentes elementos da arquitetura ferroviária, que evoluiu de simples coberturas de ferro para as plataformas aos extensos programas das estações de trem. Estas últimas eram semelhantes às estações construídas na Europa, compostas pela cobertura de estrutura metálica que abrigava as plataformas e os trens e pelos edifícios de arquitetura



Livro: O sonho e a técnica, de Caidida Teixeira da Costa

Exemplos de estruturas ornamentadas de ferro, fabricadas pela Macfarlane

ra eclética, erguidos de alvenaria, como por exemplo a Estação da Luz, concluída em 1901.

Conforme Geraldo Gomes da Silva, as estações ferroviárias eram *templos da nova tecnologia e seus espaços se multiplicavam pela criação de serviços, utilizados por indivíduos de todos os níveis sociais. Não era pois estranho que os arquitetos passassem a tratar as estações como o faziam com os demais edifícios públicos, tais como ministérios, palácios da justiça, on-*

*de os espaços eram dominados por arranjos decorativos quase sempre carregados de um alto teor simbólico. (...) Tudo se passa como se a coberta para os trens fosse um simples abrigo, ao qual se poderia e deveria incorporar todos os avanços tecnológicos contemporâneos. Contudo, o edifício em alvenaria teria de se caracterizar pelo gosto do cidadão, ainda preso aos preconceitos estabelecidos pela arquitetura.*²¹ Assim como as primeiras pontes de ferro careceram de experiências e aprofundamento técnico, as estações ferroviárias também eram programas arquitetônicos novos e, portanto, não estavam alheias às contradições e aos embates que permearam o próprio período cultural do século XIX.

Na Província de São Paulo, o papel da ferrovia na ligação de várias cidades foi fundamental para o desenvolvimento econômico da região, principalmente com a construção da Estrada de Ferro São Paulo Railway, que, passando por cidades do atual Grande ABC como São Caetano, Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, propiciou a evolução dos espaços urbanos, do comércio e da indústria na região, além de ter deixado preciosos exemplos da arquitetura de ferro. As primeiras estações construídas na região do Grande ABC datam da abertura da Estrada de Ferro São Paulo Railway, em 16 de Fevereiro de 1867: Alto da Serra, (que depois passou a se chamar Paranapiacaba), Rio Grande da Serra, (antiga Rio Grande) e Santo André. Com a construção de uma segunda linha, novas estações foram criadas: Campo Grande (1889), Ribeirão Pires (1885), Mauá (antiga Estação Pilar, 1883) e São Caetano. Dessa linha, as mais recentes são: Guapituba (1907), Capuava (1920), Pirelli (1943), Prefeito Saladino (1952), Utinga (1933) e Tamanduaí (1955).



Passarele anglaise

Algumas dessas estações se destacam pelas suas características em comum e pelo emprego de estruturas pré-fabricadas de ferro em contraste com a alvenaria de tijolos aparentes, como as estações de Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires, construídas dentro da mesma filosofia daquela empresa ferroviária. *Tanto nos elementos de ferro fundido quanto nos contrastes realizados com a alvenaria de tijolos à vista e os pormenores de madeira recortada, sente-se uma preocupação que chegava aos últimos detalhes de acabamentos e desenho das formas.*²² Com apenas um pavimento, ainda conservam suas características originais que mesclam várias técnicas e vários materiais construtivos, como a alvenaria de tijolos, que forma saliências, pilastras e ressaltos, sem falar dos detalhes de madeira que arrematam portas e abertura, e, no nosso estudo, os primorosos elementos de ferro, que foram importados e estão presentes na seqüência de colunas pré-fabricadas de ferro fundido, pelos consoles ornamentados e pelos elementos para escoamento das águas pluviais, todos produzidos pela fundição de Walter Macfarlane, de Glasgow.

Tais estruturas não serviam apenas como suportes estruturais, mas compunham uma estética com identidade própria que se integrava agradavelmente ao conjunto arquitetônico da estação. *Os equipamentos, em sua maioria importados da Grã-Bretanha, são de alta qualida-*

*de e grande unidade de estilo e dão até hoje, às estações que os conservaram, um aspecto extremamente gracioso. Dessa maneira estavam em sintonia com o fabricante Macfarlane, que também ia aos últimos detalhes até a respeito dos elementos menos significativos,*²³ como as braçadeiras de fixação de calhas e condutos. Além dessas estruturas, destacam-se na cultura do ferro as passarelas metálicas treliçadas, sustentadas por pilares de ferro fundido, comuns em várias estações, e também em Campo Grande. Esse tipo de passarela, nos estudos de Beatriz Kühl, era denominado de *passarelle anglaise*, de acordo com os tratados ferroviários de língua francesa.

Contudo, pode-se dizer que essas antigas estações, e mesmo aquelas que não se inserem no panorama da arquitetura de ferro, contribuíram grandemente para o desenvolvimento e ocupação do

Grande ABC, além de terem deixado fortes lembranças na memória daqueles que presenciaram os tempos áureos dessa ferrovia que, depois de ser encampada pela União, foi gradativamente descaracterizada, culminando no abandono, na demolição e substituição de antigas estações por modelos mais modernos de concreto e vidro. Mesmo assim, marcaram indelevelmente a paisagem e o ritmo de vida da população, em vários aspectos: a arquitetura tipicamente de características inglesas; os horários rígidos dos trens e a pontualidade britânica que regia a vida cotidiana da população; as cancelas das estações que emperavam a passagem de cortejos, casamentos, funerais, mas eram sempre motivos de diversão para a criançada, que costumava subir nas porteirosas; as longas filas de congestionamentos para atravessar a linha; o ir e vir dos trens de carga e de passageiros rasgando os trilhos e bafurando sua densa nuvem de fumaça, anunciando sua chegada e partida; o apito singular e inconfundível da locomotiva. Enfim, essas e tantas outras lembranças, algumas delas ainda presentes na paisagem, transformam a ferrovia numa fonte inesgotável de estudo e lembranças para historiadores, memorialistas, pesquisadores, preservacionistas, saudosistas e interessados em geral.



Vista da plataforma e da antiga Estação de São Caetano do Sul

Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

Estação atual de São Caetano do Sul.

Por volta da década de 1970, várias estações foram demolidas para dar lugar a estações maiores, apagando-se com isso parte da própria história urbana e do patrimônio cultural desses municípios. Caso, por exemplo, da Estação de São Caetano do Sul, inaugurada em 1883, que permaneceu funcionando até 1975, num edifício construído no ano de 1896, em terreno cedido pela família Baraldi, possuindo plataforma de 120m e uma passarela treliçada, além do *armazém de carga e quatro casas para os empregados*,²⁴ típicas da arquitetura inglesa. Porém essa estação foi substituída por uma edificação maior de concreto e vidro, pois melhor representava o progresso de São Caetano. A substituição da Estação de São Caetano e de outras na mesma linha evidencia, claramente, a falta de discussão sobre patrimônio urbano, história e memória, que se reflete na falta de preservação e de valorização do patrimônio histórico construído. As estações que ainda sobrevivem, em meio ao processo de transformações urbanas, ficam relegadas ao abandono e à constante deterioração.

Enfim, essas estações e uma série de estruturas e edificações construídas em ferro, somadas ao importante conjunto formado pelos planos funiculares de cinco patamares construído na Serra do Mar e que venceu o desnível entre o pla-

nalto e o litoral, são valiosos elementos do patrimônio da arquitetura de ferro presente na região. Embora parte deste patrimônio se encontre em constante processo de deterioração, muitas dessas estações foram demolidas e/ou substituídas por outras de maior porte, nos padrões modernos. Mas as que ainda persistem de pé constituem remanescentes preciosos da produção arquitetônica ferroviária, que ainda marca grandemente a paisagem urbana das cidades, da cultura e da população do Grande ABC.

Bibliografia

BUSO, Sílvio José. A velha estação na vida de um ferroviário. In: Raízes, São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória SCS, Ano VI, n. 11, pp. 42-43, Julho de 1994.
 COSTA, Cacilda Teixeira da. O sonho e técnica: a arquitetura de ferro no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
 KÜHL, Beatriz Mugayar. Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre sua preservação. São Paulo: Ateliê Editorial, Fapesp, Secretaria de Cultura, 1998.
 MARTINS, José de Souza. Diário de fim de século: notas sobre o núcleo colonial de São Caetano no século XIX. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
 MEDICI, Ademir. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo - São Caetano do Sul: Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.
 MONTEIRO, Arlete Assunção. Os imigrantes ao longo dos trilhos da The São Paulo Railway. In: Raízes, São Caetano

do Sul: Fundação Pró-Memória SCS, Ano X, n. 19, pp. 37-42, Julho de 1999.
 REIS FILHO, Nestor Goular. Aspectos da história da engenharia civil em São Paulo: 1860-1960. São Paulo: Livraria Kosmos Ed., 1989.
 SILVA, Geraldo Gomes da. Arquitetura do ferro no Brasil. São Paulo: Nobel, 1986.
 SIMÕES, Elianete. Uma a uma, estações ferroviárias vão sendo destruídas. Diário do Grande ABC. 28 mar. 1982.
 VICENZI, Giordano P.S.. As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto. In: Raízes, São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória SCS, Ano VI, n. 11, pp. 40-41, Julho de 1994.

Notas

- 1 Beatriz Mugayar Kühl, 1998. Op. cit., p. 102.
- 2 Arlete Monteiro, 1999. Op. cit., p. 36.
- 3 Cacilda Teixeira da Costa, 2001. Op. cit., p. 124.
- 4 Beatriz Mugayar Kühl, 1998. Op. cit., p. 135.
- 5 Nestor Goulart Reis Filho, 1989.
- 6 Cacilda Teixeira da Costa, 2001. Op. cit., pp. 122-123.
- 7 Geraldo Gomes da Silva, 1986. Op. cit., p. 17.
- 8 Beatriz Mugayar Kühl, 1998. Op. cit., pp. 23-24.
- 9 Geraldo Gomes da Silva, 1986. Op. cit., p. 16.
- 10 Beatriz Mugayar Kühl, 1998. Op. cit., p. 21.
- 11 Idem. Op. cit., p. 22.
- 12 Geraldo Gomes da Silva, 1986. Op. cit., pp. 13-14.
- 13 Idem. Op. cit., p. 20.
- 14 Beatriz Mugayar Kühl, 1998. Op. cit., p. 21.
- 15 Idem. Op. cit., p. 21.
- 16 Geraldo Gomes da Silva, 1986. Op. cit., p. 15.
- 17 Idem. Op. cit., p. 14.
- 18 Beatriz Mugayar Kühl, 1998.
- 19 Carlos Lemos. Alvenaria Burguesa. São Paulo, 1985, p. 48, apud Cacilda Teixeira da Costa.
- 20 Beatriz Mugayar Kühl, 1998. Op. cit., p. 85.
- 21 Geraldo Gomes da Silva. Op. cit., p. 35.
- 22 Cacilda Teixeira da Costa, 2001. Op. cit. p. 124.
- 23 Idem. Op. cit. p. 124-125.
- 24 José de Souza Martins, 1998. Op. cit., p. 37.

(*) André Luis Balsante Caram é arquiteto da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

A Escravidão na Fazenda Beneditina de São Caetano

Cristina Toledo de CARVALHO (*)



Para a compreensão posterior da escravidão na Fazenda Beneditina de São Caetano é necessário, em primeiro lugar, esclarecer algumas

questões econômicas relativas à escravidão indígena e negra do período colonial brasileiro.

Sabe-se que os portugueses, na primeira metade do século XVI, período correspondente ao início do processo de montagem da empresa açucareira no Nordeste brasileiro, recorreram à mão-de-obra escrava indígena. Neste sentido, cabe afirmar que a escravidão, na condição de elemento fundamental da economia colonial, ao lado da grande propriedade monocultural,¹ tornava viável a exploração açucareira no litoral nordestino. Tal exploração, na medida em que era orientada pelo mercantilismo,² não objetivava outra coisa senão os altos rendimentos. Este fato explica a inviabilidade da mão-de-obra livre e assalariada nas grandes lavouras canavieiras do Brasil e nas demais colônias tropicais, uma vez que a sua adoção tornaria onerosa a colonização, o que a desviaria de sua única e exclusiva finalidade: o lucro.

Diante dessas considerações, pode-se dizer que interesses econômicos vinculados ao mercantilismo determinaram, num primeiro momento, a escravização do indígena no Brasil. Aliás, foram esses mesmos interesses econômicos que, posteriormente, motivaram a substituição da mão-de-obra escrava indígena pela negra de origem africana, no Nordeste açucareiro, principal centro da economia colonial.



Livro: Uma História do Brasil: Colônia, de Mário Maestri

Captura de índios para o trabalho escravo

Preciosas são as referências feitas por Décio Freitas acerca de tal substituição. De acordo com este autor, a introdução do escravo negro no Brasil deve ser entendida dentro do mecanismo triangular de comércio,³ que compreendia a América, a Europa e a África. Este comércio triangular possibilitava aos traficantes europeus lucros vultosos. Mário Maestri deixou bastante claro isso ao afirmar: *Os navios saíam dos portos europeus abarrotados de mercadorias baratas que eram trocadas, nas costas africanas, por homens e mulheres. Chegando às colônias, os cativos eram permutados, direta ou indiretamente, por produtos coloniais, que, por sua vez, eram vendidos a alto preço na Europa.*⁴ Logo, a compra de negros garantia à Coroa Portuguesa o adiantamento de parte da renda a ser gerada na Colônia, fato impossível de ser verificado na hipótese de adoção de trabalho livre. A observância deste tipo de trabalho na Colônia faria, portanto, com que aquela renda ficasse nela retida.

A dinâmica do comércio triangular explica, então, a razão que levou o comerciante europeu a impor o negro no Nordeste açucareiro. Sendo assim,

pode-se afirmar que o tráfico negreiro e o comércio dos produtos coloniais atuaram como fontes de acumulação primitiva de capital em favor de Portugal. Segundo Vera Lúcia Amaral Ferlini, aqueles produtos eram obtidos em troca de escravos. Sem o negro, conclui a autora, *Portugal teria de comprar os produtos coloniais em moeda corrente, fluindo metais para a Colônia, em prejuízo da Metrópole.*⁵

A substituição da mão-de-obra escrava indígena pela negra, compreendida a partir dos interesses econômicos mercantilistas, questiona de forma contundente alguns mitos em torno dos índios, mitos estes criados pelos portugueses para justificar a preferência pelo negro. Encontra-se, desta maneira, entre esses mitos, o discurso relativo à preguiça do nativo e à sua incompatibilidade com a lavoura canavieira do tipo mercantil. Cumpre, nesta perspectiva, destacar que o negro não praticava na África esse tipo de lavoura. Sendo assim, o discurso da incompatibilidade do indígena em relação a essa lavoura não pode ser utilizado para justificar a sua substituição pelo negro que, conforme já foi dito, também a desconhecia.



Escravos trabalhando num engenho do Nordeste

IGREJA CATÓLICA - No tocante à posição da Igreja Católica em relação à escravidão, pode-se dizer que a referida instituição defendeu a liberdade indígena em detrimento da dos africanos. Essa postura, todavia, resultou de certos condicionamentos, como os relativos ao fato de a Igreja encontrar-se unida ao Estado pela relação de padroado durante os períodos colonial e imperial. Essa relação, originária da bula *Praeclara Charissimi* (1551), do papa Júlio III, concedeu aos monarcas portugueses a prerrogativa para intervir nas questões eclesiásticas, o que acabou submetendo a Igreja às decisões governamentais. Sendo assim, a defesa da liberdade indígena por parte dessa instituição em detrimento da do negro tornou-se justificável, ainda mais se for levado em consideração que para a Coroa portuguesa o que realmente interessava, pelos motivos já expostos, era a escravidão africana.

Segundo Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, a exploração escravista promovida pela Igreja foi a principal arma de sua economia interna e do fortalecimento de seu poder.⁶ Tal afirmação procede, pois a instituição eclesiástica tornou-se de fato escravocrata. A Ordem de São Bento foi uma das diversas ordens religiosas a incorporar esta tendência escravista, chegando a apresentar em suas fazendas, que se encontravam espalhadas por diferentes regiões do Brasil, um

número significativo de escravos. Não foi à toa, portanto, que a Fazenda Beneditina de São Caetano teve entre os seus bens escravos indígenas e negros.

ESCRavidão E BENEDITINOS –

Na Fazenda de São Caetano houve duas espécies de escravo: os administrados e os escravos propriamente ditos. Os primeiros correspondiam aos índios escravizados, enquanto que os últimos eram os negros.

Segundo consta, os administrados, conhecidos na época como *gente da terra* ou *pardos*, passaram a integrar o patrimônio da comunidade beneditina de São Paulo a partir das doações realizadas pelos devotos.

Quanto aos negros, é importante

Suplemento da Revista Família Cristã - Nossa História - 500 anos de presença da Igreja no Brasil



Papa Júlio III, responsável pela bula *Praeclara Charissimi*, através da qual os reis portugueses passaram a exercer simultaneamente os poderes civil e eclesiástico em seus domínios

ressaltar que entre os mesmos estavam os nascidos na África e os nascidos no Brasil, conhecidos como crioulos. Estes eram os mais numerosos na Fazenda de São Caetano, fato que, segundo Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, comprova a preferência dos monges beneditinos pela reprodução escrava. De acordo com o citado autor, a procriação livrava os religiosos de compras frequentes.⁷

O crescimento da escravidão negra em São Caetano encontra-se atrelado ao desenvolvimento da atividade oleira. Em 1730, ano em que foi instalada a primeira olaria da Fazenda, São Caetano contava com 17 escravos, enquanto que em 1750 já apresentava 23.⁸ Desta maneira, pode-se afirmar que no período anterior ao da produção oleira, período no qual as atividades de subsistência predominavam na Fazenda (século XVII e meados do século XVIII), o administrado indígena prevaleceu sobre o negro.

Este episódio pode ser considerado um desdobramento da substituição da mão-de-obra indígena pela negra, questão esta tratada anteriormente. Cabe ainda destacar que tal substituição foi menos demorada no centro da economia colonial do que nas regiões marginais, como bem lembrou Boris Fausto.⁹ Não foi à toa, portanto, que a Fazenda Beneditina de São Caetano, praticamente dois séculos depois daquela substituição, apresentava ainda no seu interior um número maior de escravos indígenas em relação ao de negros.

O crescimento destes últimos na fazenda em questão não pode, todavia, ser associado apenas ao desenvolvimento da atividade oleira, uma vez que certas conjunturas históricas contribuíram também para aquele crescimento. Por esta razão, cumpre destacar que o reconhecimento da liberdade indígena,¹⁰ em 1758, por parte do Rei de Portugal, foi também responsável pelo aumento do número de negros em São Caetano, a partir da

segunda metade do século XVIII.

Diante das considerações feitas ao longo deste artigo, pode-se concluir que as relações econômicas nas terras beneditinas do Tijucuçu assentaram-se, primeiramente, na mão-de-obra indígena, que predominou do século XVII até a primeira metade do século XVIII. Posteriormente, tais relações concentraram-se na escravidão negra. Esta tornou-se predominante a partir da segunda metade do século XVIII, vigorando até 1871, ano em que a Ordem de São Bento decretou pioneiramente a abolição de seus escravos.

De qualquer forma, não há dúvida de que a Igreja Católica não opôs resistência à escravização do negro. Como já foi dito, a subordinação da citada instituição ao poder do rei, em decorrência do padroado, acabou inserindo-a no sistema de exploração colonial promovido por Portugal. Os esforços empreendidos pelos religiosos contra as sujeições provenientes do padroado não foram, contudo, irrelevantes. A resistência imposta pela Igreja à dependência econômica proveniente do vínculo em relação à Coroa lusitana explica o fato de certas Ordens Religiosas terem possuído fazendas e outros tipos de bens ao longo do Brasil-Colônia. É dentro deste contexto de luta contra o padroado que a Fazenda Beneditina de São Caetano bem como todos os bens patrimoniais nela formados devem ser concebidos.

NOTAS

1 A grande propriedade monocultural trabalhada por escravos caracteriza a plantation que, segundo Caio Prado Júnior, vigorou, durante a dominação inglesa nos Estados Unidos, ao sul da Baía de Delaware, região apontada pelo mencionado autor como úmida e quente. PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. p.119.

2 O mercantilismo foi a política econômica dos Estados Modernos. Essa política privilegiava algumas práticas, tais como as relativas à aquisição de metais preciosos (metalismo), à obtenção de uma balança comercial favorável, através do

Escravos da Fazenda Beneditina de São Caetano, recenseados entre 1798 e 1825, e ano provável do nascimento de cada um deles 11

Ana (1769)	Fortunata (1815)	Manuel (1774)
Ana (1823)	Fortunato (1795)	Manuel (1797)
Anacleto (1818)	Francisca (1768)	Manuel (1801)
Anastácio (1797)	Francisca (1786)	Manuel Angola (1758)
Antônia (1806)	Francisca (1793)	Manuela (1823)
Antônio (1728)	Francisco (1748)	Margarida (1736)
Antônio (1801)	Francisco (1769)	Margarida (1750)
Apolinário (1796)	Francisco (1796)	Maria (1728)
Benedita (1807)	Francisco (1822)	Maria (1771)
Benedito (1797)	Gertrudes (1799)	Maria (1773)
Benedito (1808)	Hilária (1822)	Maria (1776)
Benta (1740)	Inácia (1773)	Maria (1796)
Bento (1801)	Inês (1801)	Maria (1799)
Bernardo (1797)	Jacinta (1782)	Maria (1800)
Bibiana (1820)	Jacinta (1792)	Maria (1813)
Caetana (1795)	Joana (1729)	Maria (1814)
Caetano (1819)	Joana (1797)	Mateus (1792)
Calisto (1804)	João (1782)	Miguel (1799)
Calisto (1813)	João (1798)	Paulino (1807)
Cândida (1805)	Joaquim *A* (1797)	Pilar (1765)
Cândido (1821)	Joaquim *B* (1797)	Policarpo (1793)
Cipriano (1820)	Joaquim (1806)	Policena (1792)
Desidério (1800)	Joaquim (1823)	Policena (1806)
Dionísia (1795)	Joaquina (1817)	Pulquéria (1806)
Dionísio (1781)	Joaquina (1819)	Querubina (1824)
Elena (1753)	José (1774)	Quitéria (1764)
Escolástica (1755)	José (1776)	Rafael (1766)
Eva (1819)	José (1789)	Raimundo (1816)
Feliciano (1806)	José (1793)	Rita (1777)
Felipa (1738)	José (1795)	Rosa (1768)
Felipa (1758)	José (1796)	Teresa (1748)
Felipa (1790)	José (1797)	Teresa (1761)
Felipe (1752)	José (1822)	Teresa (1796)
Felipe (1786)	José Pardo (1796)	Teresa (1807)
Felizarda (1786)	José Angola (1759)	Tomásia (1774)
Florência (1797)	Josefa (1821)	Tomásia *A* (1821)
Floriano (1772)	Justiniano (1803)	Tomásia *B* (1821)
Florinda (1797)	Justo (1812)	Tomé (1784)
Florinda (1799)	Leocádia (1807)	Úrsula (1814)
Florinda (1801)	Leonor (1778)	Vicência (1822)
		Vicente (1730)

incentivo às exportações e da restrição às importações, e ao exclusivo comercial (monopólio). É importante destacar ainda que a conquista de colônias integrou também as citadas práticas mercantilistas.

3 FREITAS, Décio. Palmares, a guerra dos escravos apud LOPEZ Luiz Roberto. História do Brasil Colonial. p.38.

4 MAESTRI, Mário. Uma História do Brasil Colônia. p.62.

5 FERLINI, Vera Lúcia Amaral. A Civilização do Açúcar (Séculos XVI a XVIII). pp.70-71.

6 PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. Dietário dos Escravos de São Bento. p.19.

7 Ibidem. p.31.

8 Maços: População, Manuscritos. Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo. Documentos Avulsos. Vol. III. p. 130 apud MARTINS, José de Souza. A Escravidão em São Caetano (1598 – 1871). p.13.

9 FAUSTO, Boris. História do Brasil. p.49.

10 Segundo José de Souza Martins, a primeira proibição à escravidão indígena verificou-se em 1611. A partir de então, conforme esse autor, os índios passaram a ter uma situação jurídica diferente da do escravo negro, não podendo, assim, por força daquela proibição, ser vendidos nem avaliados. MARTINS, José de Souza. Op. cit. pp.11-12.

11 Maços: População. Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo apud MARTINS, José de Souza. Op. cit. pp.21-22.

(*) Cristina Toledo de Carvalho, graduada em História pela Universidade do Grande ABC e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Relembrando a última tertúlia

Texto inédito com a participação do saudoso professor e acadêmico Nicola Tortorelli, falecido em 29 de Outubro de 2002



Nicola Tortorelli em dez de Outubro de 2002, na inauguração do novo...



Academia de Letras da Grande São Paulo

...espaço da Academia de Letras da Grande São Paulo, da qual fazia parte

Celso de Almeida CINI (*)

Em 29 de Outubro de 2003 eu cismava, durante o dia, sobre o que estaria me faltando. Por que eu sentia um vazio interior inexplicável, sem causa aparente? Depois, revendo na parede de minha biblioteca aquele diploma de minha posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, em cujo fundo está estampada a bandeira paulista, *a das treze listas*, e a assinatura do secretário geral, embaixo, à direita, um não sei quê, vindo não sei de onde, soprrou-me aos ouvidos que já passáramos um ano sem aquele fiel e dedicado amigo, o confrade, o mestre e signatário daquele diploma, o professor Nicola Tortorelli!

Exatamente nesse dia, há um ano, perdíamos aquela pessoinha

tão frágil, aquele ser cuja figura era um misto de retraído, mas comunicativo e carinhoso, reverencial e místico, por vezes eloqüente, por quem tantos e tantos amigos, parentes e conhecidos tinham um especial respeito e muito afeto. Ele era aquele contador de histórias. De fatos, coisas e casos, muitos vividos por ele. E ele os narra como quem conta um conto ... E nessa hora, minha impressão era de que ele ali estava, presente, junto de mim, em espírito. Então vasculhei meus arquivos porque sabia que havia guardado uma pequena gravação com sua voz. Era imperioso ouvir de novo a voz dele! De minigravador mesmo, uma tertúlia, uma deliciosa conversa, quase entrevista. E, embevecido, fiquei a ouvir a fita, varando a madrugada com aquela voz pausada do professor

a contar e contar coisas e casos passados e presentes e vi, surpresa, que tudo o que conversamos ficara, por um desses milagres da vida, intacto. E me convenci de que essa graça valia um tesouro: a voz e o conteúdo! Por que não registrar todo esse conteúdo precioso em texto? Foi assim que decidi escrever tudo o que se falou nesse contato, em sua casa, na Rua das Pitangueiras, em Santo André, numa noite de terça-feira, no início de Novembro de 1995. Já lá vão nove invernos! Quanta saudade! Mas, vamos conhecer o teor dessa *prosa* agradável com o mestre Nicola Tortorelli.

Fora uma espécie de busca de elementos para a homenagem que, naquele ano, a Academia faria para o professorado, tomando ao próprio Prof. Tortorelli como tema.

Tertúlia (e conversa cultural) com o Acadêmico Nicola Tortorelli

Preparo de homenagem ao Professorado, que a Academia de Letras realizaria em Novembro de 1995

(conteúdo integral da gravação)

CAC – Então, professor, eu prometi à acadêmica Eva Bueno Marques, que será mestre de cerimônia na homenagem ao Dia do Professor, que conversaria com o senhor sobre o seu tempo passado, seus contatos com Monteiro Lobato e Guilherme de Almeida, principalmente, e sobre as tertúlias vividas pelo confrade com esses e outros literatos de seu tempo, na década de 1940, mas também como mestre, e responsável pela edição do *Jornal Borda do Campo*. Na verdade, o que eu tinha para dizer, como a narrativa de algumas lembranças sobre a sua figura de professor do meu tempo de escola primária (hoje ensino fundamental) em 1946, no Grupo Escolar do Bairro da Torrinha, em Santa Terezinha, e durante os anos do *Borda do Campo*, eu já registrei em texto. Aliás, eu tenho ainda comigo o diploma do curso primário, que o senhor escreveu, com letras góticas (não sei se fazia isso para todos os alunos), está num quadro que vou mostrar nessa homenagem. Parte dele está em manuscrito com sua letra que é inconfundível. A própria Eva a identificou como sua. Meu diploma está conservado, registrando a data de Dezembro de 1946. 50 anos! Meio século!

Prof. NT – Cinquenta anos! Meio século! Puxa vida! Pois é, você sabe, eu vim para Santa Terezinha, (Santo André), depois de umas andanças por todo o interior do Estado de São Paulo, porque ...

CAC – O sr. veio (para Santo André) bem antes de 1946? Como foi isso?

Prof. NT – Ah! Sim, eu vim para cá em 1937 e comecei a dar aulas em Santa Terezinha a partir de 1938. Mas fui sempre comissionado. Tinha

sempre substituto. Isso porque naquela época eu gostava muito de política. Minha formação, educacional e cultural, eu devo a Guaratinguetá, ao Instituto de Educação Dr. Rodrigues Alves.

Durante minha vida de estudante eu acompanhei os Rodrigues Alves, o Dr. Oscar e o Dr. José¹, durante muito tempo, sabe? E, logo que me formei e saí dali, comecei a fazer política no interior e não admitia, naquela época, os erros cometidos por políticos então na direção, à frente de uma cidade, que não pudessem resolvê-los. E, como eu estava com a oposição, quando me era dada a palavra (nos palanques políticos) eu, que não tinha “papas” na língua, falava (contra isso) e, passados alguns dias, o “Diário Oficial do Estado” publicava: “a pedido do interessado, é ele transferido para tal ou qual cidade”. Isso não foi ruim, não, porque assim eu conheci várias cidades e povos do interior, podemos dizer assim, e tive uma vivência política mais intensa até que eu vim dar com os costados em Santo André. Porque eu comecei na escola rural. Ninguém começava a dar aulas na cidade. Nenhum professor, homem ou mulher, começava em escola urbana.

Nesse tempo, os professores tinham de fazer um estágio de dois anos para poderem se efetivar.

CAC – Professor, Dona Eva pediu que o sr. comentasse sua convivência com Monteiro Lobato. Disse ela: Peça a ele para contar o episódio do “quase romance” vivido com uma sobrinha do Monteiro Lobato, que depois acabou casando-se com um ex-religioso que por ela teria abandonado o hábito, tão sensacional era a jovem.

Prof. NT – Bem, sobre isso eu penso que ela não deve falar porque essa senhora existe, ainda vive, e seria constrangedor e pouco ético.

CAC – Certo, professor, o senhor tem razão. Então, fale sobre o Monteiro Lobato. Ele faleceu em Julho de 1948, não? E o professor o conheceu quando? Ele estava envolvido na política da época?

Prof. NT – Sim, ele morreu em 1948, mas estava envolvido na história do petróleo brasileiro. Não era exatamente um político. Era um brasileiro corajoso e nacionalista. Ele e também o Plínio Salgado, que eu conheci muito bem. Mas Lobato era um homem destemido, muito amigo, muito amoroso para com a família e, nessa época, principalmente para os filhos do irmão dele. Ele estimava também o Edgard Cavalheiro que, depois de sua morte, escreveu a biografia de Lobato. Eu também o conheci, era um homem alto, magro e desenvolvido. Era muito apaixonado pelo Monteiro Lobato que, no fim da vida, deixou para ele, Cavalheiro, sua biblioteca. Edgard freqüentava a Rua Bresser, 710, onde residia a professora nossa amiga, a Cláudia Piveta, cujo irmão tem uma sobrinha que é secretária do Dr. Joaquim, hoje (1995) presidente da Câmara de Vereadores de Santo André, e é muito meu amigo. E, como meu irmão - o Chico, lembra? Você o conheceu no tempo do “Borda do Campo” (Francisco Tortorelli) - não saía de lá, era muito amigo da família da professora Cláudia Piveta, e por isso também eu freqüentava a casa dela. Gente de muita cultura, sabe?

Mas o Lobato² tinha uma facilidade enorme de contar histórias e também era pintor. Aliás, de todos

esses que eu conheci quando eu era foca no jornalismo, eu destaco também Menotti Del Picchia. Ele era escultor, pintor, escritor, advogado, poeta, cartorário e político. Hoje o cartório (Tabelião) que foi dele está nas mãos do neto. Agora, o Guilherme de Almeida era um homem mais calmo, mais paciente. Menotti era mais agressivo, tipo do político, sabe? Monteiro Lobato também. Mas Lobato era um escritor nato. Não era político. Era um tipo de muita franqueza. Mas era um contador de histórias. Foi um grande contista e ensaísta. Mostrou muito jeito para escrever para crianças. Sabe, Celso, eu também sinto isso. Eu tenho facilidade para contar histórias. Até penso que adquiri esse jeito com Monteiro Lobato; pelo modo como ele começava a contar as histórias. Ele era incrível. Ele via, olhava para este gravador e já fazia dele uma história e prendia você na narrativa dessa história. Eu me lembro que nós todos até sentávamos no tapete da casa do Edgard, irmão dele, para ouvir Lobato. Ele prendia a gente. Era uma atração. Como ele sabia colorir a história que ia contar. Eram seguidas as histórias dele. Sabe, eu fiz há pouco tempo uma palestra no Instituto de Educação Fernando Guimarães e, como eu tinha tido tempo, eu contei, então, várias passagens do Monteiro Lobato.

CAC - Está aí, professor? O Sr. tem esses dados escritos?

Prof. NT - Não. Sabe, até eu andei remexendo em tudo para buscar umas informações depois que você me telefonou dizendo que viria. Eu não sabia exatamente o que iria lhe interessar. Veja as coisas que eu encontrei. (O professor mostrou várias fotos e documentos e foi identificando): Aqui, quando eu era delegado de ensino na região, e este é o Dr. Luiz Martins, secretário de Educação e Cultura. Este aqui foi um professor que fez o Instituto Padre An-

chieta, no coro, e quando ele viu isto encantou-se. E o diretor (secretário) o chamou e eu estava junto quando ele disse: "Pode oferecer a ele". E aqui, o secretário, todo admirado porque eu não estava concordando com umas determinações que ele queria passar para os diretores, uma certa exigência que não era cabível no momento, sabe, mas depois ele concordou comigo e voltou atrás. E aqui quando eu recebi, eu e o diretor regional, quando recebemos a Medalha do Soldado Constitucionalista. Fomos somente eu e ele que recebemos essa medalha. E aqui quando recebi a Medalha Ana Nery, que veio acompanhada deste diploma. Aqui, quando eu fui paraninfo dos formandos do Curso Técnico de Edificações do Mattei, na Senador Flaquer, em 1981. E aqui, quando recebi a Missão Cultural Japonesa por ocasião do centenário da primeira vinda de imigrantes japoneses que chegaram com o Navio Maru (Kasato Maru). Aí nós estávamos em Salles de Oliveira. Dali fomos para Orlandia. Desta cidade seguimos para Morro Agudo (todas as cidades situam-se no norte do Estado de São Paulo), porque a maioria dos primeiros imigrantes veio diretamente para Morro Agudo. É da década de 1950. E esta foto e de quando eu era diretor do Colégio Sílvio Romero (de São Caetano do Sul) e esta professora, Dona Lídia, muito inteligente, tem uma filha médica; também é daí de São Caetano. Olha só o discursinho dela:

"Professor Nicola, se há no mundo uma fatalidade, essa fatalidade é o progresso; as idéias boas vencem fatalmente as idéias que deixaram de ser boas porque as próprias idéias têm uma vida: nascem, definem-se no esplendor de uma maturidade radiante e subitamente estacam, fenecem e morrem. Pelas excelentes qualidades de dirigente, pela orientação que imprime à educação das crianças, pela coordenação de esforços

para o nosso bem comum, pela irradiação de suas idéias nobres; em resumo: ser cérebro, ação, esforço orientado dentro das finalidades reais da pedagogia atual tem a jovialidade de espírito. Tudo isso, professor Nicola, é sinônimo de virtude que se traduz em vitória final e nós, como elementos integrantes de um só todo, sentimo-nos satisfeitos de apertar sua mão neste dia festivo de Setembro em que, dos corações amigos, emana uma fervorosa prece pela sua felicidade, e Deus ouvirá esse concerto de preces!"

Já nesta foto (está a imagem de) quando eu fui proferir uma palestra em Itapira, terra do Menotti Del Picchia. Lá eles têm um Gabinete de Leitura. Esse Gabinete é uma espécie de Academia, e ali se congregam todos os escritores e poetas da cidade e das redondezas. Nesse Gabinete de Leitura, que é uma sala enorme, naturalmente, há uma grande biblioteca. Mas, nas ocasiões de eventos, eles afastam as estantes, abrindo-se um local para encontros, uma pista de dança. Mas é muito fechado e eu fui convidado para fazer uma palestra e falar sobre o Menotti Del Picchia. Isto ocorreu em 1950. Depois de proferir essa palestra eu recebi esta carta do Diretor do Gabinete. Esse homem era de uma cultura extraordinária. A carta diz o seguinte:

"Prezado Nicola Tortorelli:

Acabo de ver, com viva satisfação, o seu nome incluído na lista dos candidatos do PTN à Assembléia Legislativa. Meus parabéns. Itapira, 20 de Agosto de 1950. Agora, velho, é arregaçar as mangas e não dormir. O tempo é curto. Propaganda, propaganda e propaganda. Permita que eu lhe dê a primeira sugestão. Apóie o movimento da Liga Eleitoral do Professorado; seja um dos primeiros e faça sua propaganda na qualidade de diretor de grupo escolar. Seria difícil você conseguir um cadastro de

todos os diretores de grupo do Estado para enviar-lhes cédulas e boletins de propaganda?

O ideal seria conseguir o endereço também dos professores, mas talvez isso não seja fácil. Caso você empregue este processo de propaganda, não se esqueça de enviar as cartas com o nome pessoal de cada professor e não com o simples cargo como “Sr. Diretor do Grupo tal ...”. Isso é um fator psicológico de suma importância. Mande fazer lápis para distribuir aos cursos de educação de adultos e alunos da escola isolada e outros processos semelhantes. Sei que você já deve ter pensado em tudo isso. Sei também que essa campanha ficará muito cara, mas poderá ser feita em pequena escala em Caconde, Santo André, Morungaba, por exemplo. Mande-me algum material de propaganda que farei distribuir por aqui. Mandarei também algumas cédulas para Porto Ferreira, onde tenho alguns parentes. Já foi a Morungaba? Qual foi sua impressão? Não se amofine se de vez em quando eu lhe mandar algum palpite errado.

Tudo é desculpável pela vontade de quem quer ajudar. Aceite minha primeira sugestão: “Nicola Tortorelli candidato dos diretores de grupo escolar que na Assembléia Legislativa será defensor intransigente dos interesses e dos direitos da classe”. Por hoje, aqui fica o meu abraço, José.”

CAC - Em seguida o professor mostrou-me um documento da sede do Cruzeiro Esporte Clube, da cidade de Estância, no Estado de Sergipe, ao tempo em que NT chefiou a Missão de Alfabetização no Nordeste, criada pelo governo paulista de Carvalho Pinto, em 1965. Há uma quadrinha dizendo: Ensinando sorrindo/ Hei de viver e/ Hei de morrer ensinando (Nicola Tortorelli).

Prof. NT - Sabe, Cini, eu tenho ainda muita coisa que seria interes-

sante mostrar, mas não houve tempo hábil para separá-las.

CAC – Bem, professor, Dona Eva dará informações dizendo que ele foi amigo de Guilherme de Almeida, de Monteiro Lobato, de Menotti Del Pichia... de...

Prof. NT- De Cassiano Ricardo³, também. Mas entre meus documentos encontrei hoje um cartão, um bilhete do Guilherme de Almeida. E, quando tive mais contato com ele, foi quando tivemos uma reunião de professores na Escola Normal Feminina do Brás (Oficial), da qual ele era o secretário. Veja, ele era o único elemento masculino da direção. Parece-me que a diretora era Dona Chiquinha Rodrigues. Mas ali o Guilherme era o queridão. Sabe, ele era um paulista (de coração), mas tão orgulhoso, que numa crônica dele, na seção que ele intitulava “Ontem, hoje, amanhã”, no Estado de São Paulo, onde ele colaborava (muito amigo dele, também, foi o Simões - Dr. Eduardo Valente Simões - e mais ainda do Menotti Del Picchia). E o Guilherme então diz: “Interessante, hoje, que eu vejo quanto eu sou paulista!”. Isso foi dito numa mesa lá do Franciscano (Restaurante), na Libero Badaró, onde nós íamos tomar chope nos finais de tarde. Eu, como já disse, era apenas um foca, não era jornalista formado. Mas ele disse: “Olhando naquele espelho eu vejo branco, vermelho e preto. Na verdade, ele estava de terno preto, camisa branca, os cabelos brancos e o rosto muito vermelho... E, depois, ele rematou: “Tal qual a empregada da minha casa: ela é preta como as asas da graúna; tem a língua e os lábios vermelhos, com a palma, das mãos, bem branca!”

Mas, além de poeta muito festejado, Guilherme de Almeida era também um grande conhecedor, orientador e professor de Heráldica (ciência das figuras e cores dos escudos de armas; dos conjuntos de emble-

mas e brasões). Ele era o maior conhecedor dessa ciência que tínhamos aqui. Até o secretário da Educação de Sergipe pediu ao Guilherme, por meu intermédio – pela intimidade e facilidade de aproximação que eu tinha com o Guilherme -, para encarregá-lo de fazer um estudo sobre a bandeira de Sergipe e também de vários municípios, pois Sergipe tem 96 municípios e nós, da Comissão Paulista, os conhecemos todos. Aliás, eu até tenho, ou melhor, devo ter em casa um trabalho, escrito por ele, sobre Heráldica de bandeiras e também de Alagoas, isso quando fui ao Estado de Alagoas. Ali nós estabelecemos uma “República” chamada de Pajuçara. Sim, porque Pajuçara é uma das praias mais belas que nós temos no Nordeste, em Alagoas, onde há uma estátua...

CAC – Sim, é uma sereia que se encontra no meio dos recifes dessa magnífica praia. Ela tem uma figura estilizada, com seios muito pronunciados, certo?

Prof. NT – Ah!, então você também conhece, né? É sim, (o busto), avançando para o futurismo, justamente! E ali estavam construindo um prédio, o Edifício Sobre as Ondas, com uma estrutura muito interessante, porque ele avança com o terraço superior para o mar, abaixo. E ali (onde estava a República) nós fazíamos as nossas tertúlias literárias para as quais constantemente eu era chamado. Aliás, além dos estados de Sergipe e Alagoas, nossa comissão percorreu também Pernambuco e (parte do norte da) Bahia.

CAC – Professor, o senhor esteve nesses estados na época da Revolução de 64?

Prof. NT – Não. Quando rebentou a Revolução de 31 de Março de 1964, eu estava no interior, prestando concurso na Faculdade de Filosofia de Botucatu. Quando rebentou o movimento, pararam todas as es-

tradas (de ferro) e nós precisávamos ir embora. Já havíamos feito todos os exames, mas não havia trens. Só ia passar um trem de carga. Aí fomos procurar o Chefe da Estação e ele aconselhou-nos: “— Olhem, vocês entrem aí em algum vagão de carga”. E assim fizemos para vir de retorno para São Paulo. Conosco vieram várias professoras. Veio conosco o filho do professor Mattei, o “Zeca”, que morreu recentemente, e outros conhecidos. Foi aí que encontrei vários parentes de sobrenome Tortorelli, sabe? Mais tarde eu voltei a Botucatu. Dali segui para Bauru, e de Bauru eu fui para Birigüi. Enfim, eu andei o estado todo. Viajei, depois, com o governador Carvalho Pinto, quando eu inaugurava os prédios escolares, os postos de saúde. Eu era o encarregado e até tenho ainda algumas mensagens do Carvalho Pinto. Mas, depois de trabalhar no governo do Adhemar de Barros, trabalhei no governo do Jânio Quadros, trabalhei com o Dr. Queiroz Filho, um notável jurisconsulto. Trabalhei também com o Dr. Carlos Pascali, que foi diretor do MEC (Ministério da Educação e Cultura).

CAC – Mas, professor, voltando ao Menotti Del Picchia⁴, eu lembro que ouvi recentemente, na Rádio Cultura, que o Menotti teve como companheira uma musicista famosa, Antonietta Rudge ..., provavelmente. Ela era uma pianista. Eles se amavam muito. Foi assim um amor à primeira vista. Eles se encontraram numa festa: num baile ou num casamento, não me lembro bem. Sobre isto o senhor nada sabe? É uma passagem muito interessante da vida de ambos. Ela, além de pianista, era compositora. E ela faleceu primeiro que ele. Mas eles permaneceram juntos até o fim da vida. A história do casal é muito comovente.

Prof. NT – Pois é. Mas o Guilherme de Almeida foi bem casado com uma senhora distinta, Baby Barroso

do Amaral, e ele gostava mesmo era de escrever, sabe?

CAC – Sei, sim, professor. Não só de escrever – poesias e prosa – mas também de traduzir. Era um mestre da tradução. Eu tenho, professor, várias traduções de um famoso soneto francês, *Le vase brisé*. Mas a melhor, mesmo, é a de Guilherme de Almeida.

Trata-se de soneto de autor francês (seria Mallarmé?), não me lembro bem.

Prof. NT - Como é mesmo? “... .. Coração ferido é como um vaso de porcelana chinesa trincado ou partido. Uma vez trincado ...”

CAC - Sim, professor, traduzir já é, por si, uma arte. Agora, traduzir um belo, um soneto famoso, captando-lhe o sentido, os sentimentos, para sua língua e fazê-lo com a perfeição na métrica e nas rimas...! É algo muito sério, não é mesmo?

Prof. NT - Ah! Não há dúvida. É mesmo. E o Guilherme era muito bom nisso também. Veja uma obra hindu que ele traduziu: o *Gitanjali*⁵. É notável.

CAC - Isto mesmo, professor, trata-se de uma obra poética mas traduzida, se não me engano, por Cecília Meireles, que admirava muito seu autor, o hindu Rabindranath Tagore, Prêmio Nobel de Literatura em 1913. Aliás, Guilherme tinha assim um carinho muito especial pela Cecília Meireles. Ele fazia parte dos alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco que tinham por ela verdadeira adoração. Eu vi um documentário na TV Cultura que falou muito disso. Então Guilherme de Almeida e Cecília Meireles mantiveram uma aproximação cultural muito proveitosa e interessante.

Prof. NT – Aliás, de um modo geral, as mulheres eram mesmo apaixonadas por ele (Guilherme de Almeida)⁶, sabe? Eu me lembro de um

fato interessante que foi a Semana Anti-Alcoólica, em São Paulo, e que teve lugar no Teatro Municipal. E durante uma semana apareceram muitas vezes importantes que combatiam a bebida alcoólica. E o encerramento dessas palestras, no último dia, foi dado ao Guilherme de Almeida para falar sobre isso. (Mas era sabido que o Guilherme era também um boêmio e gostava de beber numa roda de amigos.) E o Teatro Municipal naquela noite estava superlotado: as galerias, foyer, os camarotes, as frisas e o ambiente feericamente iluminado. E as palestras, durante a semana, atraíam muita gente, porque eram oradores afamados, como Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia. E os jornais da época também abriam suas colunas, mostrando a realidade dos efeitos maléficados do álcool. E os estudantes de Direito, que sabiam que Guilherme gostava do whisky, estavam lá para ouvir o poeta. E ele fez mesmo aquele discurso empolado. Aquele silêncio geral e ele falando, falando do alcoolismo, da desgraça que o alcoolismo traz para a pessoa, para a família, para a sociedade e tal, e tal, né?

E me parecia que ele estava convencendo mesmo o auditório. E já estava quase no fim (ainda era do tempo da ampulheta, né?), então ele, para encerrar, disse: “— Agora, meus senhores e minhas senhoras, eu só sinto mesmo uma coisa: é eu não ter o pescoço de uma girafa, porque assim o whisky demoraria mais tempo para descer pela garganta e eu sentiria muito mais, muito melhor, o seu sabor. Mas eu digo uma coisa: eu sou como aquele general japonês que atravessava um rio de águas doces, durante um calor terrível, e dizia para os seus subalternos: ‘— Tenho tanta sede, mas tanta sede, e nada encontro para beber...’ E eu, aqui, agora, pergunto às autoridades que também estão aqui presentes: ‘O que são sete dias de

combate e abstinência do álcool para 365 de bebedeiras?”

Depois disso, nunca mais se falou, no Brasil, em Semana Anti-Alcoólica, sabe?

CAC – Mudando um pouco de assunto e voltando ao nosso tempo do *Borda do Campo*, 1947 a 1952, quando o senhor morava na Redação (na Rua Coronel Oliveira Lima, 147, lado esquerdo de quem sobe a rua, em Santo André), porque o senhor morou na Redação, não é?

Prof. NT – Lembro, eu morei lá sim. No quarto do fundo, atravessando o salão.

CAC – Certo. Então, quando do seu casamento. O professor casou-se em Janeiro de 1952, certo? Então, no dia, que era sábado, eu estava ajudando o meu substituto a despachar o *Borda do Campo* da semana e o senhor chamou-me no quarto, onde arrumava algumas roupas. Cini, venha cá me ajudar. E eu fui e vi, na cabeceira da cama, uma visão que me paralisou: eram assim umas cabeças de Cristo ... nunca esqueci aquelas imagens. E onde foi parar essa cama, essa obra de arte?

Prof. NT – Sim, justo. São quatro cabeças de Cristo. Estão lá até hoje. São os nós da própria madeira que faziam os cabelos longos, caídos, de Cristo, a barba e a fisionomia, tudo direitinho. Dei essa cama para minha sobrinha, lá de Caconde. Essa foi uma passagem muito interessante que você lembrou e agora lembrei de outra coisa. Quando mandei a cama para Caconde, mandei também o meu guarda-roupa.

Nesse móvel havia um embrulho. Eu nunca abri esse embrulho. E esse embrulho tem uma história interessante, sabe? Foi o seguinte: Quando o político Borghi e o Manuel de Nóbrega vieram fazer um comício em Camilópolis. (Camilópolis naquela época não era nada.) Nem o atual Cemitério existia ali e o Borghi (Hu-

go), que era apoiado pelos trabalhadores (ele era conhecido como “marmiteiro”), com o Nóbrega, foram à Redação do “Borda do Campo” e me convidaram para fazer um discurso, porque eu havia feito um em Mogi-Mirim dizendo que a cidade fora sacrificada com o isolamento político. E o Borghi, que estava lá, gostou e então convidou-me para falar. E eu fui. E eu era bem conhecido já aqui em Santo André, com o Calefi, que era o presidente do PTN e me incentivou para falar. E eu fui falando sobre Santo André, etc. etc. De repente um senhor, um baixinho, meio acabado, me aparteou em latim! Eu respondi a ele e prossegui meu discurso e ele tornou a me apartear. E o nosso pessoal ficou já meio assim, com reservas. Lembro até que o Calefi me disse baixinho: “...Professor, não responde mais, não.” Aí, passado mais algum tempo, eu terminei de falar. Quando eu terminei, nós fomos para a casa do Olivieri.

CAC – Era o Luiz Olivieri que foi vereador e, mais tarde, presidente da Câmara?

Prof. NT – Isso mesmo, foi. Mas não me lembro se foi ele ou o irmão, o Justo. Então nós fomos lá tomar um café e esse senhor chegou. Chegou e disse: “...Professor, eu sou aquele que o estava apartear” (falava muito bem, sabe?). Disse: “Eu fiz de propósito, senhor me dá licença, amanhã, de eu ir à Redação? Eu conheço o senhor”. E eu respondi que sim. Que podia ir que as portas estavam abertas. Não sei se você alcançou isso, Cini. No dia seguinte ele foi. Apareceu lá na Redação, cedo. Ele disse: “Eu preciso de 500 mil réis”.

CAC - Puxa, 500 mil réis? Era muito dinheiro, naquele tempo. Meu pai ganhava 300 mil réis por mês na Móveis Streiff. Eu ganhava cem mil réis mensais na Redação. Isso nos idos de 1947, 1948. Quinhentos era

muito mais do que um salário mensal razoável!

Prof. NT – E eu ganhava 480 mil réis. Meu ordenado de professor. Bruto!

CAC – O Dr. Manoel de Góes (proprietário do *Jornal Borda do Campo*) era quem me pagava. Eu ia lá no último sábado do mês e ele esfregava os lados do peito e depois pegava a carteira, tirava uma nota de cem mil reis ou duas de cinquenta e as esfregava que esfregava para ver se não havia duas notas juntas...

Prof. NT – Mas nós tínhamos também o Vial, como se chamava, mesmo?

CAC – Affonso Mário Vial, é mesmo! Que fim levou o Affonso? E o Dr. Góes?

Prof. NT - Ah! Morreu. Você precisava ver a situação do filho dele, do Affonso, sabe? Mas o Dr. Góes também faleceu, logo depois da mãe dele. E a esposa, D. Olga, também faleceu pouco mais tarde. Mas, então, o cidadão insistiu e eu fiquei penalizado com a situação dele. Ele disse: “Como o Sr. sabe, eu tenho muitos filhos e estou numa situação de miséria e vou embora para Minas Gerais. Vou para a terra da minha mulher. Eu cometi um erro. Eu era padre. E hoje eu estou pagando esse pecado. E faço questão de pagar como faço questão de pagar esse empréstimo. E prova disso eu trago e entrego isto para o senhor (embrulhado). Quando eu voltar para lhe pagar o senhor me devolve este embrulho. Eu peguei o embrulho e o coloquei no guarda-roupa. E esqueci. Esqueci completamente.

Quando foi para me casar, mexendo no fundo do armário, dei com aquele embrulho e me lembrei dele. Mas não abri, nunca mais ele apareceu. Sumiu! Nunca mais tive notícias dele. Mas o embrulho ficou lá no guarda-roupa.

CAC – Não veio buscar o embrulho e tampouco trouxe os 500 mil réis de volta?

Prof. NT – Não, não voltou. Aí, na época do casamento, mandei o Joel, lembra, o que entregava os filmes para os cinemas? Ele e o Zé Meo, que levava o jornal para São Paulo. Arranjaram a carrocinha do Rosas, do Fiori Rosas, né? E levaram o guarda-roupa e a cama para a estação e despacharam para Caconde, para minha sobrinha. Pela Estrada de Ferro SPR. Foi embora. Lá, em Caconde, o pessoal recebeu. Meu irmão (Chico) Francisco encaminhou pra casa e, quando abriu o armário, viu aquele embrulho e se perguntou “o que será isso?” Era um relógio valioso em pequeno móvel de mogno. Primeiro relógio alemão vindo para o Brasil!

CAC – Ah! Ele havia dado como penhor do empréstimo.

Prof. NT – Sim. E esse relógio está até hoje na família. Está com um filho do meu sobrinho, irmão do Francisco... Meu sobrinho que mora aqui.

CAC – E o cidadão, dono do relógio, morreu certamente?

Prof. NT – Morreu. Morreu. Isso, depois, eu fiquei sabendo por uma senhora de São João da Boa Vista. Quando eu contei que eu tinha ido assistir a uma palestra da Guiomar Novais naquela cidade.

CAC – Ah! Sim? O senhor fala da Guiomar Novais^{6A}, a nossa grande pianista?

Prof. NT – Isso mesmo. A pianista que eu tive a satisfação de ouvir tocar, uma vez, só para mim!! E você deve se lembrar da irmã dela, a Nádia Novais, que era professora do primeiro ano, em Santa Terezinha, no Grupo da Torrinhã! Era assim gorda. E nós viajávamos juntos de São Paulo para Santo André. Quando a gente voltava para São Paulo e

descíamos na Estação da Luz, eu a acompanhava até a Rua Rego Freitas, número 12 ou 13. E ali havia uns quatro ou cinco pianos. Pianos verticais, pianos de cauda, de concertistas, sabe? E a Guiomar Novais frequentava ali. Foi ela que trouxe, pela primeira vez, esses dita-fones que se colocam na porta. Aí, a Nádia me disse: “Quando ela vier para cá você vai ouvi-la. Agora ela está em Nova York, deve ir para Roma. Mas quando ela retornar, você vai ouvir ela tocar”. Digo: “Está bem”.

CAC – O senhor sabe, professor, a Guiomar Novais sempre carregava com ela, nas viagens para o exterior, no navio, o próprio piano, já pensou? Exigente, ela só tocava no piano dela mesma, sabe?

Prof. NT – Um dia, a Nádia me avisou. Professor, amanhã o senhor vai lá em casa que ela estará lá. Aí eu fui. Ah! Foi uma coisa. Foi como aconteceu conosco, agora, nesta viagem que fizemos a Campinas. Primeiro ela contou como foram os concertos nas capitais do exterior, sabe? E, depois, tocou. Foi fantástica. O piano fazia até assim: zzzum!

CAC – Olha, professor, eu gosto muito mais da Guiomar Novais do que da Magda Tagliaferro. Eu conheço bem o estilo e o som de cada uma. Mas a Guiomar é mais doce, muito mais sublime. Não que a Magda não tenha sido grande e até a França a reverenciou muito, mas a Guiomar é genial, genial mesmo! Tem para mim uma sensibilidade maior, sabe?

Prof. NT – Mas é isso, ótimo, isso mesmo, Cini, isso, nem tem dúvida, ela é mais acessível!

E todos os Novais são assim, sabe. Todos eles. Mas a Guiomar foi o Carlos Gomes de saia.

CAC – Pois é, professor, a Magda Tagliaferro não se casou, embora tivesse muitos pretendentes, na França, do seu meio musical mesmo, mas a Guiomar teve um triste destino

com o filho, sabe? Ela casou-se com o seu próprio empresário. E o filho do casal, quando adulto, deu a ela muito desgosto. Fazia coisas que magoavam a mãe. Jogava. Deixou a mãe, Guiomar, muito amargurada. Era rebelde, jogador inveterado. No fim, fez a mãe vender o próprio piano, instrumento que ela tanto amava, para pagar as dívidas de jogo dele. Um pecado, um absurdo, já pensou? Mas a Guiomar deixou a Europa inteira boquiaberta com sua arte. O grande Debussy, que era grande autor do expressionismo musical francês da época (um dos jurados que ouviram Guiomar Novais) e também professor emérito de piano, quando ouviu Guiomar Novais, que contava na ocasião 11 ou 12 anos, tocar uma peça de Chopin, ficou maravilhado e achava que o grande pianista e autor polonês havia se instalado no corpo da jovem pianista brasileira, tal a interpretação dada por ela à peça daquele autor. Que coisa, não? Eu tenho um concerto famoso de Beethoven, o de número 5, chamado O Imperador, com a interpretação inigualável da Guiomar Novais. Sem igual, sabe? Sem igual! É considerada uma das melhores interpretações de todos os tempos.

É claro que também a Magda Tagliaferro (1893 Petrópolis / 1986 Rio de Janeiro) impressionou muito os jurados franceses. Ela recebeu a Medalha de Ouro do Conservatório de Paris em 1907. Ela morreu no Rio em 1986, com 93 anos. Ouvi a notícia no Aeroporto Santos Dumont quando retornava para São Paulo. Aqui também foi uma perda irreparável.

Prof. NT – Mas me diga uma coisa. E a Maria José? Você nunca mais a viu?

CAC – Maria José Amaral Pante, a professora? Notável, aliás. Ela é gente. Pessoa muito especial. Sim, sempre nos vemos quando a acadêmica Yolanda Ascencio edita e lança seu livro anual de poesias. Sempre

temos nos visto e conversado bastante. Mas ela é uma pessoa muito ocupada. Dá aulas até no período noturno. Não sei se já é coordenadora. O senhor lembra quando fomos à casa dela, não? É uma pessoa muito especial mesmo. Muito amiga da Yolanda Ascencio e da Eva Bueno Marques, ambas acadêmicas. O filho dela, a quem chamamos Amaral, estuda em Campinas (1995) e participou dos jograis sob a orientação da acadêmica Eva. Quem sabe ela estará na Sessão da Academia de sábado próximo, na homenagem ao professor?

Prof. NT – Mas, e o pai da Yolanda, Cini?

CAC – Pois é, professor, o pai da Yolanda, Salvador Ascencio, se foi! Faleceu há umas três semanas, mais ou menos (17 de Outubro de 1995). Aconteceu num fim de semana. De domingo para segunda-feira, se não me engano. Eu compareci ao velório no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Caetano.

Prof. NT – Como? Faleceu? Não me diga! Eu não fiquei sabendo. O Gissoni não me disse nada. Como a Yolanda deve ter sofrido. Puxa vida. Eu preciso telefonar a ela. Vou fazer isso amanhã. Que coisa! E eu não sabia, não sabia! Que judiação!

CAC – Pois é, ela está sofrendo muito com a perda do pai, que era muito amigo dela, sabe. Até ela disse que tem quase pronto um livrinho de crônicas falando muitas coisas do pai, sabe?

Prof. NT – Falando em crônica, não sei se contei a você, um dia dessas chegaram algumas sobrinhas aqui e uma delas trazia um livro. A Sílvia ganhou este livro de uma aluna dela. É de autoria de um poeta, trovador, sabe? Mas você precisa ver que coisa formidável. Então, ele fala de Caconde, depois ele fala da fazenda do pai dele, como eles eram, tudo. Um dia, venderam a propriedade e resolveram mudar-se para Tupã.

Nessa cidade, ele fez amizade com a rapaziada da idade dele. Cidade quente, verão, essa turma o convidou, um dia, para nadar num rio do lugar. Sabe, interior, aqui é gostoso nadar em rios e tal e foram nadar. Aí ele disse ao pessoal que saltava de trampolim coisa e tal e “vou mostrar a vocês como se salta”. E subiu no parapeito da ponte onde estavam e tchum! Saltou pra dentro do rio. Mas ali não havia a profundidade para isso. No fundo, só areia e pedras! E ele bateu a cabeça e ofendeu a coluna cervical. Ficou paraplégico! Hoje ele anda de cadeira de rodas. Está lá na Avenida Utinga, 181.

E eu então li o livro dele e, quando acabei de ler, pensei: “Que judiação, esse moço!” E ele está vendendo livros e decidi telefonar para ele. Vim aqui e toquei o telefone para ele. Na conversa ele me disse que se chamava Natal e que conhecia toda a minha família, que sempre ouvia falar em meu nome em Utinga. “Sabe, gostei do seu livro, gostei do seu trabalho. Das suas poesias, tudo. Um dia desses vou visitá-lo”. E ele: “Ah! Mas eu só vivo de cadeira de rodas. Agora somos só eu e um irmão e ando passando meio mal. Mas, mesmo assim, o senhor venha aqui conversar comigo”. E eu concordei. E, depois, esqueci. Fiz comentários com o Gissoni, com a Heleninha ... Quando foi ontem eu me lembrei dele e pensei, “puxa, preciso ligar para o Natal, o moço do livro”. E fiz a ligação, errando um dos números. Atendeu-me uma senhora e perguntou com quem eu queria falar. Eu lhe disse: “Bem a senhora não conhece, é um rapaz daí de Utinga, não me lembro bem o nome dele, mas sei que ele vive numa cadeira de rodas”. “Ah!”, fez ela, “eu vejo sempre esse rapaz. Mora perto de casa. Se o senhor quiser eu vou até lá e vejo o número correto do telefone dele. Sabe, eu e meu marido temos uma oficina mecânica e eu sempre tive desejo de falar com esse moço.” Eu concordei com ela e

esclareci que ele era poeta, trovador. Ela ficou animada e disse “vou já até lá”. Daqui a pouco o senhor volta a ligar, certo?” Liguei mais tarde e ela falou entusiasmada que conversara com ele e comprara um livro dele. E que o rapaz “ficou muito contente e que vai esperar pelo senhor na outra semana”. Mas, você precisa ver, Cini. Assim que eu tiver o livro você vai ler. Veja, gente da roça, fez o quarto ano do grupo em Caconde e só! Sei que ele fez o Exército, mas não sei bem como foi a coisa, sabe?

Mas eu falei a você sobre a Maria José, porque eu escrevi uma crônica sobre ela, na pessoa de professores. Você lembra aquele modo dela, aquele conhecimento, quando vocês discutiam sobre o Emílio de Menezes, ela falando de música, você falando de música, a casa dela muito bonita, muito acolhedora, interessante. Então eu fiz um retrato. E eu queria dar isto ... A Eva me pediu e eu disse a ela que não, eu quero aguardar uma oportunidade. Agora estou achando que sábado seria essa oportunidade. E queria pedir para a Eva se ela podia ler, mas vendo na Maria José “o professorado”, sabe?

CAC – Professor, eu considero isso muito bom. Vamos fazer o que o senhor pensou.

Prof. NT – Ah! Mas eu não tenho o trabalho aqui comigo!

CAC – Não? E onde ele está?

Prof. NT – Eu não sei se deixei em Caconde. Eu telefonei para a minha sobrinha e ela respondeu que lá havia um embrulho meu. Mas, minha cabeça, Cini ... Sabe a minha sobrinha, a que está com a minha cama de solteiro, de que você falou?

CAC – Sim, mas por que o senhor não pediu para desfazer o tal embrulho e enviar só o trabalho, por fax? Indo a qualquer lugar que tenha fax, o senhor paga pouco e pronto! Como foi escrito?

Prof. NT – *Escrevi com esferográfica.*

CAC – Ótimo, professor, faça isso amanhã, que é quarta-feira, ainda dará tempo para preparar para a apresentação de sábado. Fale para o pessoal desembulhar o pacote e ver se o trabalho está mesmo lá.

Prof. NT – *Sim, eu já dei todas as coordenadas. Eu queria ver se estão lá também os dois sonetos meus. Saiba por quê? Porque nesses dois sonetos meus ... eu, eu ainda não havia lido aquele poeta de Itapetininga, quando ele fala das “duas almas”, sabe?*

Ah! Vou contar uma coisa pra você. Sabe que, numa palestra minha no Fernando de Magalhães, eu citei o seu nome? É, e recitei aquela poesia que você trouxe, do Afonso Schmidt, a ... como é mesmo? (Zingarella, lembrei-o). Isso mesmo! Zingarella! Você me deu uma cópia, lembra? Ah! foi uma coisa linda. A diretora do colégio até pediu para tirar cópia para ela. Ela ficou encantada!

CAC – Que coisa boa, lembrar desse escritor, meu patrono. Pois é, professor, Afonso Schmidt, escritor nosso, paulista da gema, nascido em Cubatão (1890). Escritor das coisas do povo. Apaixonado por São Paulo, a capital. Contou suas histórias, em seus romances e livros de memória: a Revolução Constitucionalista de 1932 (*A Locomotiva*), suas memórias (*São Paulo de Meus Amores e Mistérios de São Paulo*), o litoral de sua infância (*Menino Felipe e o Tesouro de Cananéia*), o Grande ABC – Mogi das Cruzes (*Aventuras de Indalécio*), livro de contos (*Os Boêmios*) e muitas outras coisas como *Os Impunes*, novela premiada na Argentina. E mais: poesias premiadas pela Academia Brasileira de Letras. Mas, quem se lembra dele? Morreu logo após rebentar a Revolução de 31 de Março de 1964, em Abril de

64. Quem fala dele? Participou da criação do Sindicato dos Escritores, da União Brasileira de Escritores. Onde está a mídia que em 1963 o elegeram e o premiou como *O destaque cultural do ano*?

Prof. NT – *Não, olha, Celso, você tem razão. Eu estive relendo uma História do Brasil, nestas férias. E vi que é verdade, não existe mais interesse. Você precisa ver que formidável o que li. Ele (o autor) cita Viriato Correia e todos esses grandes que escreveram a verdadeira história do Brasil. A história, veja bem, não é a “estória”, não! Fala de D. Pedro I: que homem culto! Porque só falam dele por causa da ligação com a marquesa de Santos. E também quem foi a marquesa de Santos (Maria Domitila de Castro Canto e Melo), que mulher! Ela enchia a cabeça de D. Pedro I, todas as vezes que se encontravam. Insistia para que separasse o Brasil de Portugal. E D. Pedro II, que cultura notável, que homem de bem! Agora, falando isso a você, eu, na minha fala, vou dar “de leve”, muito de leve, vou chamar a atenção dos homens públicos, porque eles esquecem as mulheres. Só falam dos grandes homens. Nada sobre as grandes mulheres. Marechal Deodoro, que homem! Aliás, o Estadão de ontem trouxe um artigo ótimo sobre Deodoro. Estão falando a verdade. Eu acho que Alagoas vai alagar o Brasil. Vasculharam tudo, tudo. Sabe, Celso, nossa Academia podia fazer o seu jornal, não é, e eu posso assiná-lo como responsável porque eu tenho o título (de jornalista). Eu fui sondado para fazer um jornalzinho, mas com fundo religioso. (E o professor muda de assunto ...)*

Ah! Eu contei a você que eu tenho comigo um romance pronto, engatilhado, 250 páginas? Parece ficção, mas é realidade (romance com fundo verdadeiro). É que eu recebi um telefonema de uma senhora e ela me contou coisas e pediu que fizesse um poema, ou uma crônica sobre esse

assunto, sabe? E eu fui lá para o meu canto, lá embaixo e comecei a escrever, escrever, sabe? Agora eu preciso voltar lá para falar com ela. Numa parte eu pego nosso bairro, lá. Noutra, eu cuido da Praça do Carmo. Mas, os nomes dos personagens são todos fictícios (embora o texto tenha base em fatos acontecidos). Para evitar assim uma denúncia, sabe? Mas é muito, muito interessante!

CAC – Sim, professor, mas qual é o assunto central do texto?

Prof. NT – *O assunto é a vida de três moças, das quais eu penso que ela é uma delas. Os nomes dos personagens são fictícios, para evitar uma possível denúncia, certo? Eu ainda devo voltar a conversar com ela para preparar o fecho. É interessante, sabe?*

CAC – A propósito, professor, sabe que aquela senhora, a viúva do escritor patrono da minha cadeira, Afonso Schmidt, a senhora Maria José da Silva Schmidt, também é escritora e jornalista e tem já preparado um livro sobre a vida de São Bernardo dos anos 1900 a 1950? Trata-se de um romance, cujo nome será *Caminho do Mar*. É uma obra de memórias e ficção. Aliás, ela estava buscando recursos para que a Secretaria de Cultura custeasse a obra. Lembra que o senhor forneceu uma das fotos que eu tirei em casa, no coquetel da minha posse. E a foto foi publicada no *Diário do Grande ABC*?

Prof. NT – *Lembro, sim, foi o Ademir Médici que cuidou disso. Dei-lhe a foto.*

CAC – Pois é, ela mora em Santana e eu fiquei de retornar à casa dela para entregar fotos daquele dia e fui adiando, adiando. Mas eu lembro que na ocasião da posse, uma semana antes, eu e a minha esposa fomos até a casa dela, depois de combinar uma visita por telefone. Fomos num primeiro de Maio, no dia em que mor-

reu o Ayrton Senna, lembra? Ela mostrou-me o arsenal de obras e objetos do escritor Afonso Schmidt. Até deu-me um exemplar raro (*Tempo das Águas*, um romance lindo sobre gente simples das imediações do Mercado Municipal da Cantareira), que eu não possuía. Então, nesse dia, nós a convidamos para a posse e ela, gentil, compareceu, lembra?

Prof. NT – *Lembro, lembro muito bem. Que coisa boa foi conhecê-la. Mas, então e, a propósito, e a Dra. Gisela, também uma escritora, jornalista, poetisa e tradutora, de Rio Grande da Serra? Uma pena, agora ela já não caminha mais. Também é paraplégica. Quando fiz uma palestra no IMES, minha tese foi o jornalismo romântico. E ela, que assistiu, gostou muito e me disse: “Olha, o senhor tocou fundo no meu âmago”. E eu respondi que fora assim que comecei a tomar gosto pela literatura. Ela respondeu: “Ah! Como eu gostaria de ouvir isso. Vá até minha casa”. Eu nunca fui, sabe? Agora, recentemente, num encontro de vereadores, eu perguntei a um deles que mora lá e ele sugeriu que o procurasse que ele me levaria até a casa dela. É como a Nair Lacerda, né? O Zampol foi o que mais se interessou por ela. Ele chegou mesmo a propor, na Câmara Federal, o nome dela para ministra da Educação e, no fim, saiu ministra a Dra. Ester Ferraz.*

CAC – É, a Dra. Ester de Figueiredo Ferraz é catedrática de Direito Penal da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Eu a conheço bem: uma sumidade. Também já foi diretora da própria faculdade onde leciona. Uma jurista brilhante, sabe? E isso desde 1964. Nessa época ela já pertencia ao corpo docente da Velha Academia de Direito.

Prof. NT – *É, ela é de Mococa. Foi ela quem me auxiliou a criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Pires. Mas então, Cini, o que nos falta na Academia é este con-*

vívio. Por isso também é que eu disse que gostei muito daquela noite em que estivemos na casa da professora Maria José Amaral Pante.

CAC – Professor, essa nossa megalópole (São Paulo e o Grande ABC) e sua vida agitada nos impedem de fazer isto. Não existem mais encontros como o nosso, de hoje. É quase impossível fazer isto com regularidade. O diabo da TV também é responsável. Tolhe a gente. Rouba-nos a privacidade.

Prof. NT – *Mas, Celso, e o Dr. Simões?*

CAC – Bem, o Dr. Eduardo Valente Simões, também grande acadêmico nosso, agora já está distanciado de nosso contato pessoal. Mas, no tempo da Rhodia, de onde saí em 1983, havia contato freqüente. Agora ele já alcançou 90 anos. Este ano. Ele me disse que não mais dirigia e, para sair de carro, precisava sempre da sua companheira. Ele fez muitos contatos quando começou a publicar seus livros de poesia. Até dedicou um dos poemas a mim, no livro *Sentimentos de Agora*, que conta com belos poemas e sonetos. O livro é de 1984. Na noite de autógrafos, escreveu-me: *Ao Celso, já destacado com dedicatória especial à pág. 117, um grande abraço do Simões – 27.03.84*. Na poesia *Resposta ao Amigo*, ele diz: *Amigo, muito obrigado./ Tua carta foi para mim um incentivo,/ pois andava disso precisado*. E responde a um comentário que fiz de uma poesia sua que fala de Cristo e se chama *A Visita*. Linda e comovente. Publicada na obra anterior, *Fundo de Gaveta*, o primeiro livro da série, editado em 1983. Depois publicou muitos outros.

Prof. NT – *É, agora o Simões está quase como o Spada (Noêmio), que já não pode sair da cama. E também o Jefferson⁸.*

CAC – Sabe, depois que saí da

Rhodia, 1983, todos os anos eu o convidava para um almoço. Ele, o amigo Eugênio da Costa Gaia, que foi de Santo André, trabalhou com o Zezinho Brancaglione, na farmácia famosa da esquina Campos Salles e Cel. Oliveira Lima, lembra? E o Dr. Nelson Antunes, para matar saudades, sabe? O Eugênio da Costa Gaia foi amigo do Miguel Sanches Ruiz, que também pertenceu à nossa Academia, do José de Carvalho, que se dedicou muito ao poeta português Fernando Pessoa: fez um belo trabalho, premiado em Portugal, sobre o poeta. E ainda o Dr. Rodrigues, chefe da Secretaria Geral da Rhodia, o Dr. Paulo de Souza Ramos, nosso confrade, ainda hoje, na Algrasp. Todos grandes amigos e inclinados à literatura. Todos rhodianos de raça. Gente que fez o bem e o belo. Aliás, sabe professor, *fazendo todos os dias o bem que se pode, far-se-á, algum dia, o bem com que se sonha, não é?*

Prof. NT – *Sim, sim, isso mesmo. E o Isaac, também?*

CAC – Também, também. Fala do Isaac Júlio Barreto, não é? Ele está bem, sabe? Um dia desses eu o vi na rua, fazendo sua caminhada, perto do Fórum, e conversamos um pouco. Falamos sobre o Alberto Pimenta de Brito, que ia dar um recital de violino. Esse recital [aconteceu] no Tênis em 26.10.95. Nossa, estava lotado! E até acho que vou levar o Alberto para tocar na Academia, umas valsas, umas peças bonitas no sábado em nossa homenagem. Mas o professor Isaac, também violinista, foi membro da Orquestra Sinfônica fundada em 1953 pelo maestro Leonid Urbenin. Ele é de Aparecida do Norte e homem muito religioso. Muito querido de todos nós.

Prof. NT – *Puxa, você falou dele e eu me lembrei: preciso levar o meu violino para o Alberto consertar. É, eu tenho um violino que era do pai do meu bisavô. E tenho outro que ganhei há um ano. Eu falei com ele, que*

pediu que levasse lá. Mas como o instrumento está sem o rabicho, eu não queria levar. E ele insistiu para eu levar. “Mas depois da viagem ao Rio, porque vou ser avô...”, disse ele. (Época em que nasceu Guilherme, o primeiro neto do violinista Alberto Pimenta de Brito.)

CAC – Ele deu um recital recentemente. O Alberto é um artista completo. O senhor precisa ver as pinturas que ele faz. Ele pintou um Cristo no Monte das Oliveiras: notável! Ele tem duas filhas arquitetas e também violinistas: ambas já participaram da Orquestra Sinfônica de Santo André, nos tempos da Orquestra Jovem. São Ana Fátima e Ana Cecília. A primeira está ainda solteira e é também compositora. Eu a ouvi executando algumas peças que ela compôs, ao piano. Um trabalho encantador! Verdade. O próprio Alberto também tem composições! Depois, ele é um bom artesão e prepara miniaturas. Eu vi a miniatura de violino que ele fez. Perfeita. Com escala das medidas e tudo o mais.

Prof. NT – Ah! É mesmo, que beleza!

CAC – É, ele me ajudou muito quando construí o meu telescópio newtoniano. É um instrumento com espelho de reflexão em que se olha na lateral, com várias oculares que me foram preparadas por um físico de Utinga, de nome Valentim Barbus.

Prof. NT – Puxa vida!. Então, ele é mesmo um colosso! E a orquestra acabou?

CAC – Bem, agora a orquestra é de jovens. Eles têm seu salário e o mestre deles é o próprio maestro, Flávio Florence, filho do engenheiro químico Álvaro Florence de Barros, que trabalhou conosco na Rhodia em Santo André. Usava um tapa-olho, lembra dele?

Prof. NT – Sei, sei, lembro sim.

CAC – Pois é, o Flávio Florence formou-se em regência na Holanda. Morou lá durante alguns anos. O pai era um verdadeiro melômano, o que ama a música. Notável conhecedor de grandes peças musicais que, juntos, ouvíamos na casa de um destacado funcionário da Rhodia, o Sr. Arlindo Pinto. Mas eu vi aqui a Suíte Quebra Nozes, O sonho de Uma Noite de Verão, várias operas famosas. O trabalho dele é realmente notável.

Toca o telefone, com insistência. O professor atende. Aproveito para despedir-me. Bem, professor, penso que conversamos bastante por hoje. Foi muito proveitosa [a conversa]. Eu vou andando que tenho de levantar cedo amanhã. Boa noite, até um dia desses.

Prof. NT – Boa noite, Cini. Volte sempre, viu?

Final da gravação. Não conseguimos repetir a tertúlia.

Nota do entrevistador

[1] Francisco de Paula Rodrigues Alves, paulista nascido em Guaratinguetá, foi realmente pai de Dr. Oscar e Dr. José, citados pelo professor Nicola Tortorelli. O velho Rodrigues Alves foi Presidente da República no Quarto Período de Governo, de 15 de Novembro de 1902 a 15 de Novembro de 1906, e seu filho mais velho, Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho, fazia parte do Ministério como secretário da presidência. Mas, Rodrigues Alves foi, depois, novamente presidente (governador) da Província (Estado) de São Paulo, depois voltou a ser senador e foi reeleito Presidente da República no Oitavo Período, já em 15 de Novembro de 1918, após a Guerra de 1914/1918, mas não chegou a tomar posse. Ele, que já vinha doente, faleceu em seis de Junho de 1919, vitimado pelo agravamento de sua saúde ao contrair a gripe espanhola. Nessa data, o professor Nicola Tortorelli ainda não havia completado seis anos de idade, pois nascera em Caconde - SP, em 11 de Setembro de 1913.

[2] José Bento Monteiro Lobato: Escritor brasileiro (* Taubaté, SP – 1882 + São Paulo, SP – 1948). Formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, chegou a trabalhar como promotor em

Areias - SP. Depois retirou-se para a fazenda do avô, que ele chamava de visconde.

Nesse tempo, passou a colaborar no jornal *O Estado de São Paulo* e, com o artigo Velha Praga (sobre as mazelas do caboclo brasileiro), lido por Rui Barbosa no Congresso, no Rio, chamou a atenção do meio intelectual da época. Em 1918, editou seu primeiro livro de contos, *Urupês*, que teve grande êxito. Logo após vieram *Negrinha*, *Idéias de Jeca Tatu*, *Mundo da Lua*, *O Presidente Negro* e muitos outros. Fundou sua própria editora com inovações e criatividade (capas com gravuras foram criação dele). Em 1924, essa editora faliu, mas ele a recuperou depois, dando origem à importante Cia. Editora Nacional. Já em 1921 editou sua primeira obra infantil: *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Mais tarde criou todas as figuras brasileiras do Sítio do Pica-Pau Amarelo, hoje com programação na TV. A pedido do Presidente Getúlio Vargas, foi para os EUA como adido comercial do Brasil, em Nova Iorque. Empolgado com o progresso daquele país, voltou com idéias nacionalistas sobre o petróleo e o ferro, fundando uma companhia petrolífera em 1933, que explorava petróleo em Araquá, na Bahia. A partir de 1935, após sua prisão por ordem do governo ditatorial de Vargas, porque insistia na criação de uma empresa nacional de Petróleo (hoje é a Petrobrás), passou a cuidar mais da literatura infantil, escrevendo contos leves. Já havia editado o livro *O Escândalo do Petróleo*. Publicou *Geografia de Dona Benta*, *Histórias de Tia Nastácia*, *O Poço do Visconde* e o *Minotauro* em 1939. Fez, para crianças, importantes traduções e adaptações de clássicos: *Don Quixote*, *As Viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe* e outros. Era também pintor. Várias de suas aquarelas são muito conhecidas. Era contra a pintura de vanguarda modernista.

[3] Cassiano Ricardo Leite, poeta, escritor, crítico, ensaísta, historiador e jornalista (* São José dos Campos, SP 1895 + Rio de Janeiro, RJ 1974) criou, com Paulo Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, o movimento nacionalista denominado verde-amarelismo, de forte tendência nacionalista e conservadora. Mas participou, também, com esses mesmos literatos e mais Cândido Mota Filho e Raul Bopp, do grupo da Anta, símbolo da terra e da nacionalidade, que se opunha à Antropofagia chefiada por Oswald de Andrade. Membro da Academia Brasileira de Letras, escreveu também um pequeno ensaio sobre bandeirologia (1956), além de obras consagradas como *Martim Cereré* e outras.

[4] Paulo Menotti Del Picchia (*Itapira, SP [ou São Paulo, SP?] 1892 - + São Paulo, SP - 1988), escritor, poeta, advogado, escultor e principalmente jornalista e político combativo. Fundou e dirigiu vários jornais em Itapira, em Santos, onde apareciam trabalhos seus como escritor, entre os quais o famoso *Juca Mulato* (em *O Grito*, de Itapira), que o fez conhecido no Brasil todo. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, dirigiu *A Tribuna de Santos*, militou na *Gazeta*, no *Correio Paulistano*, no *Anhanguera* e no *Diário da Noite*. Fundou o jornal paulistano *A Noite*; escreveu para várias revistas importantes da época das quais foi fundador: *A Cigarra* e *Nossa Revista*. Participou ativamente da vanguarda da Semana de Arte Moderna e fundou o verde-amarelismo com Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Fez memorialismo e também foi crítico literário. Escreveu *A Revolução Paulista* e o ensaio *O Momento Literário Brasileiro*.

[5] A obra *Gitânjali* (que se lê guitânjali) = *As Oferendas*, escrita em 1913, é um caderno poético (em inglês) de autoria de Rabindranath Tagore, nascido em Calcutá, Índia, em 06.05.1861 e falecido em Bengala Ocidental (Santinikitan), Índia, em 1941. Essa obra pode ter sido traduzida por Guilherme de Almeida, mas a tradução mais famosa é de Cecília Meireles. R. Tagore recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1913 pelo conjunto de sua obra. Na obra *Çaturanga*, romance de Tagore, editada pela Biblioteca dos Prêmios Nobel, Cecília diz, num dos prefácios. *Para mim, o ano de 1913 é o ano de Tagore. Ao chegar à última página de "As Oferendas", eu sabia que tinha um irmão; e tive a sensação maravilhosa de ver que existia verdadeiramente na terra uma criatura que me era assim superior naquilo que me é mais caro, naquilo que coloco acima de tudo. Seja isto prova de orgulho ou de humildade, pouco me importa: era assim, apenas. Eu estava feliz por ter achado um mestre: alguém que Deus me concedera a graça de encontrar. E se os sábios de Estocolmo (Suécia) me tivessem perguntado que fronte poderia receber a pesada coroa de ouro sem se alterar, eu lhes teria dito: "Se procurais um poeta-rei, a quem vossa escolha não perturbe, por ser um homem autenticamente régio, prestai vossa homenagem a Tagore". E o incrível aconteceu. Os homens a quem foi confiada a coroa disseram amém ao que eu pensava.* R. Tagore foi um grande idealista. Fundou em Santinikitan uma escola denominada Visva-Bharati (Voz Universal), onde tentou combinar o que de melhor havia nas culturas oriental e ociden-

tal. Em 1921, essa escola foi transformada em universidade internacional.

[6] Guilherme de Andrade e Almeida, poeta paulista (conhecido como Guilherme de Almeida), nasceu em Campinas, em 24 de Julho de 1890, mas passou a infância em Rio Claro – SP. Embora tenha participado da Semana de Arte Moderna em 1922, sua obra se caracteriza por inegável inspiração romântica, habilidade na elaboração de rimas e ritmos poéticos e preciosismo verbal (sonetos camonianos). Membro das Academias Paulista (1928) e Brasileira de Letras (1930). Foi agraciado com o título de Príncipe dos Poetas Brasileiros. Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, mas já trazia na alma o germe da poesia que, para ele, já tinha maior importância que o Direito. Exerceu o cargo de promotor interino em Apiaí, no Vale do Ribeira, e também em Mogi Mirim - SP. Ingressou na Redação d' *O Estado de São Paulo*. Casou-se no Rio com Baby Barroso do Amaral e foi nomeado Secretário da Escola Normal do Brás, em São Paulo. Em 1926, escreveu crônicas no jornal *O Estado de São Paulo*. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932 e, com a derrota dos paulistas, foi exilado, indo para Portugal. Retornou em 1933, reassumindo seu cargo na Escola Normal. Iniciou duas programações de rádio na emissora Cruzeiro do Sul (poesia e cinema). Em 1937 foi eleito presidente da Associação Paulista de Imprensa. Foi presidente da Comissão de Festejos do IV Centenário de São Paulo. Suas obras: *Nós* (1917); *Dança das horas e Messidor* (1919); *Livro de Horas de Sórór Dolorosa* (1920); *Era uma vez* (1922); *A Frauta que Eu Perdi* (1924); *Meu e Raça* (1925); *Poesia Vária* (1947); *Anjo de Sal* (1951); *Acalanto de Bartira* (1954); *Camoniana* (1956); *Pequeno Romanceiro* (1957); *Rua* (1961); *Rosamor* (1965) e os *Sonetos de Guilherme de Almeida* (1968). Foi também grande estudioso de Heráldica e foi premiado pela criação do Brasão de Armas de São Paulo. Tinha obcecado orgulho de ser paulista da gema! Faleceu em São Paulo, em 11 de Julho de 1969.

[6A] Guiomar Novaes, pianista paulista (* São João da Boa Vista, SP – 1896 – + São Paulo, SP 1979). Apresentou-se pela primeira vez com 11 anos, em 1908, no Rio de Janeiro. Depois, como bolsista do Governo do Estado – SP, foi encaminhada a Paris, em 1909, onde obteve o primeiro lugar no concurso oficial para ingresso no conservatório local. Foi examinada por um júri presidido por Gabriel Faure, do qual participava Claude De-

bussy, que se encantou com a menina prodígio. Ainda como aluna iniciou sua brilhante carreira de concertista em notável recital na famosa Sala Érard, em 1911, e desde então mereceu vivos aplausos em excursões pela Europa e Américas.

[7] Fioravante Zampol foi prefeito de Santo André de 1952 a 1955, seguido depois por Pedro Dell'Ántonia e Oswaldo Gimezez. Zampol era de Ribeirão Pires. Antes de candidatar-se, foi vereador e presidente da Câmara da Edilidade de Santo André, ao tempo em que Nicola Tortorelli também foi vereador de Santo André, a partir de 1947. Eles eram amigos. Mais tarde, com a morte repentina de Lauro Gomes de Almeida, em 20 de Maio de 1964, ele que fora eleito prefeito de Santo André em Outubro de 1963 (e que era já uma figura notável e lendária como prefeito de São Bernardo do Campo), Fioravante Zampol tornou-se novamente o titular da Prefeitura andreense e fez, nessa gestão, uma das mais notáveis administrações do município.

[8] Eduardo Valente Simões - Todos os nomes citados são de membros da Academia de Letras da Grande São Paulo. Mas Eduardo Valente Simões foi um notável administrador. Farmacêutico, de grande cultura e dono de grande talento como orador (era o orador oficial da Academia de Letras ABC), fez bela e longa carreira na Cia. Química Rhodia Brasileira. Foi poeta, muito jovem, nos anos de 1930, quando se aproximou de Mário de Andrade, que o incentivava a escrever. Ser humano de notáveis qualidades, de caráter íntegro, foi escolhido como presidente do Conselho de Curadores da Fundação Universitária do ABC por ocasião da instalação da Faculdade de Medicina dessa Fundação, onde fez notável administração. Publicou vários livros de poesia. Morreu em 1996, em Santo André, no Hospital Bartira (de propriedade do médico Dr. Eduardo Simões, seu filho), com 91 anos de idade.

Legendas de abreviações que aparecem no texto

CAC = Celso de Almeida Cini = Entrevistador/Acadêmico

Prof. NT = Professor Nicola Tortorelli/Acadêmico

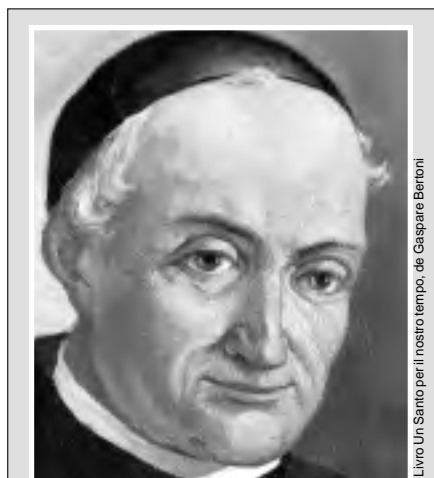
(*) Celso de Almeida Cini é advogado, professor de línguas e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.

Estigmatinos: 80 anos na cidade

De 22 de Dezembro de 2003 a 22 de Dezembro de 2004, os estigmatinos comemoram 80 anos de presença em São Caetano do Sul.

Os estigmatinos são religiosos (padres e irmãos) pertencentes à Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, fundada por São Gaspar Bertoni, em Verona (Itália), no dia quatro de Novembro de 1816. Pautam a vida nas virtudes que emanam dos estigmas ou cinco chagas de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, ou seja, *caridade fraterna, paciência e mortificação, pureza de vida aberta para Deus, sensibilidade frente à realidade das pessoas e do mundo, humildade sob o lema: “Tudo para a maior glória de Deus!”*. Além disso, à luz do modelo de vida dos Santos Esposos, (Nossa Senhora e São José, patronos da congregação), os estigmatinos procuram se esmerar na *fidelidade aos compromissos assumidos, no despojamento de si mesmos em ampla disponibilidade para empreender e enfrentar todo e qualquer tipo de apostolado, na prática do abandono filial nas mãos da Providência Divina, na jovialidade traduzida no acolhimento descontraído e na preparação incommum em todo ramo do saber*.

PRÁTICA - A partir do Carisma ou finalidade da congregação, *Missionários Apostólicos a Serviço dos Bispos*, os estigmatinos visam realizar, prioritariamente, *como missionários apostólicos*: a) um trabalho de evangelização qualificada, centrado na pregação da palavra de Deus, por meio de missões populares; cursos, palestras, conferências, formativos etc.; b) uma esmerada educação cristã da juventu-



São Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo (Estigmatinos)

de, através de missões jovens, magistério, encontros etc; c) atendimento ao clero por meio de aconselhamento, direção espiritual, ajuda mútua etc. E, quanto a estarem sempre a *serviço dos bispos*, isso implica, além de respeito e acatamento, pois são eles os legítimos sucessores dos apóstolos, também a tentativa de corresponder, da melhor forma possível, aos seus apelos, assumindo encargos, funções, coordenação etc. (E estão sempre disponíveis para ajudar as demais paróquias da diocese.)

SÃO CAETANO - Já se passaram 80 anos desde a chegada dos primeiros estigmatinos no município. Quais os dados mais significativos desse evento? Ou, em outras palavras, qual a *marca registrada* ou o *rosto que os estigmatinos aqui deixaram ou procuram deixar*?

Primeiramente, convém salientar que as três prioridades do Carisma estigmatino, acima citadas, foram e continuam sendo os eixos vi-

tais do patrimônio deixado e concretizado por eles até hoje, aqui em São Caetano, proporcionando sempre formação humana e cristã, sólida e duradoura, que tanto contribuiu e contribui para a firmeza das novas lideranças.

Acrescente-se a isso uma colaboração cultural muito marcante, que abrange desde a maneira de incutir atitudes de responsabilidade até a elaboração de projetos direcionados para educação, arte, esporte e lazer.

Ao repassar os três *Livros do Tombo*, da Paróquia Sagrada Família, essas realidades vão aparecendo, impreterivelmente, em meio às múltiplas tarefas que os estigmatinos aqui exerceram ou exercem. A transcrição delas será apresentada a seguir, de acordo com os originais, destacando, por décadas, as mais importantes.

A primeira década, 1923-1924 a 1933, começa com a chegada do primeiro estigmatino a São Caetano, padre João Baptista Pelanda, narrada laconicamente assim: *Em obediência aos meus superiores, aqui cheguei na tarde do sábado, 22 de Dezembro de 1923, começando logo o meu ministério pela assistência a um casamento, a isso autorizado por provisão regular do Exmo. Vigário Geral Mons. Dr. E. Teixeira*. No ano seguinte, Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, cria a Paróquia amovível de São Caetano, e nomeia:

- PRIMEIRO VIGÁRIO: Padre João Baptista Pelanda. Ele toma posse logo em seguida, contudo, percebe que sozinho não poderia dar conta do trabalho.

Fundação Pró-Memória



Padre João Baptista Pelanda, primeiro vigário estigmatino

Fundação Pró-Memória



Padre José Tondin, segundo vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre Alexandre Grigolli, terceiro vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre Ézio Gislimberti, quarto vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre José Lambert, quinto vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre José Carvalho, sexto vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre Devanir da Silva, sétimo vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre Mário Domingos Perin, oitavo vigário estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre Paulo Campo Dall'Orto, nono vigário (pároco) estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre José de Sousa Primo, décimo pároco estigmatino

Paróquia Sagrada Família



Padre José Antônio Mainardi, décimo primeiro pároco estigmatino

Por isso, *diante das necessidades espirituais de nossa população... que dia por dia vinha aumentando, recorri aos meus Superiores que prontamente annuíram dando-me um precioso auxílio na pessoa do Rvdo. P. Alexandre Grigolli, da mesma Congregação, e cuja piedade, bondade, sciencia e outras múltiplas aptitudes não podiam não torná-lo... muito bem quisto por todos.*

Assim, a partir de 1925-1926, padre Pelanda e padre Grigolli iniciam a sistematização do andamento da Paróquia. A primeira urgência é a aquisição de uma casa, pois aquela anexa à igreja (Matriz Velha) já não tinha condições de ser, ao mesmo tempo, residência dos padres, expediente e salão paroquial.

Em vista disso, os superiores da Congregação dos P.P. Stigmatinos cuidaram de adquirir a *casa sita [na] Avenida Cel. Saladino Cardoso Franco, nº 65, nella se transportando os RR. Padres na ultima semana de Outubro [de 1926]. Foi assim possível abater os compartimentos [da casa antiga] e obter um vasto salão muito oportuno para reuniões etc. [Mais] a Sacristia e [uma] Sala para reposição dos paramentos e alfaias.*

No ano seguinte [1927], *completa-se (sic) cincoenta annos [desde] que os primeiros colonos, recém-chegados da Itália, aqui fixaram sua estada, lançando com*

seu corajoso trabalho, alentado por sua admirável fé, os profundos alicerces desta vultuosa obra de progresso e sã moral que hoje admiramos e fruímos. E o evento foi bastante comemorado, através de um amplo Programa de Festejos, que se estendeu desde 28 de Julho até sete de Agosto, dia da festa do glorioso São Caetano. Findas as festividades, os padres retomam a estruturação da Paróquia, a começar pela catequese das crianças (mil garotos matriculados). Enorme incremento é dado à Pia União das Filhas de Maria e à Congregação Mariana: movimentos que se tornam marcantes na cidade, pois, além de contribuir para a formação cristã de moços e moças, promovem um espírito de comunidade tal que os grandes acontecimentos referentes à arte, ao esporte e ao lazer neles encontram respaldo e incentivo. Quem tem boa memória disso deve se lembrar com saudades!

Nesse ínterim, padre Pelanda volta definitivamente para a Itália e entra o:

- SEGUNDO VIGÁRIO: Padre José Tondin. Foi no dia 18 de Abril de 1929. Na ocasião, a cidade se apresentava em ritmo de acelerado crescimento. Então, padre Tondin e padre Grigolli se conscientizaram de que urgia pensar na construção de uma igreja maior, além de refletir sobre outros três motivos importantes: *necessidades espirituais do povo da Paróquia, a dificuldade que pode constituir para muitos, no cumprimento dos deveres religiosos, a distância da igreja [Matriz Velha], collocada no ponto extremo da Paróquia, e a abrangência de seu território, que compreende Vila Prudente, Vila Zelina, Moinho Velho, S. Terezinha e Utinga.* Para que essa igreja maior fosse uma realidade, os padres, mais o casal Ernesto e Anna Baraldi, concordaram com uma permuta-doação de

um amplo terreno localizado no alto da cidade. Assim, em 1930, foi lançada a pedra fundamental daquela que viria a ser a atual Matriz Nova. A ata colocada no interior desta pedra, após relatar o nome das autoridades brasileiras e das presentes ao ato, conclui, dizendo: *A construção desta obra tão necessária à Religião e à Pátria dependerá (sic) recursos materiaes de grande monta, recursos esses que, só mesmo com a ajuda da Divina Providência, pela intercessão do Glorioso São Caetano, Padroeiro desta Paróchia, poderão ser reunidos.* Duas coisas devem ser lembradas aqui: nesse terreno foi construída uma capela provisória, sob o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; e, para angariar fundos, visando à manutenção da Matriz Velha e à construção da Matriz Nova, a tradicional Associação Antoniana organizou quermesses periódicas.

No final de 1931, padre Tondin deixa a Paróquia, entrando em seu lugar o:

- TERCEIRO VIGÁRIO: Padre Alexandre Grigolli. É evidente que sua primeira atividade foi a de dar início às obras da Matriz, as quais, já no Natal de 1933, compreendiam *a Capela Mor [terminada], sendo-lhe anexado o barracão que serviu até agora de Capella provisoria [e] foi ella, por autorização verbal de Mons. Vigario Geral, benzida pelo R. Vigario que rezou nella a primeira Missa em beneficio dos Benfeitores.* Ao lado da nova igreja é construído também um Salão Paroquial que, por muitos anos, serviu como Escola e local de reuniões e festas.

NB - As próximas décadas vão sinalizar uma série de cooperadores, padres, irmãos e estudantes estigmatinos que por aqui passaram ou se encontram. Por isso, é bom deixar bem claro que esta seqüência de

vaivéns está em perfeita sintonia com a finalidade (Carisma) da Congregação Estigmatina, ou seja, *Missionários Apostólicos a Serviço dos Bispos.* Finalidade essa traduzida na prática pela mobilidade de seus membros, sempre disponíveis, sempre prontos, para *ir trabalhar em qualquer lugar na diocese e no mundo,* conforme o desejo de São Gaspar Bertoni, seu fundador.

A lista completa deles todos se encontra no final do presente trabalho.

A segunda década, 1934 a 1943, vê a cidade de São Caetano despontar como pólo industrial. E isso acarreta uma série de novas situações para a vida da paróquia: operariado crescente e, tantas vezes, sem recursos e despreparado; presença de outras igrejas ou seitas; periferia acrescida de gente carente e marginalizada etc. Daí o motivo da criação de um movimento do tipo *Liga Jesus Maria José,* voltada para a assistência às pessoas afastadas da igreja e da sociedade. Daí também a razão da exigência, vinda da Autoridade Eclesiástica, de consolidar o ensino religioso em todas as escolas. Daí, ainda, o motivo que levou o vigário a dar mais consistência à Ação Católica, para fundamentar melhor a fé cristã e criar uma consciência crítica capaz de perceber o alcance das questões sociais; de fato, é nesse período que se realizam semanas sociais para todos os segmentos pastorais da paróquia. Daí, finalmente, a razão da programação de algumas missões populares, nas quais um grande grupo de missionários movimenta a cidade toda, despertando a população para o valor das celebrações e da religiosidade. Como remate desse quadro, em 1940, a paróquia foi desmembrada através da criação das paróquias de Vila Prudente, Vila Zelina, Moinho Velho, S. Terezinha e Utinga - desmembramento esse que facilitou um melhor atendimento aos paro-



Paróquia Amovível de São Caetano, (Matriz Velha), confiada aos estigmatinos em 1923-1924

quianos da Matriz Velha e da Matriz Nova. E, em 1943, ampliou-se a Capela da Candelária, que os padres daqui continuaram assistindo. Finalmente, não se pode esquecer do início da pintura dos belíssimos quadros da Via Sacra, na Matriz Nova.

A terceira década, 1944 a 1953, registra a volta definitiva de padre Alexandre Grigolli para a Itália (1946). Palavras dele, de despedida: *Um agradecimento a Deus por todos os benefícios que me dispensou nestes 22 anos; um agradecimento ao Povo pela correspondência, auxílio, cooperação que teve para o seu Vigário; uma exortação a continuarem fiéis, concordes, disciplinados com o novo Vigário; peço ao mesmo tempo a Deus e ao Povo perdão de minhas faltas; os bons paroquianos me alcancem de N. Senhor, com suas orações, misericórdia. Na esperança de reunirmo-nos com Deus na eternidade, adeus, adeus!*

No mesmo dia da partida de padre Alexandre, assume o cargo o:

- **QUARTO VIGÁRIO:** Padre Ézio Gislimberti. Também ele se desdobrou para dar continuidade às obras e ao andamento da paróquia, a qual, em 1949, comemorou seu Jubileu de Prata, com várias solenidades e inaugurações. Nesse meio

tempo, foi adquirido e estreado um órgão elétrico, sob a execução magistral do professor Ângelo Camim, da Rádio Gazeta de São Paulo; criaram-se a Cruzada do Rosário, a Confederação das Famílias Cristãs e a Campanha de Assistência à Missa, todas com a finalidade de *santificar a família* e o povo; foi lançada a pedra fundamental do Salão e do Cine Teatro Paroquial, com o nome de *Padre Alexandre Grigolli*; cantou, na Matriz Nova, o tenor italiano Beniamino Gigli (1951), que declarou: *Dando o meu contributo artístico nesta acolhedora Paróquia, senti em mim o despertar de minha juventude, encontrando, nos beneméritos Padres, todo o perfume das Santas Missões e meu semi-envolvimento com eles*; fundou-se a Banda Paroquial Santa Cecília, sob a direção do maestro Ferri; publicou-se o *Boletim Paroquial*, com o título *Vida Católica*; o Movimento da Cruzada Eucarística (adolescentes) e o Grupo dos Coroinhas começaram a dar seus primeiros frutos e tornaram-se um celeiro de futuros sacerdotes, religiosos e religiosas. Finalmente, em 1953, também a Matriz Velha, a Candelária e a Vila Barcelona se desmembraram da Matriz Nova, tornando-se novas paróquias. Padre Ézio registrou a seguinte observação a respeito dessas transforma-

ções: *Assim, depois de 30 anos de trabalho [1924-1953], ficaram os P.P. Estigmatinos com a Paróquia reduzida ao Centro de S. Caetano.*

A quarta década, 1954 a 1963, destacou, logo de início, que, pela primeira vez, acontecia, e iria por muito tempo continuar, durante a Missa da Festa dos Santos Esposos N. Senhora e S. José (23 de Janeiro), a festa, também patronal, da Congregação Estigmatina. Foi dada, concomitantemente, a bênção dos anéis de noivado. Em data posterior, renovou-se o compromisso matrimonial para casais. Vale a pena recordar, ainda, nesse período, a construção da nova Escola Paroquial, que englobou também um gabinete dentário, um ambulatório médico, salas para corte e costura, a sede da Pia União e Mocidade Feminina da Ação Católica (construção essa que viria a ser o Instituto de Ensino Sagrada Família); a criação da Diocese de Santo André (1954), tendo como primeiro bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira, o qual, pouco depois de sua posse, determinou que a Matriz Nova passasse a ter como titular a Sagrada Família (1954), alegando não soar bem a existência de duas paróquias com o mesmo titular, ou seja, *São Caetano Velho* (Matriz Velha) e *São Caetano Novo* (Matriz Nova), além de que os próprios paroquianos já haviam anteriormente manifestado o desejo de nomear a Matriz Nova como Paróquia Sagrada Família; a consagração do Município de São Caetano ao Sagrado Coração de Jesus, realizada pelo padre Ézio e pelo prefeito Anacleto Campanella; a presença e a atuação de artistas da Rádio Gazeta e da Orquestra Municipal de São Caetano, apresentando, no Salão Paroquial, a ópera do compositor italiano Pietro Mascagni: *La Cavalleria Rusticana*; a presença de um grupo de radialistas da Rádio São Paulo, encenando o drama *Milagres da Fé*, cuja renda foi

destinada à Conferência São Vicente de Paula (vicentinos); presença da cantora folclórica Inezita Barroso, junto com o Coral da Acascs (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul); a realização do primeiro Natal para os presos da cadeia local, com distribuição de mantimentos e roupas; o conagraçamento dos operários, a convite do bispo e com a presença do ministro do Trabalho, Franco Montoro, para lançar o Movimento Independente Trabalhista (MIT), visando a um salário família melhor ajustado à realidade; a concretização de algumas inovações, aprovadas pelo Concílio Vaticano II: altar da celebração da missa voltado para o povo e missa em português.

A quinta década, 1964 a 1973, fechou um ciclo de vigários com longo tempo de permanência na paróquia. Padre Êzio, ao deixar o cargo, assim se expressou: *Após ter aqui estado seis anos como Coadjutor e 18 anos, dez meses e seis dias como Vigário, os Superiores acharam por bem transferir-me para outro campo de trabalho. Fique aqui em primeiro lugar o meu humilde agradecimento a Deus pelo auxílio, pelas graças, alegrias e atribulações com que me brindou durante estes quase 25 anos de trabalho em São Caetano. Em segundo lugar um agradecimento aos Superiores de minha amada Congregação pela confiança que em mim depuseram. Um obrigado sincero aos vários Coadjutores que durante estes anos comigo partilharam tão eficientemente do trabalho das Almas e Paroquial; me perdoem as mágoas que lhes possa ter causado. Um agradecimento aos caros Paroquianos pelo auxílio, correspondência, estímulos e bons exemplos que deram ao Vigário com sua preciosa colaboração! Que Deus os recompense. Aos Paroquianos peço perdão por minhas falhas e faltas com que possa tê-los magoados ou*



Paróquia de São Caetano – Matriz Nova – em construção, 1933

Fundação Pró-Memória

escandalizados. Me recordem em suas orações alcançando para mim de Deus perdão e misericórdia. Aqui finalmente deixo também aos Paroquianos meu último pedido: Recebam ao novo Vigário como Enviado de Deus, com estima, afeto, dedicação e lhe prestem toda colaboração para que possa com facilidade e alegria cuidar de sua nova Família e Comunidade de Deus! Um último Adeus! Rezem por mim!. E, no mesmo dia da saída de padre Êzio (14 de Fevereiro de 1965), tomou posse o:

- **QUINTO VIGÁRIO:** Padre José Lambert. À luz do Concílio Vaticano II, ele lançou um amplo movimento de evangelização, a partir das crianças da catequese e as das escolas, desdobrando-o para os jovens em todos os estabelecimentos de ensino, e fazendo-o chegar até aos adultos em suas casas ou na Matriz. Além disso, essa abrangência caracterizou-se em grandes concentrações de povo, como aquela realizada na Praça de Esportes Lauro Gomes, que reuniu cerca de 15 mil fiéis, para um momento de testemunho de fé. Ou como a dos encontros de jovens nas atraentes Comunidades de Jovens Cristãos (CJC). E, ainda, na criação de inúmeros Círculos Matrimoniais, para uma re-evangelização das famílias.

Na área financeiro-econômica, iniciou-se a Campanha do Dízimo, para conscientizar os paroquianos da importância de uma participação integral na vida da paróquia. Esse projeto fez entrever um clima de sintonia com as novidades que começavam a aparecer na Igreja toda. E, quando tudo estava em fase de encaminhamento, aconteceu a transferência de padre Lambert. Daí que, apenas um ano após a sua tomada de posse, chega o:

- **SEXTO VIGÁRIO:** Padre José Carvalho. Ele tomou posse no mês de Março (1966) e procurou dar continuidade ao andamento do projeto iniciado anteriormente. Nesse sentido, se propôs a orientar um trabalho formativo, promovido pelo CJC, junto aos estudantes dos colégios Nossa Senhora da Glória e Estadual. Quando parecia que já começava a tomar pulso da situação, de improviso foi removido, passando o cargo ao:

- **SÉTIMO VIGÁRIO:** Padre Mário Domingos Perin. Em Novembro de 1966, ele tomou posse e, no início do ano seguinte, programou um trabalho pioneiro na Paróquia, com a participação dos padres e de algumas equipes de paroquianos: visita às famílias, de casa em casa, para motivá-las a freqüentar missa. E, para que

essas missas atraíssem de vez os fiéis, formou uma equipe de liturgia devidamente preparada para tanto. Depois, elaborou uma série de cursos de pastoral, visando fundamentar melhor as atividades dos agentes que coordenavam Pastorais e Movimentos; e ainda criou algumas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na tentativa de tornar a evangelização mais concreta, abrangente e próxima do povo. Fora do âmbito pastoral, realizou também algumas reformas na Casa Paroquial. Com a saúde um pouco abalada, retirou-se de São Caetano, para tratamento. Chegou, em seu lugar, o:

- **OITAVO VIGÁRIO:** Padre Devanir da Silva. Tomou posse em Março de 1970, e logo iniciou algumas reestruturações no recinto e na parte exterior da igreja. Pouco depois e por alguns anos sucessivos, ele e a Paróquia iriam contar com a presença e a ajuda dos estudantes estigmatinos de Teologia, que aqui fixaram morada. Com esta força nova, padre Devanir pôde retomar a realização tanto de encontros de liderança jovem como de encontros vocacionais. Também foi possível re-atualizar os estatutos da Sociedade de Assistência Social Sagrada Família que, unida ao Fraterno Auxílio Cristão (FAC) e ao Roupeiro de Santa Rita, assistia mães e famílias carentes. Criou-se ainda um grupo de adolescentes, sob o nome de Somos Todos Amigos Lutamos Unidos (Stalu), do qual emergiram candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa. Deu-se início, enfim, ao Conselho Regional de Pastoral (CRP), visando melhorar o intercâmbio entre as paróquias da cidade, providenciar locais de encontro para Narcóticos e Alcoólatras Anônimos e viabilizar o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral).

A sexta década, 1974 a 1983, encontrou, de início, padre Devanir ocupado com a elaboração dos fes-



Fundação Pró-Memória

Matriz Nova: fase final da construção - 1937

tejos em comemoração ao *Cinqüentenário da Fundação da Paróquia* [1924-1974], que culminaram, em Junho, com a presença de inúmeros estigmatinos, autoridades religiosas e civis, e muita gente que veio agradecer o legado deixado pelos padres e irmãos estigmatinos nesses anos todos.

E, aproveitando esse evento, padre Devanir *mergulhou* no projeto de construção da Sede Social Sagrada Família: *Meninão*. A realização de uma série de quermesses era importante para a conclusão da obra, que deveria abrigar amplo conjunto de salões e salas, além da nova Casa Paroquial. Voltando à vida do dia-a-dia, ele iniciou o Encontro de Casais com Cristo (ECC), voltado para uma formação cristã mais aprofundada dos casais; participou, em Roma, da beatificação (1975) de padre Gaspar Bertoni, fundador da Congregação Estigmatina, e aqui a celebrou com solene missa de ação de graças; concretizou uma *semana missionária*, procurando esclarecer os fiéis acerca da importância de retomar o trabalho de evangelização na paróquia e na diocese, a qual, então, passou a contar com a presença de um novo bispo na pessoa de Dom Cláudio Hummes, grande incentivador dessa atividade; envolveu-se na execução

das festividades do Primeiro Centenário da Cidade, trabalho que lhe tomou tempo e criatividade. Nessa caminhada toda, chegamos ao ano de 1978, quando padre Devanir deixou a paróquia nas mãos do:

- **NONO VIGÁRIO** [ou, daqui em diante, pároco]: Padre Paulo Campo Dall'Orto. Ele tomou posse em Maio e, de imediato, dedicou-se ao término da sede social e a algumas reformas urgentes na igreja, lançando mão de campanhas sucessivas. Visto que a diocese se dispôs a planejar uma ação pastoral conjunta, mediante prioridades a ser assumidas e concretizadas por todas as paróquias, padre Paulo também passou a torná-las práticas aqui: Plano de Pastoral Situado, Religiosidade, Instrução Evangélica e Catequética, Família. Linhas que iriam demandar uma progressiva efetivação, mas que viriam a imprimir um novo rosto à diocese toda. No ano seguinte, Dom Cláudio fez a *Visita Pastoral à Paróquia*, para constatar, entre outras coisas, se as prioridades estabelecidas no Plano da Diocese estavam caminhando bem por aqui; e, no final da visita, deu parecer favorável, afirmando: *Cumprimento os atuais Padres da Paróquia e toda a Comunidade Paroquial pela dinamização pastoral e vida comunitária. Agradeço também à Província dos Padres Estigmatinos por todos os bons serviços pastorais prestados nesta Diocese e sobretudo nesta Paróquia pelos seus Padres que aqui serviram o Povo de Deus, confiando poder sempre continuar contando com essa colaboração preciosa e fraterna.*

Nesse meio tempo, os padres continuaram atendendo os movimentos e as pastorais de outras paróquias, através de cursos, palestras e administração de sacramentos. A sede social, finalmente, recebeu seu remate quase completo: foi um *su-foco* em termos financeiros, mas



Paróquia Sagrada Família (Matriz Nova): obra concluída

compensado pela generosidade dos paroquianos. Os jovens se estruturaram em vários movimentos: Coordenação do Curso de Crisma, Despertar e Treinamento de Liderança Cristã (TLC).

Muita importância foi dada às Semanas da Bíblia, que aconteciam periodicamente, com a ajuda das Irmãs Paulinas, as quais se desdobraram para a divulgação da palavra de Deus em todos os setores da paróquia.

Em 1982, a diocese apresentou um outro Plano de Pastoral, com as seguintes prioridades: Família, Comunidades Eclesiais de Base, Mundo do Trabalho. Na verdade, aqui na paróquia já vinha sendo feito um trabalho bastante concreto quanto à Família e ao Mundo do Trabalho, porém, para a agilização das Comunidades Eclesiais de Base, dada a característica de uma paróquia atípica porque situada no centro da cidade, com território muito diminuto e de frequência opcional, preferiu padre Paulo direcionar essa prioridade no sentido de criar vários Círculos Bíblicos, especialmente nos prédios de apartamentos, tentando combinar Círculos e CEBs. No ano seguinte, foi organizado, com apresentação oficial, o Coral da Matriz, regido pelo maestro Roberto Man-

zo - coral esse que, mais tarde, receberia o nome de Capella Aurea.

NB - Convém também não esquecer outros corais que aqui abrilhantaram ou continuam abrilhantando as celebrações litúrgicas: Alvorecer, Sagrado Coração de Jesus, Sagrada Família, Santa Cecília. Além de uma Banda Magnificat, recentemente formada.

A sétima década, 1984 a 1993, encontrou a Matriz quase toda reformada (bancos novos, pintura, piso), pronta para celebrar uma bonita Festa da Padroeira, a Sagrada Família, como, de fato, aconteceu. Na mesma época realizavam-se, na paróquia, encontros vocacionais coordenados pela equipe estigmatina responsável por esse setor. Essa equipe propunha algo bastante original naquele tempo: no encerramento, estariam presentes todas as mães daqueles sacerdotes estigmatinos provenientes das respectivas famílias radicadas em São Caetano.

No segundo semestre de 1986, retomou-se a tentativa de criar um Conselho Regional de Pastoral (CRP) capaz de congregar todas as paróquias da cidade, tendo em vista o início do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP), em cada uma delas, para melhor viabilizar as priorida-

des propostas pelo Plano da Diocese. Durante o ano de 1987, outro fato veio enriquecer a caminhada da paróquia: a presença dos grupos de oração, que davam profundo testemunho de vida cristã por meio de oração, aconselhamento e reflexão. Talvez esse ativismo todo abraçado pelo padre Paulo tenha sido a causa de sua internação às pressas no Instituto do Coração (Incor), logo no início de 1988, onde se submeteu a um longo tratamento do coração. Isso o afastou do cargo que exercia, forçando sua substituição pelo:

- DÉCIMO PÁROCO: Padre José de Sousa Primo. Transferido da Mooca, ele tomou posse no dia 12 de Abril de 1988, e, aos poucos, foi se adaptando à nova realidade paroquial. No ano seguinte, associou-se a toda a Congregação Estigmatina, divulgando o Ano Bertoniano como preparação para a canonização do bem-aventurado padre Gaspar Bertoni. Nesse ínterim, padre Paulo, já bastante restabelecido, celebrou aqui seu Jubileu de Ouro Sacerdotal, em meio a muitas solenidades, inclusive com a outorga do título de *Cidadão Sulsancaetanense*. No dia primeiro de Novembro de 1989 aconteceu, em Roma, a tão esperada canonização de padre Gaspar Bertoni, fundador da Congregação Estigmatina. E lá estavam padre Primo e padre Paulo, representando a paróquia. Paralelamente, aqui se realizou um *tríduo preparatório*, ao término do qual foi celebrada uma solene hora santa - e nela, pela primeira vez, o povo pôde invocar: *São Gaspar Bertoni, rogai por nós!* A volta de Roma, porém, não foi nada satisfatória para padre Paulo, pois, assim que chegou ao Brasil, teve de ser internado na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital São Caetano para tratamento dos pulmões, bastante afetados.

A diocese, em 1990, aprovou o

Terceiro Plano de Pastoral, com as seguintes prioridades: a) formação de agentes da pastoral, b) comunidade de base, c) pastoral operária. Ao mesmo tempo, contudo, constatou a diocese que chegara a hora de *refletir e fazer os primeiros encaminhamentos práticos sobre a evangelização das cidades*, tendo em vista o crescimento vertiginoso das seitas e das mudanças no quadro político mundial e brasileiro. Isso tudo estava demandando uma pastoral mais qualificada, atualizada e atuante. Foi o primeiro alarme, diante de uma situação de pluralismo religioso unido à indiferença frente aos compromissos da fé cristã, de permissividade na prática dos critérios de vida e de avanço do consumismo, no qual tinha prioridade o mercado e não a pessoa humana. Esse primeiro e contundente alerta começou a exigir mudanças radicais na condução das paróquias, especialmente aqui na Matriz, onde o público-cliente era optativo e bastante variável. Padre Primo tomou consciência do fato e planejou uma primeira solução que, na prática, só foi consolidada em 1998, ou seja, a descentralização do trabalho missionário em alguns núcleos residenciais, onde os agentes da pastoral evangelizavam os paroquianos de *porta em porta* e os reuniam em missa comunitária no respectivo setor. Outra ação apostólica encontrada como tentativa de solução foi a presença do Movimento Carismático Católico - que desde então vem crescendo - cuja finalidade é dar mais solidez à vida de oração, à orientação das consciências e ao aprofundamento da palavra de Deus.

Nessa mesma linha também estava a Legião de Maria que, além de ser *fiel*, era eficaz. E também coesa, realizando trabalho muito profícuo através de visitas domiciliares e evangelização personalizada.

Ainda durante esse ano de 1990

a Prefeitura inaugurou o calçadão em frente à Matriz, tornando o local *mais alegre, florido, sem carros*.

Em 1991, pela primeira vez, aconteceu, no recinto da igreja, um concerto de música sacra, sob a regência do maestro Roberto Manzo e com a participação dos corais da Matriz, do Coral Pro Musica Sacra, e do Coral Municipal de São Caetano do Sul. Era, de novo, a Arte em sintonia com a Religião, e vice-versa. No ano seguinte, estava de volta padre Êzio Gislimberti, que ainda muito iria ajudar no atendimento paroquial - atendimento esse que, diante dos desafios atuais acima citados, exigia *uma estrutura de acolhida e acompanhamento*, muito na linha da personalidade de padre Êzio, que aqui conhecia todo mundo. Em Fevereiro de 1993, um outro fato enriqueceu essa reviravolta em termos de re-evangelização: aqui chegaram Luzita e Vandeje, pertencentes ao Instituto Secular Servas de Jesus Sacerdote. Uma delas incumbiu-se dos serviços da Casa Paroquial e a outra do expediente da Matriz. Ambas, porém, se juntaram ao trabalho missionário da paróquia, quer pelo testemunho de vida como consagradas, quer pelos momentos oferecidos em prol da

formação cristã dos paroquianos. E, quase no final desse mesmo ano, uma notícia triste colheu a paróquia de surpresa: faleceu repentinamente padre Paulo. Seu corpo foi velado na igreja e, após missa celebrada por vários sacerdotes estigmatinos e diocesanos, com a presença de uma multidão de fiéis, foi levado para Campinas, *onde descansa no jazigo da Congregação Estigmatina. Descanse em paz, padre Paulo, e obrigado pelo bem que fez por onde passou*.

A oitava década, 1994 a 2003-2004, iniciou-se com a celebração dos 80 anos de existência de padre Êzio, que continuava sendo *um estelão na Paróquia*. No segundo semestre de 1994, a casa paroquial passou por uma boa reforma (carpetes, pintura, rachaduras nas paredes). Em 1995, devido a uma forte tromba d'água, foi necessário trocar todo o telhado da igreja: trabalho exaustivo que se prolongou até 1996. E, em Maio de 1996, Dom Cláudio Hummes foi nomeado Arcebispo de Fortaleza, Ceará, após 21 anos de fecundo episcopado nessa imensa porção do povo de Deus. Na época, dizia-se: *Que Deus o abençoe na nova diocese e que lá ele possa fazer tanto bem quanto*



fez aqui. Antes, porém, de tomar posse e ir para Fortaleza, Dom Cláudio recebeu o título de *Cidadão Sulsancaetanense*.

Nesse ínterim, a paróquia entrou na era da informática e adquiriu um microcomputador. As lideranças das pastorais e dos movimentos passaram a se congregarem no Conselho Paroquial de Pastoral (CPP), organismo incumbido de planejar, concretizar e avaliar a caminhada da paróquia, sempre em sintonia com o Plano da Diocese e com o Plano da Província Estigmatina Santa Cruz. Para consternação geral da paróquia faleceu o maestro Roberto Manzo, que tantos bons serviços prestara à comunidade paroquial como organista e regente do Coral Capella Aurea. A diocese, *depois de 11 meses de vacância*, recebeu um novo bispo na pessoa de Dom Décio Pereira. Padre Ézio comemorou 60 anos de sacerdócio e, após as festividades que lhe foram prestadas aqui, viajou para a Itália, onde celebrou o evento com os demais colegas que lá estavam e também com seus familiares. Retornou no final do ano. Foram programados alguns cursos de aprofundamento do evangelho com a assessoria de padre Eduardo Balikian, es-

tigmatino que ministrava um curso sobre o Evangelho de Lucas e outro sobre o Evangelho de Mateus. Alguns cursos sobre liturgia foram ministrados sob a orientação de padre Laudimiro, estigmatino pertencente à Província São José. Também Dom Décio, visando dar continuidade a esse trabalho de evangelização nas cidades, *abriu solenemente o Ano Missionário, e o pároco, padre Primo, fazia parte da Equipe dos Missionários*, equipe essa que se desdobrou para programar e realizar uma série de eventos de cunho catequético-evangelizador e atingir as sete cidades que compunham a Diocese de Santo André. Na mesma linha, ainda, a paróquia criou a Juventude Estigmatina, que reunia jovens preparados e qualificados para as Missões Jovens.

O Novo Milênio foi saudado festivamente com a entrada do ano 2000. Ano que presenciou os seguintes acontecimentos: as liturgias dominicais sob a coordenação de padre Laudimiro passaram a ser melhor elaboradas e celebradas, culminando, na Semana Santa, com a montagem de um altar no centro da igreja, para melhor participação do povo durante as cerimônias do

tríduo final: quinta, sexta e sábado santo. No dia cinco de Agosto, padre Ézio foi atropelado por um ônibus e *sofreu traumatismo craniano, além de 11 costelas fraturadas e uma cervical*. Seu estado de saúde era precário, e, em nove de Setembro, sua resistência acabou e ele faleceu. Com a autorização do sr. bispo e demais licenças por parte das autoridades civis, seu corpo foi sepultado no altar de São Caetano, no recinto da Matriz, após missa exequial concelebrada por Dom Décio e um bom número de padres. O ritual fúnebre foi acompanhado por uma multidão de fiéis e amigos: *Padre Ézio marcou muito São Caetano, sobretudo a Paróquia Sagrada Família*.

No ano de 2001, padre Primo deixou a paróquia, que conduziu por quase 12 anos, seguindo para Ribeirão Preto como pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Palavras dele, de despedida: *Quero a Deus agradecer e ao povo também. Se porventura magoei alguém peço desculpas. Levo todos comigo e espero que os mesmos conservem a minha pessoa em seus corações, mesmo aqueles com quem não fui simpático*. Seguem o padre Primo, com destino a Ribeirão Preto, as Servas de Jesus Sacerdote que aqui trabalharam incansavelmente durante alguns anos. Após a saída de padre Primo, aqui chega o:

- DÉCIMO PRIMEIRO PÁROCO: Padre José Antônio Mainardi. Ele tomou posse no dia 14 de Março. À luz de algumas orientações deixadas pelo padre Primo, padre José Mainardi procurou dar continuidade às linhas pastorais aprovadas pela diocese. Logo percebeu que as pastorais e os movimentos que aqui trabalhavam, mais os problemas de manutenção e funcionamento da paróquia, iriam exigir-lhe muita disponibilidade e paciência. Ao mesmo tempo, constatou a presen-



Liga Jesus Maria José, quando padre Ézio Gislimberti era vigário

Fundação Pro-Memória

ça e a atuação abnegada de muitos coordenadores (as) que toparam o desafio de levar em frente o projeto pastoral que objetivava, não só re-evangelizar, mas sobretudo tornar a paróquia mais acolhedora nas celebrações e no atendimento ou expediente qualificado. Esta realidade transpareceu, de imediato, quando um grupo de leigos engajados seguiu para a Bahia, a fim de participar das e trabalhar nas missões populares da região em que os estigmatinos conduziam algumas paróquias e capelas rurais. Era um trabalho árduo, mas compensado pelo espírito de abandono-entrega e de solidariedade, a favor daqueles irmãos (ãs) de tão longe. No final do ano, padre Primo estava aqui para receber o título de *Cidadão Sulsan-caetanense*. A diocese então já possuía um bispo auxiliar na pessoa de Dom Airton José dos Santos.

Nos dois primeiros meses de 2002, a Sede Social Sagrada Família passou por uma limpeza geral em todas as suas dependências, devido ao acúmulo de umidade e resíduos da poluição. Nos meses subsequentes, tiveram lugar os seguintes acontecimentos: diversos jovens pertencentes à Juventude Missionária Estigmatina das diversas paróquias estigmatinas realizaram, com vistas na Missão Jovem a ser efe-

tuada em Ribeirão Preto, um retiro preparatório; ainda no campo da juventude, o Movimento Despertar organizou em São Caetano um retiro para jovens, e tantos eram os interessados que a equipe de coordenação foi obrigada a dividi-los em dois grupos e locais diferentes: autêntico sinal dos tempos!; a Fundação Pro-Memória, após uma missa em honra de São Caetano, declarou que a Matriz Nova *passaria a ser reconhecida como Monumento Histórico de São Caetano ou Matriz Sagrada Família – bem cultural de interesse histórico*; reativação do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) a fim de dar maior consistência ao andamento das atividades paroquiais; realização da Festa da Padroeira Sagrada Família, agora em dois momentos bem distintos: um, religioso, ou seja, solenizado com um *tríduo preparatório*, na Matriz, e outro reservado à quermesse na Praça. (Ainda durante esse ano, a paróquia, associando-se à Congregação Estigmatina, inaugurou o Ano Bertoniano, no intuito de comemorar, em 2003, os 150 anos de falecimento de seu fundador, São Gaspar Bertoni. Na programação dessa comemoração constaram: pregações alusivas ao evento, celebrações litúrgicas, encenação da vida do homenageado e divulgação

de sua biografia. Essa parte da programação contou também com a participação ativa e efetiva do Movimento Família Bertoniana (Faber), que aqui tem se dedicado, já há alguns anos, ao estudo e à vivência do carisma estigmatino e da espiritualidade bertoniana.

O ano de 2003 iniciou-se com uma triste notícia: faleceu repentinamente Dom Décio Pereira, bispo de Santo André; por isso, interinamente, assumiu a diocese Dom Airton, até a chegada do novo bispo.

Em Junho, comemoraram-se os 150 anos do falecimento de São Gaspar Bertoni: os padres e um bom grupo de leigos se deslocaram de São Caetano para a Fazenda Santana (Corumbataí - SP), onde foi celebrada a missa festiva, acompanhada de confraternização muito cordial e fraterna. Encerrou-se desse modo o Ano Bertoniano. Ainda nesse mesmo mês, o prefeito de São Caetano aprovou lei que incluiu a Festa da Padroeira Sagrada Família no calendário oficial de datas e eventos do município. No mês seguinte, a diocese abriu os festejos comemorativos de seu Ano Jubilar (50 anos de existência) com uma missa campal no Estádio Bruno José Daniel (Santo André). No final de 2003, a diocese já contava com um novo bispo: Dom Nelson Westrupp, CSJ, que, até então, era bispo de São José dos Campos. Ele tomou posse no dia 29 de Novembro. A paróquia fechou o ano com a criação do Conselho Administrativo-Econômico (CAE), organismo destinado a coordenar todos os assuntos referentes às finanças.

Agora, em 2004, comemoraram-se os 80 anos da presença dos estigmatinos em São Caetano do Sul. É momento significativo para se agradecer à Santíssima Trindade, aos Santos Esposos (Nossa Senhora e São José) e a São Gaspar Bertoni pelos imensos benefícios advindos da incansável dedicação e do zelo



Apostolado da Oração, quando padre Ézio Gislimberti era vigário

apostólico de tantos estigmatinos que por aqui passaram ou nestas terras ainda se encontram. É momento também para algumas considerações finais: 1) Em primeiro lugar, o relato histórico que elaboramos de forma bem resumida detalhou a fidelidade radical dos estigmatinos ao seu Carisma fundamental: *Missionários Apostólicos a Serviço dos Bispos*. Tão fiel e presente no trabalho de evangelização qualificada. Tão fiel e presente na preocupação com a juventude. Tão fiel e presente na disponibilidade ao bispo e ao clero; 2) Depois, a *marca registrada* ou o *rosto* característico dos estigmatinos transparece também, e muito claramente, no zelo empreendedor, no abandono total, na mobilidade generosa, na criatividade múltipla, na jovialidade acolhedora, e, de modo especial, na *humildade* profunda; 3) Enfim, essa data comemorativa é tão especial que faz brotar espontaneamente um imenso agradecimento à cidade de São Caetano do Sul pela acolhida, compreensão, incentivo, colaboração e presença em todos os momentos desta longa caminhada. À Divina Providência, a recompensa!

FONTES -

Livro do Tombo nº 1 (1923-1924 a 1965) - Paróquia Sagrada Família
Livro do Tombo nº 2 (1965 a 1992) - Paróquia Sagrada Família
Livro do Tombo nº 3 (1992 a 2004...) - Paróquia Sagrada Família

Outras fontes podem ser encontradas ou em artigos publicados nos jornais da cidade ou na Revista Raízes.

Os comentários mais extensos que, vez ou outra, aparecem, têm como fonte a tradição oral fornecida por aqueles (as) que conviveram por tantos anos com os estigmatinos. (A Comunidade Estigmatina)

(*) Alberto Francisco Mariani, padre da Congregação Estigmatina, é o vigário coadjutor da Paróquia Sagrada Família de São Caetano do Sul

Estigmatinos que trabalharam (ou trabalham) em São Caetano do Sul

Livro do Tombo nº 1 (1923-1924 a 1965) - Paróquia Sagrada Família

VIGÁRIOS - Padre João Baptista Pelanda, padre José Tondin, padre Alexandre Grigolli, padre Êzio Gislimberti.

COOPERADORES - Padre Alexandre Acler, padre João Consolaro, padre Luiz Maria Fernandes, padre Júlio Sieff, padre Artur De Vigili, padre Aldo Da Madice, padre Lourenço Correr, irmão Domingos Valzacchi, padre José Davit, irmão Antônio Gomes, padre Carlos Masero, padre José Finetto, padre Cipriano Carraro, padre Luciano Giovanni, irmão José Sônego, padre Ângelo Dall'Ara, padre Vicente Ramalho Marques de Freitas, padre Ferruccio Tribos, padre Gino Righetti, padre Aldo Belli, padre Primo Scussolino, padre Dario De Romedis, padre Alcides Spolidoro, padre Luciano Dal Zoppo, padre João Avi, padre César Luzio, padre Hélio Paschoal, padre Antônio Amélio, padre Carlos Piasentin, padre Paulo Sozzi, padre Frederico Vettori, padre Cirilo Ambrosi.

Livro do Tombo nº 2 (1965 a 1992) - Paróquia Sagrada Família

VIGÁRIOS (PÁROCOS) - Padre José Lambert, padre José Carvalho, padre Mário Domingos Perin, padre Devanir da Silva, padre Paulo Campo Dall'Orto, padre José de Sousa Primo.

COOPERADORES - Padre Benedito Andrade Bettini, padre Paulo Fortunato, padre José Dias, padre Fernando Guarda, padre Luiz Girardi, padre Benedito Albino Pereira, padre José Antônio

Mainardi, padre Euclides Martins Balancin (mais um grupo de estudantes de Teologia), padre Ângelo Rizzo, padre Augusto Stênico, padre José Romualdo Degásperi (mais um grupo de estudantes de Teologia), padre Jordino Assis dos Santos, padre José Luiz Nemes (mais um grupo de estudantes de Teologia), padre Antônio Pedro Neto, padre Dalton Chaves, padre Modesto Nunes, padre José de Sousa Primo, padre Bento Arpad Sulcz, padre Mário Bisinelli, padre Êzio Juncioni, padre Pedro Favoretto, padre Hermelindo Marchesini, padre Márcio Ivan Gondin, padre Êzio Gislimberti.

Livro do Tombo nº 3 (1992 a 2003-2004...) - Paróquia Sagrada Família

PÁROCOS - Padre José de Sousa Primo, padre José Antônio Mainardi.

COOPERADORES - Diácono José Eduardo Balikian, padre Augusto Stênico, padre Vanderlei Barbosa (mais um grupo de estudantes de Teologia), padre Jorge Pereira (mais um grupo de estudantes de Teologia), padre Esaú Messias Pauloso, padre Laudimiro de Jesus Borges (Província São José), padre Antônio Jacaúna Neto (Província São José), diácono Vanderlei Carlos, diácono Adil da Silva, padre Paulo Staut (mais um grupo de estudantes de Teologia), padre Gildásio do Espírito Santo Tanajura, diácono Ednaldo Almeida da Silva, padre Alberto Francisco Mariani, Bruno Miranda (estudante de Teologia), Giovane Pazuch (estudante de Teologia), padre José Luiz Nemes (mais um grupo de estudantes de Teologia), diácono Gilberto Dias Nunes, Emerson de Amaral (estudante de Teologia).

Leigos e sacerdotes católicos no ABC diante do golpe de estado de 1964

Maria Blassioli MORAES (*)

Em meados da década de 1960, o ABC se apresentava como uma região industrializada, quando fábricas de artefatos de borracha, metalurgia, produtos químicos, entre outras, absorviam grande parcela da força de trabalho da população local. Neste cenário, estavam fortalecidas as atuações de sindicatos, de partidos de esquerda e dos setores da Igreja Católica que haviam escolhido trabalhar ao lado do operariado. O bispo do ABC, Dom Jorge Marcos de Oliveira, esteve à frente da diocese entre os anos de 1954 e 1975 e foi, gradualmente, colocando-se mais ao lado da população operária do que da elite política e econômica, fato que trouxe diversos problemas para ele e que o identificou como representante da linha progressista da Igreja. Neste período de Guerra Fria em que no Brasil assistíamos à renúncia do presidente Jânio Quadros (1961) e ao esforço de João Goulart para exercer a presidência do país, estavam exacerbados os conflitos entre esquerda e direita na política e entre conservadores e progressistas na Igreja Católica. Desta forma, a polarização que acontecia no mundo, numa esfera mais ampla entre os países que defendiam o capitalismo e aqueles que eram pelo socialismo ou pelo comunismo, se refletia em outros níveis.

A Igreja Católica vista como reformista entre os anos de 1955 e 1964¹ se destacou em decorrência do aggiornamento (da atualização) que o Papa João XXIII (1958-1963) propôs para a instituição. João XXIII elegeu a justiça social



Dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo do ABC - sem data

Museu de Santo André

como foco de ação e cedeu espaço na Igreja aos sacerdotes e leigos preocupados com os problemas sociais das populações mais pobres. Em 1964, ano do golpe militar no Brasil, João XXIII já não estava à frente da Igreja e seu sucessor Paulo VI (1963-1978) se viu obrigado a dar andamento ao Concílio Vaticano II (1962-1965), evento responsável por legitimar a abertura da Igreja para a justiça social. Segundo o estudioso Scott Mainwaring², o papado de Paulo VI oscilou entre impor uma linha mais conservadora à instituição e trilhar o caminho que João XXIII havia traçado.

No Brasil, às portas do golpe militar de 31 de Março de 1964, percebemos uma retomada de forças da Igreja conservadora tanto ao notar o acontecimento das grandes Marchas pela Família com Deus pela Liberdade deflagradas em diversos estados do país, antes e depois do golpe, mas também pelo renovado fôlego de leigos e sacerdo-

tes que condenavam a ação da Igreja progressista e que declaravam o grande perigo de desordem social e política que a nação corria por estar sob a presidência de João Goulart (1961-1964) e sob a influência dos comunistas. Neste cenário de mudanças, no Brasil sacerdotes que exerciam lideranças na Igreja foram removidos para lugares onde suas vozes seriam abafadas com maior facilidade: Dom Hélder Câmara deixou o cargo de secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e assumiu a Diocese de Olinda e Recife e Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta foi afastado da Arquidiocese de São Paulo e transferido para a Diocese de Aparecida (SP). Os cargos destes passaram para sujeitos reconhecidamente conservadores como Dom José Gonçalves e Dom Agnelo Rossi, respectivamente. Dom Agnelo Rossi também ocupou a presidência da CNBB.

No ABC observamos transformações quando leigos mais conservadores puderam, através da imprensa local, expor suas críticas ao catolicismo progressista de Dom Jorge Marcos e sacerdotes que concordavam com esta linha de ação. O ano de 1964 se referiu ao início do governo militar e às ações de repressão e vigilância determinadas pelo novo governo a inúmeros movimentos sociais que defendiam os interesses do operariado. Neste foco de vigilância foram incluídas as práticas desenvolvidas por sacerdotes, pelo bispo do ABC e por organizações confessionais que tinham os operários católicos como participantes.

Tarcísio Soares Veríssimo³, congregado mariano e membro da So-

cidade São Vicente de Paulo, es- creveu freqüentemente no jornal *Folha de Santo André*. Em meio a um cenário repleto de movimentos sociais, este católico expôs sua opi- nião sobre as greves e sobre a parti- cipação dos católicos nestes even- tos. Sua opinião parece ter encon- trado eco às vésperas do golpe mi- litar, em 14 de Março de 1964.

Infelizmente, nós, os trabalha- dores, ainda não estamos bem in- formados para levar a bom têrmo um movimento visando o equilíbrio social da classe operária. É lamen- tável, que, apesar de tantos esclarcimentos sôbre o verdadeiro sen- tido da “greve”, ainda existam os mais conhecidos por “inocentes úteis”, que sem um prévio exame sôbre a situação de cada trabalha- dor em uma indústria, se aliam aos “incapazes” para realizarem uma greve sem um “critério” justo e exeqüível, beneficiando apenas “alguns” enquanto outros servem de “estopim” ou bonecos, pois os resultados são sempre de acôrdo com a vontade dos líderes e não dos trabalhadores.

(...) É preciso que nós, os traba- lhadores, nos instruamos mais e que nossos dirigentes sindicais se- jam mais esclarecidos, solicitando reajustes reais, atuais, e que o be- nefício seja para todos, do contrá- rio continuamos confirmando que

tais movimentos só nos trazem con- fusão, tumultos, descontentamen- tos, desempregos, elevação dos preços dos produtos em geral; fa- buloso prejuízo para a economia nacional, e o principal, que muitos querem, “engrossamento” das fi- leiras comunistas.⁴

Segundo Tarcísio Veríssimo as greves eram realizadas sem que a situação econômica da empresa fosse levada em conta e sem saber se era possível, para a empresa, conceder o que estava sendo pedi- do pelo sindicato. E que também a reivindicação nem sempre estava de acordo com a aspiração da clas- se trabalhadora. Tratou de ressaltar aspectos negativos das consequên- cias das greves e que este movi- mento somente serviria aos comun- istas que, por sua vez, lideravam os sindicatos. Portanto, os católi- cos que apoiavam as greves foram determinados como inocentes úteis e desta designação poderia fazer parte o próprio bispo, os sacerdotes que apoiavam as greves e os leigos dos movimentos católicos. De fato, Tarcísio procurou denunciar a parti- cipação dos comunistas nos movi- mentos de greve e suas responsa- bilidades na agitação social que, para ele, causava desordem. As pa- lavras deste católico encontraram ressonância no contexto do movi- mento militar que justificava sua

ação na pretensão de afastar a ameaça do comunismo que diziam pairar sobre o país.

O mesmo jornal - *Folha de Santo André* - que trouxe as palavras de Tarcísio registrou o clima presente na região do ABC durante o golpe militar, chamado, pelo periódico, de crise político-militar.

A situação em Santo André e em todo o ABC, durante a crise político-militar que eclodiu no país nas últimas setenta e duas horas, foi de calma, não se registrando qual- quer anormalidade nas atividades do município.

Assim que eclodiu o movimento, o delegado titular da Delegacia de Polícia local, comandando um des- tacamento especial, invadiu a sede do Sindicato dos Metalúrgicos não encontrando qualquer resistência. Foram presos na ocasião os Srs. Marcos Andreotti e Philadelpho Braz, diretores da entidade sindi- cal. A autoridade policial arran- cou os telefones do sindicato e ocupou o prédio que ainda se en- contra bloqueado. A polícia per- correu outras entidades sindicais, encontrando as suas sedes fecha- das, pois haviam sido abandonadas pelos seus responsáveis. Único fato a registrar foi a paraliza- ção (sic) dos trens da Estrada de Ferro Santos à (sic) Jundiáí, por parte dos empregados da Ferro- via, que se manifestaram favorá- veis ao govêrno federal. Apesar disso, não se constatou qualquer anormalidade no funcionamento das indústrias do município.

(...) Em sua sessão ordinária de 31 de Março realizada à noite, a Câmara Municipal aprovou por unânimidade requerimento de au- toria do vereador Caffé Alves con- tra qualquer golpe da direita ou da esquerda e favorável às reformas de base.⁵

O jornalista registrou o movi- mento encontrado nos locais onde se poderia esperar alguma reação



Arquivo particular de Anastácio Broflezzi

Primeira Comunhão Pascal celebrada por Dom Jorge Marcos na Firestone, 1956

ao golpe e parece ter minimizado as reações que relatou, sublinhando que as prisões dos dirigentes do sindicato dos metalúrgicos e a manifestação do vereador Alaor Caffé Alves, apesar de aprovada por unanimidade na Câmara, não foram suficientes para resistir ao movimento militar ou para causar desordem. Embora não tenha citado nenhum pronunciamento da Igreja, outro jornal, *Gazeta do ABC*, publicou uma mensagem do episcopado paulista datada de primeiro de Abril e ressaltou que era assinada por Dom Carlos Carmelo de V. Motta e por Dom Jorge Marcos.

Ao encerrar mais uma Reunião Ordinária do Episcopado Paulista, unidos todos pelo amor a Cristo e à sua Igreja, sob a presidência efetiva do Eminentíssimo e Venerado Senhor Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, para estudar termos do novo ministério pastoral e aplicar o Plano de Emergência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fomos surpreendidos pelos acontecimentos que não podem deixar de angustiar a alma de todo brasileiro.

(...) Aplausos a tôdas as forças vivas da Nação para que, a fim de que sejam resolvidos, num espírito de compreensão e de paz, e não pelas armas, os graves problemas brasileiros.⁶

Em pleno Concílio Vaticano II e entre os debates empreendidos pelos bispos brasileiros sobre os problemas do país, representantes da hierarquia da Igreja escreveram para demonstrar seu descontentamento com os possíveis acontecimentos que poderiam seguir pelo caminho das armas, pois seriam geradores de incertezas quanto ao espírito de paz e de compreensão que deveria de fato existir. Portanto, desaprovavam toda e qualquer violência, fosse esta por parte da esquerda ou da direita, e ainda manifestaram surpresa com os acontecimentos que causavam angústias, fato que indica que tais acontecimentos não foram bem recebidos.

O depoimento do padre operário francês José Mahon⁷, que estava no Brasil desde 1961 e era membro do Instituto Filhos da Caridade, demonstrou que não houve apoio à realização do movimento militar e, segundo o sacerdote, já durante o governo do general Humberto Castelo Branco observava-se a recessão que caíra sobre os trabalhadores.

... houve então a ditadura militar. No começo, é como agora. No começo achavam que podia ser bom ... Vamos ver, vamos deixar passar um tempo ... Teve aquela campanha “Ouro para o bem do

Brasil”, a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” ... Aí muita gente, eu, pessoalmente, quando vi esta revolução militar de 31 de Março, eu já fui contra na primeira hora. Nunca acreditei que podia dar alguma coisa boa para o Brasil, mas muita gente deu chance à revolução, ao Castelo Branco, e veio em 65 uma onda de desemprego muito grande e Dom Jorge fez uma carta aberta a Castelo Branco, que foi publicada nos jornais daquela época, onde ele tomava parte claramente contra toda esta política dos militares. Tanto a Ação Católica Operária como a JOC tiveram vários padres que começaram a se manifestar a favor do povo sofrido e contra essa revolução que suprimia o direito de greve, que dava o arrocho salarial. Aí veio (sic) as condições de moradia, ninguém mais podia comprar um terreno e pagar um aluguel, a não ser realmente que seja (sic) um bom profissional. E teve (sic) vários manifestos, vários panfletos distribuídos escondidos para manifestar que a Igreja não se conformava com essa situação e essa atitude política do governo militar que estava tomando conta do país. E naquela época, também, em 64, nós resolvemos tentar uma experiência de trabalho em fábrica com os operários. Nós estávamos em três porque chegou mais um depois, o padre Roberto, e nós três fomos trabalhar em fábrica. Então nós íamos trabalhar e eu fui o primeiro. Eu trabalhei de fresador na Villares, Indústrias Villares, na Senador Vergueiro, em São Bernardo do Campo. Trabalhei em 64 e foi muito positivo, porque os operários estranhavam a presença de um padre. Mas depois gostavam e tinham muita liberdade comigo. Inicialmente, trabalhava só à noite, trabalhava das 21:15 às 6:30 da manhã. Então eu fiquei, trabalhava à noite e dormia de dia.⁸



Manifestação de apoio a Dom Jorge Marcos - década de 1960

Padre Mahon destacou importantes movimentos organizados por setores conservadores da Igreja, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que foram responsáveis por disseminar a percepção de que toda a Igreja brasileira estava a favor do movimento militar. Entretanto, em seguida ressaltou sua posição contrária ao golpe e afirmou que o próprio bispo, autoridade máxima na Igreja do ABC, não tardou em declarar publicamente suas críticas ao novo governo. O padre justificou sua oposição em decorrência da situação econômica enfrentada pela população da região do ABC.

Em 1965, o bispo do ABC demonstrou sua indignação em relação à política desenvolvida pelo governo de Castelo Branco. Dom Jorge Marcos, junto com outros sacerdotes, enviou uma carta ao presidente, na qual apresentou a negativa situação econômica da população trabalhadora.

Alguns sacerdotes procuraram se mobilizar antes da eclosão do golpe, quando pretenderam arregimentar forças contra o eminente movimento militar. Segundo o depoimento de Philadelpho Braz, o sindicalista Marcos Andreotti e o cônego Antunes, da diocese de Santo André, saíram com um jipe de propriedade do cônego para percorrer algumas paróquias e fábricas, onde poderiam encontrar quem estivesse contra o movimento militar. Entretanto, a proposta de articulação não frutificou em resultados concretos.⁹

O depoimento do cônego Antunes trouxe esclarecimentos quanto ao seu envolvimento nas mudanças políticas e em relação à situação dos trabalhadores. Percebemos que o comprometimento que os sacerdotes e os sindicalistas construíram em relação aos problemas da classe operária surgiu de um trabalho edificado há tem-

pos e que por esta ação esperavam uma resposta positiva dos trabalhadores. Esperavam que o operariado tivesse condições de se manifestar contra o golpe militar e em defesa de sua liberdade, o que o cônego mostrou que não ocorreu.

Minha grande decepção foi no dia do golpe. A gente tinha muita confiança na massa. Eu pensei que o povo ia se reunir, mas não apareceu ninguém. Lembro-me de uma cena: veio o Exército inteiro para Santo André. Na estação da estrada de ferro estavam os soldados, duros, com a metralhadora na mão. O pessoal, o povo, passava por baixo da arma e ia embora como se nada tivesse acontecido. Se o pessoal tivesse alguma coisa na cabeça, algum sentimento de culpa no cartório... Mas nada. Era como se não fosse com eles. Não sei onde erramos.¹⁰

A decepção apontada mostra que o cônego esperava encontrar na população trabalhadora um nível de politização que correspondesse ao que ele mesmo portava, entretanto, como consequência da ausência de politização e de reação, passou a questionar a eficácia de seu trabalho de conscientização.

Em sua citação, nos chama a atenção o destaque dado ao Exército, que estaria todo em Santo André, em contraposição à ausência de reação da *massa*, ou seja, onde o Exército se colocava presente, o povo se ausentava.

No ABC, existiu a proximidade de alguns sacerdotes e leigos com sindicalistas que militavam no Partido Comunista. Philadelpho Braz, sindicalista e comunista, expôs como era seu relacionamento com os sacerdotes e com os leigos e falou sobre a participação deles nas assembleias no sindicato.

Mas daí, diante das atividades, da dinâmica do município, da sociedade, dos movimentos sociais, a Igreja foi vendo que ela

estava ficando à margem. Ela “tava” perdendo terreno. Eles passaram a militar mais nessa área aí com esses rapazes - José Nanci ... Eles vinham no sindicato e o bate pau você notava ... nas assembleias ... Você distinguia o grupo deles num canto.

De acordo com a tese que eles defendiam você sabia quem eram eles e eles levavam aquela massinha deles, 10, 20 caras. Faziam um barulho porque o José Nanci sempre foi um bom agitador e, no fim, perto de 1964, ele já estava mais dentro do Partido Comunista do que da Igreja, embora continuasse falando que era cristão.

(...) Quem nós tínhamos mais amizade era com Dom Jorge e com o monsenhor Antunes. E eles começaram a se envolver tanto que foi se incompatibilizando com o outro lado. Aí é que apelidaram Dom Jorge de bispo vermelho.¹¹

José Nanci, a quem se referiu Philadelpho Braz, foi membro da Congregação Mariana e nos anos próximos ao golpe militar, juntamente com um grupo de cerca de oito congregados, ingressou na Ação Popular (AP)¹², entidade não confessional que se posicionou contra o regime militar. Estes movimentos de oposição ao novo regime não tomaram tanto o espaço na imprensa escrita quanto as manifestações de apoio ao mesmo fato. No final do mês de Abril, os jornais do ABC noticiavam que estava sendo organizada a Marcha da Família com Deus pela Liberdade em Santo André, segundo os moldes da Marcha realizada em São Paulo e que antecedeu o golpe militar. A Marcha no ABC fora agendada para o dia 28 de Abril e os participantes sairiam da Praça do Carmo, às 15:00 horas. A Marcha, organizada pelo Centro Democrático de Estudos e Debates de Santo André, reuniu entidades como a Associação Comercial, a Associação dos Enge-

nheiros, a Associação dos Cirurgiões Dentistas de Santo André, a Associação Médica, o Lions Clube, o Rotary Clube, a Associação dos Proprietários de Imóveis e os sindicatos.¹³

No dia três de Maio, o mesmo jornal, *O Repórter*, no qual se havia escrito que a Marcha aconteceria no ABC, noticiou que ela se desenvolvera com pleno êxito, confirmando a *vocação democrática do povo*.¹⁴ Esclareceu que houve o fechamento do comércio e de algumas indústrias para que os funcionários pudessem participar da Marcha e contribuir para o sucesso do evento. Anotou também a presença de representantes da Prefeitura de Santo André, como por exemplo João Cara Valentim (presidente da Câmara), Bruno José Daniel (secretário da Fazenda), Fioravante Zampol (vice-prefeito), Waldemar Mattei, Octaviano A. Gaiarsa e Zoito de Souza Assis.

Segundo o depoimento de Dom Jorge Marcos, a Marcha aconteceu, primordialmente, contra a sua atuação no clero local.

Aqui, ela foi feita contra mim. Porque justamente naquele dia pessoas minhas amigas, a quem no domingo eu tinha dado a comunhão, passando na frente da minha casa, de terço na mão, rezando contra os corruptos, mas, sobretudo contra os subversivos, que tinham invadido a Igreja. Eu permiti várias reuniões na catedral e em outras Igrejas. E nunca me perdoaram isto (...). O que alguns vigários podiam fazer, e eu respeitava, que eu não queria ser dominador, era dizer: "Não, eu aqui não quero a JOC, na minha paróquia". Então eu respeitava porque se eu queria defender o direito da JOC eu também queria convencer o padre a que ele aceitasse e não dizer: "Olha, tem lá no fundo, tem o teto do galinheiro, tem lá uma sala, vocês se juntem lá". Isso eu não queria. Eu

queria uma JOC à luz das lâmpadas da Igreja. E fomos conseguindo.¹⁵

O bispo do ABC enfrentou repressão, em decorrência de suas ações junto aos trabalhadores, advindas tanto do governo local e nacional quanto das elites mais conservadoras. No ano de 1968, Dom Jorge sofreu dois acidentes: *Tive outro atropelamento em São Bernardo. Cerraram o tirante de freio do meu carro. Recebi uma coronhada de uma metralhadora, me quebrou três costelas*.¹⁶ O bispo recebeu a coronhada durante uma assembléia dos trabalhadores na greve da Fábrica de Biscoito Aymoré, quando entraram em confronto com a polícia. Todas as represálias que sofreu, bem como a situação de violência e de medo propagada pelo governo militar, fizeram com que o bispo decidisse queimar grande parte dos documentos que guardava consigo, evitando assim que a polícia política pudesse encontrar provas de sua ação.

Neste momento histórico, em que o governo federal procurou impor a força no lugar do diálogo, percebemos o caminho proposto pelo clero conservador para a história política do Brasil. Os leigos e os sacerdotes que concordavam com esta linha parecem ter acreditado que, afastado o comunismo e o catolicismo progressista do mundo do trabalho, a Igreja que eles defendiam teria espaço para se inserir e aplicar, definitivamente, sua interpretação da Doutrina Social Católica entre a sociedade brasileira. Desta forma, acreditaram também que os sindicatos já poderiam ser católicos, ou seja, orientados pelos católicos e por sua doutrina. Podemos perceber isto através da coluna *Repórter Sindical*, publicada frequentemente no jornal *O Repórter*.

Trabalhador! Aqueles que dirigiram os sindicatos antes da revolução tornaram a atividade e a vi-

da sindicais uma espécie de obra marcada e suspeita. Mais do que os direitos inerentes à classe, na vida sindical de então cuidava-se dos programas políticos e de agitação contra as instituições. O contrário disso, para defesa total dos direitos de quem trabalha, nada melhor do que intensificar sua vida associativa (...).

Agora que estamos bem livres do perigo vermelho, não se justificava (sic) mais a oposição à sindicalização nem a pressão de certos patrões. Os grandes benfeitores da humanidade, como é o caso de João XXIII, quando falam sobre o valor destas entidades, dizem: "São organismos absolutamente indispensáveis para salvaguardar a dignidade e a liberdade da pessoa humana".¹⁷

Nos documentos aqui apresentados percebemos os conflitos deflagrados entre os católicos progressistas e os conservadores. Os progressistas perderam espaço de ação, mas muitos continuaram agindo na sociedade segundo os objetivos da justiça social da forma como encaminhada por João XXIII. Alguns dos sujeitos que apresentamos neste texto se mostraram contra o golpe militar, entretanto, esta história não apareceu na imprensa. Ainda é preciso apreender os caminhos e os desvios tomados por estes sujeitos e analisar a possível pressão a que foram submetidos dentro da Igreja para que caminhassem segundo os objetivos propostos pelo Vaticano do Papa Paulo VI (1963-1978) e de João Paulo II (desde 1978). As fontes mostram-se de grande valor, pois permitem levantar questionamentos sobre idéias que, aparentemente sólidas, se destacam nos discursos dos estudiosos que estudam o tema Igreja Católica e Regime Militar, como por exemplo a percepção de que a Igreja Católica brasileira, em sua totalidade, se

manteve a favor do golpe de 1964. Sobre isto é necessário compreender para quais grupos, no país e no exterior, interessava a apresentação de uma Igreja unida e sólida e que possuísse uma única posição diante dos acontecimentos políticos em questão. Podemos também questionar a percepção de que a oposição de setores da igreja brasileira ao governo militar aconteceu após 1968, quando a instituição teria se mostrado mais heterogênea e quando esta oposição teria tido um crescimento gradativo entre a sociedade católica e teria sido fortemente impulsionada pelos acontecimentos relacionados às prisões e torturas praticadas pela polícia política. É preciso dar voz a estes católicos e leigos católicos que não estiveram de acordo com a guinada que a política brasileira deu para a direita após 1964.

BIBLIOGRAFIA -

BIGO, Pierre. A Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Loyola, 1969.

CASTRO, Marcos de. 64: Conflito Igreja x Estado. Petrópolis: Vozes, 1984.

DALE, Frei Romeu (org.). A Ação Católica Brasileira. São Paulo: Loyola, 1985.

DUSSEL, Enrique. História da Igreja Latino-Americana (1930 a 1985). São Paulo: Paulus, 1989.

GUTIERREZ, Exequiel R. De Leão XIII a João Paulo II. Cem anos de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995.

MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil. 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MORAES, Maria Blassioli. A Ação Social Católica e a Luta Operária: a experiência dos jovens operários católicos em Santo André (1954-1964). São Paulo: 2003, Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo.

SERBIN, Kenneth. Diálogos na Sombra. Bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



Leigos carregando foto do Papa João XXIII – sem data

Museu de Santo André

VIEITEZ, Cândido Giraldez. Reforma Nacional-Democrática e Contra-Reforma, a política do PCB no coração do ABC paulista 1956-1964. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999.

Notas

1 MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil. 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 1989.

2 Ibid, p.132.

3 Tarcísio Soares reside em Santo André e participa das organizações católicas para leigos, como da Sociedade São Vicente de Paulo.

4 A greve e suas nefastas conseqüências In Folha de Santo André. 14 de Março de 1964. p. 3.

5 A situação foi de calma em Santo André. In Folha de Santo André. Quatro de Abril de 1964. p.1.

6 Mensagem do Episcopado Paulista. In Gazeta do ABC. Quatro de Abril de 1964. p.5.

7 José Mahon chegou ao Brasil no ano de 1961 num momento em que o Papa João XXIII (1958-1963) reunia esforços das igrejas dos países desenvolvidos para que auxiliassem as nações mais pobres. Desta forma, o instituto francês Filhos da Caridade assim como outras entidades européias e norte-americanas atenderam ao apelo do Papa. No cenário da Guerra Fria a Igreja Católica procurava se precaver contra a expansão do comunismo no mundo.

8 Museu de Santo André. Entrevista concedida pelo padre José Mahon.

9 Este fato foi relatado por Cândido Giraldez Vieitez na obra Reforma Nacional-Democrática e Contra-Reforma, a política do PCB no coração do ABC paulista 1956-1964. Santo André: Fundo de Cul-

tura do Município de Santo André, 1999.
10 Depoimento do Cônego José Benedito Antunes apud VIEITEZ, C. G. op cit.p.27.

11 Entrevista concedida por Philadelpho Braz à autora em 11 de Junho de 2001.

12 A AP, articulada como desdobramento da Juventude Universitária Católica (JUC) entre os anos de 1959 e 1960, formou-se de fato em 1962. A AP, movimento não confessional, apresentou importante participação na estruturação da UNE, e até pelo menos o ano de 1964 elegeu os presidentes dessa entidade. Em 1969, um grupo dissidente da AP formou o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) e a AP, influenciada pela Revolução Cultural Chinesa, articulou-se sobre uma linha maoísta. Entre 1971 e 1972, a AP modificou seus estatutos e passou a se chamar Ação Popular Marxista-Leninista (APML), se aproximando mais do Partido Comunista do Brasil. Neste período muitas lideranças passaram a integrar o PC do B.

13 Marcha da Família com Deus pela Liberdade. In O Repórter. 26 de Abril de 1964. p.1.

14 Vocação Democrática do povo foi amplamente confirmada. In O Repórter. 03 de Maio de 1964. p.1.

15 Museu de Santo André. Entrevista com Dom Jorge Marcos. p.59.

16 Ibid, p.62.

17 Sindicalizar: bem ou mal? In O Repórter. Santo André, 24 de Junho de 1964.

(*) Maria Blassioli Moraes é mestra em História Social pela USP com a dissertação A Ação Social Católica e a luta operária: a experiência dos jovens operários católicos em Santo André (1954-1964) e técnica do Arquivo do Estado de São Paulo



A Estação de São Caetano em 1911. A rua de terra onde estão as carroças é a atual Avenida Conde Francisco Matarazzo. À direita, a cabine de controle da estrada de ferro. Ao fundo, um matagal situado na altura da atual Rua Perrella



Vazias, as plataformas aguardam a chegada dos passageiros...
Em primeiro plano a plataforma – direção São Paulo.
No lado direito – direção a Santo André – situava-se a moradia do Chefe da Estação

Os velhos tempos da Estação

Oscar GARBELOTTO (*)

São Caetano do Sul, desde sua origem, teve o privilégio de ter o trem como meio de transporte. Já os primeiros imigrantes italianos vieram para a colônia (São Caetano) no comboio trazido pelo maquinista Casimiro Alonso, partindo do prédio da imigração, onde estavam hospedados, e desembarcando nas proximidades da curva da linha férrea, perto de onde está hoje a estação. Possivelmente, este era o lugar mais próximo da velha capela deixada pelos beneditinos, rodeada de senzalas, onde foram instaladas todas as famílias italianas nos primeiros momentos da nova colônia. Em depoimento ao *Jornal de São Caetano* de 25 de Julho de 1948, José Tomé, filho do imigrante Tommaso Tomé, um dos pioneiros, relata: *Quando aqui chegamos tudo era mato ao redor, havendo apenas uma “picada” que, da estrada de ferro, conduzia até a igreja. Caminhamos por ela para encontrar afinal uns casebres à volta do templo – tudo o que era São Caetano então.*

Daí para frente um longo e árduo caminho foi percorrido por aqueles primeiros imigrantes em busca de um pouco de estabilidade econômica, assistência social e fa-

Já eletrificada, a nova composição, toda em alumínio, aguarda o embarque dos passageiros. Já não havia separação entre vagões de primeira e segunda classe



A estação vista de seus trilhos. A plataforma que se vê é a “direção Santo André”. As velhas porteiros já tinham sido substituídas pelas rápidas cancelas (à esquerda, suspensas)

Vista geral a partir da Avenida Conde Francisco Matarazzo, lado do Bairro da Fundação





O Conde Francisco Matarazzo (ao centro e de boina) recebe, na plataforma da estação, cidadãos de São Caetano, entre eles políticos, empresários e comerciantes. Lá estavam, entre outras pessoas, João Domingos Perrella, Antônio Barille, Paollone, Armando de Arruda Pereira, Roberto Simonsen e José Mariano Garcia Júnior. Aproximadamente 1928

Na Praia do Gonzaga, uma das bandas locais acompanha o piquenique do São Caetano Esporte Clube. Entre outros, aparecem: Orlando Barille, Angelina Barille, Tereza Barille, Aurélio Pol, Francisco Paolillo, João Barille, Antônio Perrella, Gin Roveri, Francisco Garbelotto, Antônio Garbelotto e Luiz Martorelli. Aproximadamente 1927



Cláudio Perrella



Arthur e Thereza Piccolo Garbelotto

Jovens de São Caetano aguardam, ao lado da estação, o momento do embarque para São Paulo, a caminho dos teatros. Da esquerda para a direita: Silvério Manille, Antônio Guerreiro, Júlio Marcucci, Francisco Fiorotti, Abramo Cavassani, (?) e Arthur Garbelotto. Aproximadamente 1927

O Jardim da Luz era um dos locais favoritos para os passeios dominicais das famílias de São Caetano. O trem, mais uma vez, era o transporte utilizado. Da esquerda para a direita, de pé: Arthur Garbelotto, Ignes Garbelotto, (?) e Maria Garbelotto. Sentadas: Thereza Picollo, noiva de Arthur, (?) e (?). Aproximadamente 1929



Arthur e Thereza Picollo Garbelotto



Germano e Anna Molinari Miazzi.

A parada obrigatória do trem, no Alto da Serra (Paranapiacaba), para os preparativos técnicos que precediam a descida da Serra do Mar, permitia momentos de alegria e descontração. Um desses momentos foi vivido, aproximadamente no ano de 1926, por participantes de um piquenique organizado pelo São Caetano EC

cidades que pudessem trazer algum conforto às suas famílias.

Em Maio de 1883 foi inaugurada a estação e, rapidamente, o trem tornou-se o elo forte e necessário para tudo o que acontecia na colônia. Por ele chegavam os médicos, que a *Principe Di Napoli* - entidade de caráter social de São Caetano, fundada em 11 de Dezembro de 1892 - chamava da Capital para atender seus associados (praticamente todos os habitantes da colônia): Por ele transportavam os produtos da colônia, tais como vinho, uvas, carvão e outros gêneros agrícolas, quando era possível pagar o frete.

Relatam os antigos que era muito comum o transporte de verduras, carvão e outros produtos, com carroças ou ainda com carrinhos de mão, até o Mercado Municipal de São Paulo, na Várzea do Glicério. O caminho então percorrido era a Rua Ibitirama, a única existente na época.

O leito da ferrovia era também usado por operários e operárias, já no início da industrialização, para alcançar as indústrias situadas no Ipiranga, tais como o Jafet, na Rua Silva Bueno, e a Inglesa de Linhas, na Rua do Manifesto.

Anteriormente, no período áureo das olarias, tijolos e telhas embarcavam para todas as direções. Foi o período que fez a fama de São Caetano pela excelência de suas peças de barro e pela alta qualidade de louças e porcelanas, que sucederam a produção das olarias.

PIQUENIQUES - Era o trem que também proporcionava lazer para os habitantes locais. Eram comuns os piqueniques em Santos organizados pelo São Caetano Esporte Clube e pelo Clube Recreativo Ideal. As praias preferidas eram as do Gonzaga e do José Menino, que apresentavam melhores condições para receber os visitantes, devido à existência de cabines individuais, locais para banho e mesas para as refeições. Ali

havia estrutura para estada relativamente agradável.

Além dos imperdíveis banhos de mar e passeios de bicicleta pelas areias da praia, alguns clubes, por vezes, incrementavam suas excursões com sofisticados detalhes, entre os quais podemos destacar a presença das orquestras de bailes ou das bandas da cidade, que lá compareciam devidamente uniformizadas.

Nesses passeios, a praxe era embarcar na estação local no primeiro trem, ainda na madrugada do domingo. Antes, porém, uma rápida parada na Confeitaria Trianon, em frente à estação, era necessária para abastecer algumas sacolas de última hora. A alegria contagiante já começava nos primeiros quilômetros percorridos e continuava nas paradas prolongadas, tal como na Estação de Paranaapiacaba, (Alto da Serra), onde os vagões eram separados de três em três, para a descida. Ali todos desembarcavam para fotos e para apreciar o lindo panorama da serra.

Enfim, os piqueniques eram sempre grandes encontros sociais das famílias sancaetanenses, graças à facilidade do transporte.

Importante, também, era a movimentação política que ocorria na estação. Encontros de políticos, empresários ou personalidades da cidade eram comumente marcados na plataforma da estação. Ali os grupos aguardavam a presença de alguém importante, chegando, partindo ou simplesmente de passagem por São Caetano, com breve permanência no local. Era o bastante para contatos políticos ou homenagens.

O conde Francisco Matarazzo era uma dessas personalidades. Em visitas frequentes ao Bairro da Fundação, onde mantinha indústrias, recebia moradores para debater sobre problemas e apresentar soluções aos assuntos de interesse da cidade. Na verdade, sempre tinha muito que conversar com os líderes locais. Em todas as festividades aqui organizadas, apare-

cia como um dos principais patrocinadores. E como nem sempre era possível receber as pessoas no seu escritório, a estação tornava-se um excelente ponto de encontro.

ARTE - No começo do século XX, foi se desenvolvendo entre os moradores locais o gosto para o teatro e cinema. Enquanto o cinema encontrou rapidamente seu lugar, com o Cine Central, o mesmo não aconteceu com o teatro, as óperas, operetas e outros acontecimentos culturais que eram comuns em São Paulo. A solução para os entusiasmados jovens era assistir às companhias nacionais e estrangeiras que se apresentavam no Cassino Antarctica, no Teatro São José, no Teatro Santana ou ainda no Teatro Colombo, no Brás. Mais uma vez, o trem era a alternativa para os amantes do teatro. Porém, quando o espetáculo era noturno, apenas a ida era garantida, pois o horário do encerramento das peças ultrapassava o horário do último trem. O recurso sempre foi o retorno de bonde até o Sacomam (altura da atual Heliópolis) ou ainda até o Largo da Vila Prudente. O restante do caminho faziam a pé. Carro? Nem pensar! Os jovens daquela época não tinham essas mordomias.

O certo é que as facilidades proporcionadas pelo trem contribuíram muito para com o desenvolvimento artístico da juventude local. Formaram-se, em pouco tempo, dois excelentes grupos teatrais: o do São Caetano Esporte Clube e o do Clube Recreativo Ideal. Famosos em sua terra natal, levaram seus espetáculos para outras cidades da região (Paranaapiacaba, Santo André etc.) e para outras mais distantes tais como Jundiaí, com a qual mantinham intenso intercâmbio.

RELIGIÃO - A grande religiosidade dos imigrantes italianos, que aqui chegaram em 1877, ficou logo demonstrada com a fundação da Irman-

dade de São Caetano, cuja oficialização deu-se em oito de Maio de 1879. Foi a primeira entidade destinada a dar assistência aos imigrantes. Segundo seus estatutos, era obrigação da Irmandade proporcionar atendimentos religiosos, médicos e dentários e toda e qualquer assistência social necessária para auxiliar as famílias, inclusive nos funerais. Entre os compromissos oficiais da Irmandade, constava ainda a incumbência de comemorar o Dia de São Caetano, em sete de Agosto, com *missa cantada e mais atos de adoração e festividades que puder e quiser fazer o Provedor e Provedora*. Assim começaram as Festas do Padroeiro.

No entanto, a assistência religiosa era difícil. Como difícil deveria ser, como consequência natural, a participação nas festas. Isto porque os padres que assistiam a Colônia vinham do Brás. A própria Irmandade nasceu sob a orientação desses padres e dos fiéis daquele distrito paulistano que se deslocavam, tanto quanto possível, para São Caetano utilizando o meio de locomoção viável naqueles primeiros anos: o transporte animal.

A inauguração da estação permitiu à Irmandade dar dimensão significativa às festas, pois o transporte facilitava a chegada dos sacerdotes e fiéis para organizá-las em conjunto com os colonos.

As Festas do Padroeiro, que, com certeza, já chamavam a atenção de alguns paulistanos, com a estação ganharam maior importância, tornando-se ponto de atração para grande parcela da população do Brás, Luz e adjacências. Basta examinar anúncios e reportagens do jornal *A Província de São Paulo*, trazidos a conhecimento como resultado de recentes pesquisas de Ademir Médici, para verificar a grande repercussão que ganhou a Festa. Uma primeira publicação de iniciativa da Superintendência da São Paulo Railway Company, em 11 de Agosto de 1883, anunciava horários de trens ordiná-

Na Praia do José Menino, no mesmo piquenique de 1926, jovens divertem-se à beira-mar. Da esquerda para a direita, no chão: João Domingos Perrella Neto, Benvenuto Thomé, Germano Miazzi, Luiz Mantovani e (?). No alto: Avelino Roveri, Reinaldo Lodi e Luiz Paolillo



Germano e Anna Molinari Miazzi



Arthur e Thereza Piccolo Garbelotto

Era comum o aluguel de bicicleta para passeios na praia. Antônio, Vilma e, à frente, Oscar, todos da família Garbelotto. Praia do José Menino, 1939

Revista Veja São Paulo de oito de Agosto de 2001, pág.33

Em primeiro plano, a Praia do José Menino e, ao fundo, a Praia do Gonzaga, em Santos, 1910. À direita, o Hotel Internacional, ao redor do qual construiu-se um balneário dotado de cabines de madeira, chuveiros e locais próprios para alimentação, muito freqüentado pelos participantes dos piqueniques. A avenida onde passa o bonde é a atual Presidente Wilson



Foto de Lalo de Almeida/Folha Imagem – Folha de São Paulo de 28 de Março de 2004, pág. D 1



Antiga estação de trem da SPR, em Santos, ponto final dos transportes férreos. Daí até a praia usava-se o Bonde José Menino. O prédio, hoje reformado, abriga a Secretaria de Cultura de Santos

etc. Tudo indica que as festas regionais da antiga colônia italiana não mudaram muito...

O sucesso das festividades a partir de 1883, facilitado pela via férrea, pode-se constatar por reportagem do mesmo jornal: *...estrada de ferro emitiu...nas estações da Luz e Brás, cerca de três mil bilhetes...* Comparando este número com a possível população do Núcleo Colonial naquela oportunidade - segundo censos oficiais, em 1879 havia 169 habitantes e, em 1887, 251 habitantes - conclui-se que os visitantes superaram, e muito, a população local.

Vários fatores poderiam ser citados para explicar a participação tão efetiva da ferrovia na atração de visitantes para o núcleo. E, talvez, o mais importante seria a necessidade de divulgar a estação, recentemente inaugurada. O certo, porém, é que a divulgação das festas do padroeiro pela imprensa, por vários anos, contribuiu para que os festejos tivessem grande repercussão e para que a pequena vila, em crescimento, ganhasse notoriedade.

ESTUDANTES - No início do século XX, algumas famílias de São Caetano preocupavam-se com a formação educacional de seus filhos. Então, os jovens de São Caetano começaram a vislumbrar as inúmeras possibilidades de estudo na Capital. A cidade ainda pouco proporcionava. Apenas o ensino primário estava ao alcance dos moradores, sendo certo que a primeira escola secundária surgiria apenas em 1943, com o curso de contabilidade. Os primeiros estudantes buscaram cursos técnicos e profissionais situados no Brás e na Luz, particularmente pela facilidade do transporte férreo. As mais importantes eram Liceu de Artes e Ofícios, Escola Profissional e Industrial São Paulo, entre outras. Nos momentos seguintes, para os que desejassem outras profissões, ginásios começaram a ser procurados, tais como o

rios e trens especiais, saindo de São Paulo (Luz), parando no Brás e seguindo até a Estação de São Caetano, em todos os dias de festa. Igual anúncio repetiu-se em 1884, para o período de 11 a 16 de Agosto, e tam-

bém nos anos seguintes. Além dos horários dos trens, os anúncios acrescentavam outras informações sobre os atrativos da festa: solenidades religiosas, jogos, leilão de prendas, fogos, comidas típicas, música

Colégio Anglo-Latino, Colégio Osvaldo Cruz, Colégio São Bento, Colégio do Carmo, entre outros. E o trem era o transporte utilizado por esses jovens.

A escolha das profissões também levou os estudantes locais às faculdades paulistanas. Havia opções para os cursos de Direito, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), e Engenharia, na Escola Mackenzie e na Escola Politécnica (USP) - esta última situada no Jardim da Luz. Com o passar do tempo, quando o trem deixou de ser o único meio de transporte para a Capital, foi ampliado o leque de opções escolares.

Não se pode esquecer da importância do transporte ferroviário que trazia as professoras para lecionar em São Caetano. Bem cedo, pela manhã, e logo após o meio-dia, várias senhoras e senhoritas desciam dos trens e dirigiam-se até os denominados *grupos escolares*, geralmente acompanhadas por alunos que as aguardavam na estação. Afinal, era uma honra carregar a pasta da professora ...

BAILES E PAQUERAS - Em 1933, o São Caetano Esporte Clube mudou sua sede social da Rua 28 de Julho para a Rua Perrella, bem ao lado do Cine Central. O cinema, inaugurado em 1924, já era um importante ponto de encontro. Como resultado, houve uma polarização social no local que traria, gradativamente, mudanças significativas nas atividades sociais da cidade. As grandes festas locais, tais como as comemorações de aniversário de São Caetano, que já aconteciam no Cine Central, passaram a ter um outro e amplo espaço: a nova sede do clube. Os grandes acontecimentos sociais e, posteriormente, os políticos, proporcionavam notoriedade ao São Caetano Esporte Clube. Peças teatrais estreladas por artistas da Capital, sempre seguidas de bailes, e a presença de cantores famosos conferiam ao clube uma fama inusitada a ponto de começar a atrair

frequêntadores da capital, particularmente do Ipiranga, Mooca e Brás, graças à facilidade do trem.

Ficou famoso o *trem dos bailarinos*, que chegava à estação da cidade aos domingos à tarde, momentos antes de começar a matinê. Aquele trecho da Rua Perrella, entre a estação e o local do clube, ganhava um fluxo inusitado de tantos jovens que desembarcavam...

Durante alguns anos, o clube e o cinema foram os locais de maior atração, pois marcavam o território do *footing*, o local da paquera. As porteiras da estação, sempre fechando para dar passagem para as composições, limitavam o espaço para o passeio.

Apenas em 1943, com a inauguração do Cine Max, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, bem em frente à Rua João Pessoa, o passeio da paquera rompeu a barreira das porteiras para ir até o novo cinema. São Caetano ganhava um novo centro. Lentamente, o espaço da Rua Perrella foi sendo deixado, ao mesmo tempo que os bailes do São Caetano Esporte Clube foram perdendo expressão na década de 50.

PROBLEMAS - Como o surgimento da estação ferroviária facilitou o embarque da população e da produção local, os imigrantes e seus descendentes usufruíam o transporte até os seus limites, procurando superar as grandes dificuldades que a colônia impunha. Buscaram na terra, pouco produtiva, as riquezas, que surgiram em forma de produtos de cerâmica, extraídas da grande quantidade de barro que as margens dos rios Tamanduateí e Meninos proporcionavam. Trabalharam arduamente, superaram problemas, tendo sempre como aliada a estrada de ferro. A capital paulista, que já àquela época dominava o comércio e outras atividades econômicas, oficiais e culturais, enfim, estava mais perto do imigrante de São Caetano.

Com o progresso lento, mas constante, vieram também os problemas gerados pelos trilhos. A partir da década de 30, a ferrovia, que dividia a cidade, passou a truncar o desenvolvimento, ao paralisar, seguidamente, e por longos períodos, o grande tráfego de veículos e pessoas entre os dois segmentos urbanísticos do antigo núcleo colonial, ora para atender as necessidades do fluxo de comboios cargueiros e de passageiros, ora para esperar as demoradas manobras de cargueiros pelos trilhos suplementares. Esse grande transtorno demorou até 28 de Julho de 1954. Nesta data, foi inaugurado o Viaduto dos Autonomistas.

SAUDADES - A estrada de ferro conduziu as primeiras famílias que povoaram São Caetano. Estas trouxeram dentro de si apenas a esperança de vencer, de proporcionar aos seus descendentes um mundo melhor, mais promissor, onde as oportunidades pudessem ser aproveitadas por todos e não apenas pelos mais favorecidos, como ocorria em sua terra natal.

A estrada de ferro, suas plataformas, seus trilhos e suas porteiras marcaram épocas diferentes da cidade, sempre partilhando de seu desenvolvimento. De certo modo, a estação, construída seis anos depois da chegada dos italianos, era uma autêntica praça da cidade, o ponto de referência para a população e visitantes. Na lembrança daqueles que puderam compartilhar de seus glamorosos tempos, daquela que hoje é só um pedacinho de São Caetano, ficou a imagem de um local que outrora proporcionou muitos encontros e desencontros, chegadas e partidas, paz e ansiedade, namoros e amizades, esperança e saudades...

(*) Oscar Garbelotto é advogado, professor universitário e coordenador do Centro de Documentação e Memória do Centro Universitário de São Caetano do Sul - IMES
Colaboração de Morisa Pardi Garbelotto Rodegher



Esta belíssima foto da Estação de São Caetano, de autoria de Waldomiro Chomen, reflete uma época romântica da cidade. Sem poluição – a não ser a provocada pela espessa fumaça escura das caldeiras das locomotivas movidas a carvão (depois, a lenha) e das poucas chaminés das Indústrias Matarazzo –, sem trânsito caótico, sem prédios altos a demonstrar grandeza, mas que impedem vislumbrar o horizonte e a beleza do nascente e poente. A pequena e provinciana cidade movia-se lentamente em direção ao progresso.

Sobre os trilhos da ferrovia britânica, vagões de madeira, muito bem conservados e limpos, serviam exemplarmente a população. A maioria dos vagões de segunda classe possuía bancos de madeira envernizada, enquanto os de primeira classe tinham bancos de palhinha, encostos de cabeça recobertos de toalhas brancas, diariamente substituídas.

Poucas pessoas viajavam de pé por falta de lugares. Apenas no início e final do dia havia um pouco de aglomeração.

Situados no ano de 1950, época

da foto conforme divulgado no texto do calendário histórico da Fundação Pró-Memória de 2004, estávamos nos primeiros anos da autonomia administrativa de São Caetano e os avanços administrativos já se faziam notar sob o comando do primeiro prefeito Ângelo Raphael Pellegrino. O Viaduto dos Autonomistas, importante melhoramento viário para a cidade, seria inaugurado apenas em 28 de Julho de 1954 e, por isso, na época da foto, ainda se justificavam as filas de autos, carroças e bicicletas defronte das porteiras.

Além das notórias benfeitorias proporcionadas pela administração pública, a foto deixa evidente outro importante avanço no transporte ferroviário: a eletrificação. Isto significava a substituição das antigas locomotivas, movidas pelo vapor produzido pela queima da lenha ou do óleo diesel (o carvão inglês tinha sido substituído em 1939)¹, por outras modernas. Era o fim da fuligem que transtornava os passageiros, como faz referência Zélia Gattai, em seu livro *Anarquistas Graças a Deus*.²

A foto testemunha a época desta transição. Atente para as escadas e a passarela de ferro que transpu-

nha os trilhos: as bases já tinham sido erguidas.

A construção simultânea nas quatro bases ocorreu primeiramente em madeira e logo foram substituídas por concreto. Foi um trabalho engenhoso com a finalidade de erguer a passarela de pedestres, permitindo, assim, a passagem dos fios que iriam eletrificar as futuras locomotivas da SPR. Na época da foto, os fios ainda não tinham sido colocados. Acompanhei de perto estes serviços já que usava trens, diariamente, para estudar em São Paulo, na segunda metade da década de 40.

A foto nos proporciona outros detalhes interessantes: o modelo do ônibus, à direita das porteiras, o carro antigo, à esquerda, a presença de carroça com a paciente mula aguardando na fila, os longos trajés das mulheres diante das porteiras e o elegante homem vestido de terno de linho branco e chapéu.

NOTAS -

[1] Sílvio Passianotti - Raízes nº 11, fls.43.

[2] Zélia Gattai – *Anarquistas Graças a Deus* – Ed.Record, 11a. edição, 1986, pg.55.

Uma história com tempero árabe

Linda José Jorge NASI (*)



Depoimentos

Diz o dito popular: quem conta um conto, aumenta um ponto. Mas não preciso aumentar nada, pois esta é a história verdadeira,

minha maior lição de vida.

Os anos passam, amontoam-se, mas não posso me esquecer do que vi.

Tudo tem um início, e o meu aconteceu quando meu pai, José Jorge Sabba, veio para o Brasil, no ano de 1927, não sei com precisão o mês, acompanhado de minha avó Rimi Nornan e de seu irmão Abdala José Jorge Sabba. Saíram de Homs, na Síria, pegaram um navio em Gênova, na Itália, e desembarcaram no Porto de Santos.

Meu tio materno já morava em São Paulo e veio sozinho para o Brasil. Aqui instalado mandou buscar minha saudosa mãe Mariam Abdo Credi. Suponho que em algum almoço árabe realizado pela colônia meus pais se conheceram.

O namoro foi curto. Casaram-se na igreja da Rua Frei Caneca, em São Paulo. Eles nos contavam que houve uma grande festa e um grande cortejo de carros enfeitados, pois na época era comum os convidados acompanharem os noivos até a igreja. Em São Paulo moramos por muito tempo na Rua Morato Coelho.

Em 1930, nasceu meu primeiro irmão, e com ele de fato começou a verdadeira história. Seu



Linda José Jorge Nasi, aos 17 anos.

Arquivo da Família

nome era Issa José Jorge Sabba. Passados 18 meses, em 1932, nasci. Ganhei o nome de Linda José Jorge, e hoje, em poucas linhas, tento passar para o papel a vida daqueles heróis – porque, na verdade, enfrentar um país com língua e costumes completamente diferentes é um feito de verdadeiros heróis. Eles trouxeram o progresso por meio do trabalho e todos, sem excluir ninguém, fizeram parte da evolução que na época assumia proporções muito grandes.

Vocês devem ter percebido que fui registrada como Linda José Jorge, não sei se por parte de meu pai, que não dominava a nossa língua, ou daquele que não entendia o que ele queria dizer. Agora assino o sobrenome Nasi,

pois me casei com Walter Nasi, no dia 28 de Julho de 1951, na Igreja Sagrada Família de São Caetano do Sul.

Mas, retornando ao relato, a cada ano e meio a família crescia, em São Paulo. Além do meu irmão Issa, eu, a Uidad, a Georgina e o Mário. Foi quando meu pai resolveu se mudar para São Caetano. A primeira casa alugada ficava no começo da Rua Alegre. Ali havia um salão onde meu pai instalou sua primeira loja. Nela ele procurou vender de tudo um pouco, desde tecidos, armários, lãs para tricotar - quem não se lembra das marcas Sibéria, Alasca, Gatinho, Musme, Camponesa ? -, além de vender muitos brinquedos.

Em 1938, com um espaço mais longo, nasceu mais uma irmã, Lídia José Jorge Sabba, e, dois anos após, outra irmã, Matilde, infelizmente falecida.

Decorrido mais um tempo, nasceu o caçula Antônio José Jorge Sabba. Éramos ao todo 11 pessoas em casa, e quanto trabalho era necessário para sustentar tantas bocas!

Meu tio Abdala sempre mascateou na rua, e, tempos depois, conheceu uma patrícia, Júlia Sneg, e com ela se casou. Tiveram dois filhos: Jorge e Janelite.

Aos domingos a família se reunia, e os homens, para passar o tempo, jogavam baralho. Nós ficávamos ouvindo rádio. Imagine... futebol. Lembro dos locutores Raul Tabajara, Geraldo José de Almeida (são-paulino roxo). Ele passava tanto entusiasmo na narração, que não houve jeito,

viramos todos são-paulinos. Ouvíamos muito a Rádio Gazeta, e a programação era tão boa que aprendemos a admirar e ouvir música clássica. Quem fazia a programação era a Vera Janacopulis.

A Livraria Saraiva vendia livros bem acessíveis e comprávamos muitos livros. Tinha até o Café Jardim, que como prêmio sorteava belos livros.

Mas, voltando a falar de minha família, nossa casa tornou-se pequena e meu pai teve de alugar, de uma patrícia e comadre, uma casa com salão na frente, que hoje pertence à General Motors e serve como estacionamento dos funcionários.

A loja era bem maior, a casa mais confortável, e meu pai ia tocando o negócio, enquanto crescíamos, estudávamos e íamos ajudando na loja.

Como me lembro das minhas amigas, que conosco brincavam de amarelinha, passar anel, pular corda, esconde-esconde e barra manteiga!

Atrás da nossa casa ficava um vão entre o terreno da Eletropaulo e a GM. Sabe o que íamos fazer lá? Comer amoras silvestres!

Existe algo mais lindo para se recordar?

Hoje, com televisão e tantos divertimentos, juro que se pudesse escolher viveria tudo de novo. Televisão não faz falta. Lendo bons autores, deixávamos a imaginação trabalhar e viajávamos na leitura. A coisa mais fácil era fazer uma redação.

Quando já éramos mocinhas, meu pai resolveu abrir uma filial na Rua Alegre, que pertencia à D. Maria e ao Sr. Miguel Marcucci.

Uma época que me marcou muito foi a da Segunda Guerra Mundial. Começou a faltar certos tipos de alimento, como a fa-



Mariam Credi Sabba – 1928 (mãe da autora do texto)

Acervo da Família

rinha de trigo, o açúcar e a carne. Cada família tinha seu cartão de racionamento. Comprava-se macarrão cuja massa, deixada de



Casamento de José Jorge Sabba e Mariam Credi Sabba – 1929

Acervo da Família

molho na água fria até desmanchar, era aproveitada para a preparação de pães.

Para mim o mais difícil era acordar cedo e ficar na fila para pegar a carne. Como filha mais velha, essa era minha obrigação. Muitas vezes eu passava mal, pois o esgoto corria solto e era um cheiro insuportável. O dono do açougue era um senhor alemão, de nome Felipe Feles.

A vida naquela época era meio atribulada, mas, graças a Deus, nunca nos faltou nada. Com a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro guardava as firmas estrangeiras, e soldados ficavam de plantão na General Motors, dia e noite.

Já ia me esquecendo de contar: em casa falávamos somente o árabe, e, às vezes, misturavam-se palavras árabes e brasileiras.

Fizemos amizades com os soldados que lá ficavam de prontidão, e me lembro de um gesto do meu pai que me marcou muito. Era Natal. Minha mãe e minha avó preparavam o almoço, que era bem farto, com quitutes árabes, frutas como maçã, pêra e uva, e os famosos doces típicos. Tudo estava preparado para o almoço e, sem que esperássemos, nossos amigos soldados foram se chegando com meu pai e se assentando para o almoço. A explicação era simples. Como deixar de repartir o que tínhamos com quem não estava preparado para o almoço do Natal?

Hoje é simples. Fazem filas quilométricas, esperam horas na frente do restaurante escolhido, e a hora do almoço vira hora do jantar.

Mas foi o Natal mais simples e cristão que já vivi, e nele aprendi a ser solidária e a dividir para somar em felicidade.

O tempo foi passando e as



Acervo da Família

Filhos de José Jorge Sabba e o tio materno Jorge Abdo Crede. Da esquerda para a direita, atrás: Vidad, Mário, Georgina, Issa e Linda. Embaixo: Matilde, José Sabba, Jorge Abdo Crede, Lídia e Antônio Sabba

sombras da guerra foram se dissipando. Em 1943, terminei o curso primário no antigo Grupo Escolar Dom Benedito Alves de Souza, que funcionava na Avenida Goiás. As professoras vinham

de São Paulo e, quando faltavam, eram substituídas - e eu era uma das substitutas. Faltava alguém e a servente Rosinha ia me avisar: lá ia eu substituir a professora que faltava.



Acervo da Família

As netas Ana Lúcia Nasi Laranjeira, Lígia Nasi Laranjeira e Beatriz Nasi Laranjeira

Fomos crescendo e, aos 17 anos, conheci aquele que viria a ser meu marido. Ele trabalhou por 31 anos na GM e morava em São Paulo. Eu, com 19 anos, e ele, com 33, nos casamos e voltei a morar em São Paulo.

Como a distância era longa voltamos a morar em São Caetano. Vibrei com a volta. Morar em São Caetano era tudo o que eu queria.

Meus três filhos já iam à escola, e o primário e o clássico fizeram nesta cidade. Quando vou a algum passeio ou viagem e avisto São Caetano, falo alto para quem quiser ouvir: *Meu querido Sanca, estou de volta!*

Hoje, aos 72 anos, moramos juntas eu e a minha cachorriinha de estimação. Ela é tão amorosa que fiz até um poema para ela, que saiu no jornal com foto e tudo. E foi mais do que merecido.

Com filhos casados e netos formados, aprendi que cada pessoa vem e volta sozinha deste mundo. Procuo não incomodar ninguém. Preencho meu tempo lendo, tricotando, cuidando da casa, escrevendo, e nem percebo que as horas passam.

Sou o que escrevi: mulher forte, que não sente solidão porque sempre tem ouvidos para ouvir e palavras para consolar, sorrir e entender que a vida nada mais é do que um aprendizado rumo à evolução.

Nada é fácil, mas não somente para mim. Aprendi a olhar para o futuro sem medo. Agradecer a Deus por tudo e nada pedir. Somente agradecer!

(*) Linda José Jorge Nasi é escritora e memorialista de São Caetano do Sul

Celestina Conceição Montello, sancaetanense de corpo e alma

Yolanda ASCENCIO (*)

Dona Celestina, nossa entrevistada, não conheceu seus avós paternos: Antônio Ferreira e Maria de Jesus, que eram portugueses e nunca vieram ao Brasil. Seus avós maternos, Pedro Mazzaferro (napolitano) e Maria Benedita (romana), eram imigrantes italianos.

Chegando ao Brasil, os avós maternos de Dona Celestina se instalaram em Ribeirão Bonito, Estado de São Paulo, mudando-se, posteriormente, para São Bernardo do Campo. Vieram para São Caetano do Sul somente em 1920, quando o Sr. Pedro Mazzaferro construiu a Fonte de Água Monte Alegre.

A Fonte de Água Monte Alegre, idealizada e administrada pelo Sr. Pedro Mazzaferro, situava-se na Rua Paraná (atual Rua Rio de Janeiro), esquina com a atual Avenida Dr. Augusto de Toledo. A água era vendida em garraões brancos com rótulos azuis e transportada por caminhões para a capital de São Paulo. Por causa da água, o Bairro Monte Alegre ficou muito conhecido na época. Para os moradores de São Caetano, o Sr. Pedro distribuía a água, gratuitamente.

Em 1927, Pedro Mazzaferro alugou a fonte e mudou-se para Ribeirão Preto, com toda a família, onde foi tentar um novo negócio. Montou um armazém de secos e molhados e, com a ajuda da esposa e da nora, fornecia refeições. Dona Celestina, então com cinco anos de idade, se recorda de que a Antártica e a Brahma cediam as mesas e as cadeiras para servir as refeições.

Em 1929, o Sr. Pedro Mazzaferro decidiu voltar para São Caetano e assumiu novamente a adminis-

Celestina, com dois anos de idade, em frente à Matriz Velha no Bairro da Fundação - 1924



Família Montello



Família Montello

Segundo ano do Grupo Escolar São Caetano. De cima para baixo, segunda fileira, a quarta garota é Celestina (junto com a professora Mariazinha) - 1932

Pedro Massafferro, avô de Celestina e dono da Fonte de Água Monte Alegre - 1934



Família Montello



Família Montello

Antônio Ferreira, pai de Celestina - 1934

tração da Fonte de Água Monte Alegre. Em 1940, porém, vendeu-a para a São Paulo Railway, que canalizou a água até a estação. *Na Estação de São Caetano, lembra Dona Celestina, quem comprava*

um sorvete ganhava um copo de água mineral.

Com o dinheiro da venda da fonte, o Sr. Pedro Mazzaferro comprou um terreno, onde montou uma olaria. Mais tarde vendeu a olaria para

a família Souza Voto, que transformou o local em uma grande chácara. Mais ou menos em 1953, essa propriedade foi desapropriada para dar lugar à Cidade das Crianças.

Com saudade, Dona Celestina lembra-se de que a fonte ainda existe, como ornamento de jardim, entre dois edifícios, na esquina da Rua Rio de Janeiro com a Avenida Dr. Augusto de Toledo.

PAIS DE CELESTINA - Antônio Ferreira, nascido em Portugal, no dia sete de Fevereiro de 1894, veio para o Brasil, como imigrante, em 1912. Inicialmente se fixou no Rio de Janeiro, onde permaneceu por sete anos.

Com 25 anos de idade, veio para São Paulo, onde trabalhou colocando dormentes na estrada de ferro.

Buscando novas opções de trabalho, veio para São Caetano, onde conheceu Maria Mazzaferro, nascida em Ribeirão Bonito, em quatro de Julho de 1904, com quem se casou, em 1921. Maria era filha única e, segundo Dona Celestina, sabia ler e escrever muito bem. Quando se casou, tinha apenas 17 anos, sendo o marido, Sr. Antônio, dez anos mais velho. Depois de casados, o Sr. Antônio passou a trabalhar na Fonte de Água Monte Alegre, como motorista, no transporte de água para São Paulo. Seu ajudante era Antônio Ljudice, que começou a trabalhar na fonte com 15 anos de idade.

O casal, Antônio e Maria, teve nove filhos, dos quais cinco sobreviveram: Celestina (nossa entrevistada), Mafalda, Iolanda (já falecida), Maximínio (também falecido) e Olga.

Celestina, filha mais velha de Antônio Ferreira e Maria Mazzaferro Ferreira, nasceu em São Caetano, no dia 26 de Setembro de 1922. Cursou apenas dois anos no Segundo Grupo Escolar do Bairro Monte Alegre.

Com 12 anos de idade, começou

Maria Massferro Ferreira -
três de Junho de 1965



Família Montello



Família Montello

Antônio Rodrigues Montello,
aos 30 anos

Guiomar Rodrigues
Montello, aos 35 anos



Família Montello



Família Montello

Miss Simpatia da Terceira
Idade, no clube Nicolau
Braido, ano de 1996

Festa de aniversário de 80 anos de Celestina, em 26 de Setembro de 2002. Da esquerda para a direita: Celestina, Cristiane, Henrique, Cláudio, Liliam, Isolina e Antônio



Família Montello



Família Montello

Celestina Montello, Miss Simpatia da 3ª Idade no primeiro concurso do gênero (realizado no Nicolau Braido), acompanhada de Nelson Cappelli, seu segundo marido

Alfeu Rodrigues Montello, primeiro marido de Celestina Montello - 1950



Família Montello



Família Montello

Lembrança da Primeira Comunhão de Celestina Montello, realizada no dia 22 de Março de 1931, na Matriz Velha

a trabalhar: Indústrias Reunidas Matarazzo, (tecelagem), Aliberti (botões) e Sudã (cigarros). Trabalhou até se casar, o que aconteceu quando tinha 18 anos.

Seu primeiro marido foi Alfeu

Rodrigues Montello, natural de Batatais, interior de São Paulo, nascido em 11 de Agosto de 1914. Tendo se dirigido a São Caetano quando tinha 18 anos de idade, instalou-se na Rua Prudente de Moraes, e

por isso era vizinho da jovem Celestina. Alfeu trabalhava em uma fábrica de algodão.

Dona Celestina nos conta que ficou noiva no dia seis de Janeiro de 1940 e se casou em oito de Fevereiro de 1941.

O casal Montello teve dois filhos: Guiomar, nascida em 29 de Novembro de 1941 (casada, sem filhos, morando há 38 anos nos Estados Unidos), e Antônio, nascido em 11 de Abril de 1947 (casado, tem dois filhos: Liliam e Ronaldo - falecido).

Dona Celestina nos conta, ainda, que seu marido, Alfeu, trabalhou por dez anos na General Motors do Brasil, lá permanecendo até se aposentar por invalidez. Vitimado por um derrame, veio a falecer em 29 de Novembro de 1986.

NOVA VIDA - Em 1990, Dona Celestina casou-se, pela segunda vez, com o Sr. Nelson Cappelli. Segundo ela, conheciam-se desde 1953, quando eram colegas de escola. Separaram-se, constituíram família e, enviuvando, se reencontraram, tendo a oportunidade de desfrutar juntos uma vida alegre e feliz, durante oito anos. Em 1998, vítima de câncer, o Sr. Nelson veio a falecer.

Hoje, sempre muito alegre e cheia de vontade de viver, Dona Celestina Conceição Montello recorda os maiores prazeres e melhores momentos de sua vida, entre os quais o gosto pela música e pela dança, além do título de Miss Simpatia da Terceira Idade conquistado em 1996. Conclui a entrevista afirmando, comovida: *Com dois bisnetos maravilhosos, Cristiane Danielle e Henrique Daniel, com muitos amigos, adoro a vida, amo todas as pessoas, como amo a mim mesma. E acima de tudo, sou sancaetanense de corpo e alma.*

(*) Yolanda Ascencio é professora, pedagoga, advogada, poetisa e escritora

Uma voz ecoa de São Caetano para o Brasil

O locutor e radialista Nelson Robles conta sua trajetória nos microfones, sua passagem pelo Exército brasileiro e sua atual ocupação, como mestre de cerimônia da Prefeitura de São Caetano do Sul

O primeiro microfone foi o do serviço de alto-falante A Voz da Vila Gerti, com apenas 14 anos. O menino de voz entonada que chamava a atenção de todos fez o curso de locução na Academia Nacional de Rádio e Televisão, localizada na Rua 7 de Abril, na capital paulista, e se especializou em locução comercial e animação de estúdio – um de seus professores era o grande narrador esportivo Flávio Araújo.

Nelson Robles foi, então, funcionário nos escritórios contábeis do saudoso vereador Oscar Leite, de São Caetano. Numa certa manhã, em que cumpria sua rotina de ir ao trabalho, resolveu parar na sede da Rádio Cacique, na Rua Santa Catarina, 97. Falou com o diretor artístico da emissora, Nelson Calma, e solicitou um teste de locução. A prova de



fogo foi transmitida ao vivo. Robles lembra que o primeiro comercial era das Lojas Ducal, no

intervalo do programa Almoçando com a Música.

Certa vez, o locutor oficial do programa, J. Carvalho, não compareceu para fazer a locução. Nelson Robles, então, assumiu o microfone: começava ali o seu longo caminho de estrada radiofônica até os dias de hoje.

Pediu demissão dos escritórios de Oscar Leite para ingressar na famosa Rádio Cacique. A euforia era muito grande e aos poucos foi ganhando outros espaços na emissora. A programadora musical e produtora, Norma Iakayama, entregou a Robles o programa sensação Discoteca para Brotos. Aliás, a audiência era tão grande, que uma vez por semana o programa era realizado direto no auditório, com pre-





Cerimonial de inauguração da EMEI Pedro José Lorenzini, em 23 de Julho de 1997. Da esquerda para a direita: Avelina R. Tortorello (primeira-dama), Luiz Olinto Tortorello (prefeito), Nelson Robles, Gêrsio Sartori (vereador) e João Tessarini (dir.ouvidoria)

sença dos fãs e artistas convidados. Na seqüência da programação vinha outro líder de audiência e de correspondência, Sucesso a 3x2, também apresentado por Robles. Mas o destino fez com que o locutor interrompesse suas atividades na área de comunicação para cumprir sua obrigação militar.

Nelson Robles serviu o Exército brasileiro, em Brasília, na unidade BGP (Batalhão da Guarda Presidencial) – o ano era 1961 e o presidente do Brasil era João Goulart. Um ano depois voltou para São Paulo, e a programação da Rádio Cacique havia sido alterada e a emissora passou a ser comandada pela Igreja Católica Brasileira, na época, pertencente ao bispo Dom Luigi Másculo.

A Rádio perdia sua popularidade, deixando na lembrança de milhares de ouvintes um time de primeira: além de Nelson Robles, o saudoso Carlos Neves (dono de uma voz invejável e que faleceu tragicamente em um acidente automobilístico na cidade de Sorocaba), Zila Gonzaga, Dárcio Ar-

ruda (que também começou na Rádio Cacique até chegar à Voz da América, nos Estados Unidos, e atualmente atua na TV + ABC), Leão Santos (hoje na Rádio Capital), José Carlos Marques (hoje contador e advogado em São Caetano, com passagens pela Globo e América), entre outros, todos dirigidos pelo inesquecível Mário Ferreira. A equipe esportiva era formada por João Anhê, Salvador Silva, João da Costa Faria, João Bresciani, Flávio Prado, Nelson Perdigão, Oswaldo Lavrado, Luiz Roberto Dobriev e Alberto do Carmo Araújo, o Giba.

Depois da Rádio Cacique, o talento de Nelson Robles, com sua voz inconfundível, o levou a atuar em microfones de famosas emissoras como a Rádio Globo, em que transmitia as informações das estradas. *Numa de minhas investidas, um monomotor caiu na serra de Santos e impediu o acesso, por terra, à Baixada Santista. Para cobrir o inusitado fato e chegar ao topo do sinistro, tive de ser içado pelos bombeiros, com mala e gravador nas costas,*

batendo o corpo no barranco, relata de forma alegre.

Robles também trabalhou na Rádio América (programa Brasa, Balanço e Bossa), Rádio Piratinin-ga (Rotativa no Ar), TV Bandeirantes (locutor de cabine) e na Rádio Olinda, em Pernambuco. No Norte e Nordeste foi líder de audiência e recebeu o Troféu Manoel da Nóbrega. *Recebi a congratulação na presença do governador Moura Cavalcanti. No agradecimento, disse que estava levando de volta para São Paulo, não apenas as lembranças e o troféu, mas também outras duas conquistas: meus dois filhos que em Pernambuco nasceram, Clayton e Wellyngton. A frase emocionou o governador.*

Recentemente, na Rádio Lasser, apresentou, ao lado do jornalista Pedroso de Moraes (atual diretor-presidente da Tribuna do ABCD), o programa Destaque. Ainda com Pedroso, participou de Fogo Cruzado, pela Rádio ABC, com entrevistas reunindo os grandes nomes da política, comandado por Anael Lopes.

Como mestre de cerimônia da Prefeitura de São Caetano do Sul, desde 1997, tem orgulho de desenvolver atividades ao lado do prefeito Luiz Olinto Tortorello. *É um privilégio ter um mestre da comunicação conosco. O Doutor Luiz é uma das expressões máximas da política nacional. Seus ensinamentos são preciosos diante da cultura e talento do ilustre homem público.*

Nelson Robles nasceu em Caetanuva, mas seu coração é sancaetanense. Acredita que o prefeito eleito, Dr. José Auricchio Júnior, irá manter no caminho certo a administração tão brilhante, para orgulho de todos os munícipes. (Depoimento prestado à Fundação Pró-Memória e texto elaborado com o auxílio do jornalista José Roberto da Silva.)

José Escada Rodrigues, o Zé Doutor

José Escada Rodrigues nasceu no ano de 1922, na Rua Bresser, nº 40, Bairro do Brás, em São Paulo, capital.

A família mudou-se para São Caetano do Sul em 31 de Maio de 1935, porém, José Escada já conhecia e frequentava a cidade, porque seus avós possuíam um terreno na Rua Arlindo Marchetti com mais de 1000 m².

Quando fez 18 anos, seu pai lhe comprou uma barbearia na Rua Santo Antônio (hoje Avenida Senador Roberto Simonsen), do senhor Agostino, com quem aprendeu o ofício.

Mas José Escada gostava mesmo era de dançar e jogar futebol, e a barbearia causava-lhe um certo transtorno, porque deveria trabalhar aos sábados e domingos. Preferiu mudar de ramo e foi trabalhar na Indústria Metalúrgica São José, instalada na Vila Prosperidade, que naquele tempo ainda pertencia a Santo André.

Pôde assim jogar futebol no Juvenil Vitória, clube que possuía esse nome em homenagem à filha de um proprietário do armazém de secos e molhados instalado na Rua Maranhão.

Vitória era noiva de Ricieri Lorenzini, dono do Cinema Central, e foi para o casal que os juvenis pediram as camisas do clube.

Seu apelido nessa época era *Zé Barbeirinho*. Contudo, depois de mandar fazer um terno branco e usá-lo, junto com uma gravata borboleta, num dos bailes do clube que frequentava, seu apelido passou a ser *Zé Doutor*.

Aos 21 anos casou-se com Santina Barreto, jovem de 18 anos que nasce-

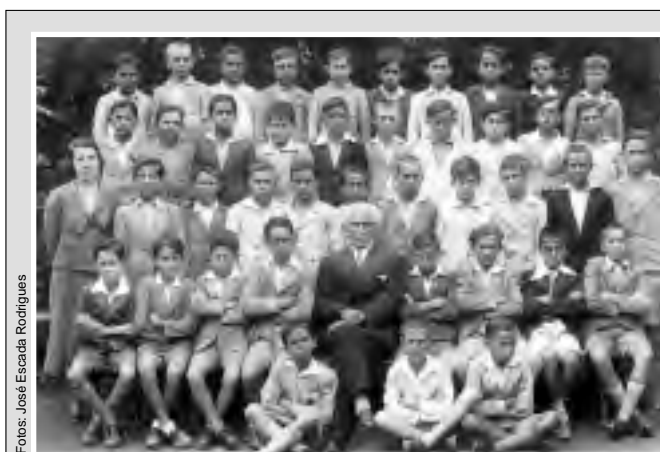
ra em Jundiá mas viera criança morar em São Caetano do Sul. O casal morava na Rua Santo Antônio, e era vizinho da família Relá.

Desse casamento, que perdura até hoje, nasceram seis filhos: Cid (59 anos), Jair (57 anos), Osmar (54 anos), Ivan (50 anos), Amauri (falecido) e Edmir (37 anos), que já lhe deram 12 netos e três bisnetos. (*Depoimento feito em dois de Agosto de 2004, na sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.*)



José Escada, aos 18 anos, trabalhando na barbearia. Sentado, Gervásio. Em pé, Antônio, cujo apelido era Mascate

José Escada Rodrigues



Fotos: José Escada Rodrigues

Turma Masculina da Escola 2º Grupo Escolar de São Caetano, tutelada pela professora Amélia e pelo diretor Machado, em 1937. José Escada é o terceiro da segunda fila, de cima para baixo



Turma Feminina do Segundo Grupo Escolar de São Caetano, também supervisionada pelo diretor Machado, em 1937. Santina Escada é a quarta da primeira fila, de baixo para cima



Santina Escada (grávida de Ivan), com os filhos Cid, Jair e Osmar, na residência da Rua Santo Antônio, 300 (depois Avenida Senador Roberto Simonsen)



Fotos: José Escada Rodrigues

Casal José e Santina Escada, em 21 de Setembro de 1944, no Clube Guarani, em São Caetano do Sul



Aniversário de 18 anos da neta Erika, em 2001. Da esquerda para a direita: Vânia, Edmir, Erika, Santina e José Escada Rodrigues



Casal em 2004 - José Escada e esposa



Missa de 60 anos de casamento. Da esquerda para a direita: Márcio (neto), Júnior (neto), Mariana (namorada do neto), Priscila (neta), Jair (filho), Dona Santina, Ivan (filho), Angelita (esposa do filho), Osmar (filho) e Adriana (neta)



Casamento de José e Santina Escada, em 20 de Maio de 1944

Obra – Prima ou Obra – Primo?!

Eu não pedi para nascer. Também não vou pedir para morrer
(Frase do biografado Primo Mariani: 104 anos de lucidez e bom humor,
além de mais de 70 anos em São Caetano)

João Tarcísio MARIANI (*)



Quando o nosso amigo Oscar Garbelotto nos convidou para e incentivou a escrever a biografia de Primo Mariani, hesitamos um pouco pois, normalmente, biografia tende para algo que, se não é chato, também só interessa aos que têm a ver com a figura nela retratada. Mas o Dr. Garbelotto, como grande amigo da família Mariani, nos ajudou muito ao sugerir que priorizássemos antes a história e as “estórias” do que propriamente a biografia do Sr. Primo. E foi essa orientação que nos permitiu contar a vida de uma pessoa comum, cuja única riqueza é uma combinação de simplicidade, vontade de viver e cabeça capaz de equilibrar todas as razões e todas as emoções.

Eu nasci no dia cinco de Junho de 1900, mas só fui registrado no dia 15 de Junho, por isso até hoje fazem confusão com a minha ficha lá no céu: não me chamam e eu continuo aqui.

Quando caio, felizmente sempre aparece alguém para me ajudar e perguntar: “O senhor está bem?”. Agradeço e digo que estava melhor antes de cair!

CRISE LÁ, FALTA MÃO-DE-OBRA CÁ - Esta história começa em 1889, ano da Proclamação da República do Brasil, quando o Sr. Alberto Mariani saiu de Castelfranco Dell’ Emilia, povoado entre as cidades de Bolonha e Modena, na Itália, e encontrou no navio, a caminho



do Brasil, aquela que viria a ser sua esposa, Adelina Maccari, que saía de Guastalla, povoado próximo e ao norte de Modena.

Eles, quando aqui chegaram, foram direto a Ribeirão Preto para trabalhar, como imigrantes, nas fazendas de café da região. Foram acomodados numa fazenda de nome Pau-Alto, pertencente a um vilarejo de Ribeirão Preto, que hoje corresponderia à região do Bairro de Bonfim.

O Sr. Alberto, seus irmãos e seu pai, Giuseppe, que juntamente com ele tinham vindo para o Brasil, possuíam conhecimento de construção civil e, por isso, em vez de trabalhar na lavoura de café passaram a construir casas nas fazendas de Dona Iria Junqueira, viúva, proprietária da maioria das terras de Ribeirão Preto destinadas à plantação de café. Como pedreiros e carpinteiros ergueram casas posteriormente utilizadas pelos imigrantes que continuavam a chegar da Itália.

Em pleno auge da cultura cafeeira e com a abolição da escravidão, ocorrida um ano antes, em 1888, ha-

via enorme demanda por mão-de-obra nas fazendas da região. As casas existentes nas fazendas eram as antigas senzalas, impróprias para os imigrantes. O Sr. Primo recorda o que seu pai contava sobre essa época, isto é, que nas senzalas havia uma grande mesa de madeira maciça e grossa, com cavidades que faziam o papel de pratos, para não dizer cochós. Nessas cavidades eram colocados os alimentos, que os escravos comiam com as mãos.

Assim, para trazer mais imigrantes, Dona Iria patrocinava a intensa construção de casas. Isso de certo modo dava aos Mariani e aos Maccari - que a eles haviam se juntado nessa tarefa - a oportunidade de ganhar dinheiro; sem dúvida mais do que poderiam ter auferido com a lavoura. Neste ponto, além da união das duas famílias na construção de casas, também aconteceu, em 1892, a união, agora matrimonial, de Alberto Mariani e Adelina Maccari.

FIM DO SÉCULO XIX - Em 1900, no dia cinco de Junho, ainda em Ri-

beirão Preto, nasce o primeiro filho homem do casal: Primo Mariani. Com 40 dias de vida, portanto cumprida a quarentena, o bebê e toda a sua família saíram em carroças rumo a Pitangueiras, pequena cidade a cerca de 60 quilômetros de Ribeirão Preto (na direção de Bebedouro). Por que uma viagem dessas com uma criança recém-nascida? Era a realização de um sonho para a família Mariani! O dinheiro que haviam ganhado com a construção de casas fora suficiente para lhes permitir comprar seu próprio pedacinho de terra.

E, como presunção e água benta cada um usa quanto quer, eles foram logo batizando o lote - de mais ou menos dois alqueires (nas proporções atuais uma boa chácara ou um pequeno sítio) - de Fazenda Brejão. O nome *Brejão* vinha do fato de a terra estar às margens do Rio Brejão, afluente do Rio Mogi Guaçu. Atualmente, o Rio Mogi Guaçu continua sendo um rio de porte razoável, mas o Rio Brejão não existe mais. Porém a Fazenda Brejão ainda está lá e, como naquele tempo, continua em frente da fazenda do coronel Tomé de Souza Reis, que o Sr. Primo conheceu e de quem se lembra muito bem, pois foi o fazendeiro que construiu a primeira escola primária da localidade. Nela o menino Primo cursou apenas o primeiro ano, com sete anos de idade e, no ano seguinte,

mais um ano em outra escola, muito longe da fazenda e de Pitangueiras. E com isso ele aprendeu a ler e escrever, apesar de ter acompanhado aulas somente por dois anos e nada mais!

E por quê? Esperem só um pouquinho e já voltaremos ao assunto. Não se preocupem, nós não vamos chamar os comerciais!

RECORDAR É VIVER ! - As lembranças que o Sr. Primo guarda dessa fase de sua vida são fantásticas, pois ele se recorda de nomes, locais, datas, fatos e detalhes que nem mesmo um século inteiro foi capaz de apagar; ao contrário, parece que o tempo tornou ainda mais nítidas essas recordações. Na verdade, tudo o que o Sr. Primo conta de Pitangueiras e da Fazenda Brejão está situado nos seus primeiros oito anos de vida, uma vez que em 1908 os Mariani, com um pouco dos recursos economizados e outro pouco do valor da venda da fazenda, saíram de Pitangueiras de trem rumo a São Paulo, cidade grande e de futuro promissor.

Mas, antes da vida nova em São Paulo, gostaríamos de falar um pouco mais sobre esses anos da infância do Sr. Primo, pois as imagens mais nítidas ainda são aquelas da Fazenda Brejão e ilustram as memórias que ele fixou com perfeição. Lá o avô Giuseppe construiu um forno e tinha o hábito de fazer pão diariamente. No

começo aquilo era novidade no local e algumas crianças, filhos de empregados das fazendas vizinhas, vieram curiosas ver o Sr. Giuseppe tirar os pães assados do forno. Ele, apesar de não falar nada e entender muito pouco o português, gentilmente deu aos *pretinhos* (que era como os fazendeiros chamavam essas crianças, descendentes dos escravos) alguns pãezinhos. Os *pretinhos* felizes agradeceram dizendo *obrigado*. E o Sr. Giuseppe, visivelmente aborrecido, perguntou ao filho Alberto, em italiano, por que, se havia dado os pães de boa vontade e de graça, as crianças disseram que ele era *obrigado* a dá-los?

Outra interessante recordação é a do abastecimento de água encanada, (uma novidade para Pitangueiras na época), viabilizada mediante a abertura de poços artesianos - iniciativa do Sr. Secondo Foresti, que se tornou o primeiro prefeito daquela cidade. O Sr. Primo lembra que o Sr. Secondo, ao inspecionar as obras desses poços, caiu e quebrou a perna, fato que ficou registrado na memória e que contribuiu para o adiamento da festa de inauguração do sistema de abastecimento!

Mais uma lembrança, que escolhemos entre muitas dos tempos de criança, tem tudo a ver com a religiosidade típica da maioria dos imigrantes italianos e com a fé inabalável do Sr. Primo. O avô dele, o Sr. Giuseppe, (que citamos logo no início, pois veio junto com a família ao Brasil), construiu uma capela na Fazenda Brejão. Ali, todos os domingos, se reuniam as famílias da região para celebrar o culto da palavra divina. Além da leitura da Bíblia e da entoação de hinos, atividades costumeiras, o líder espiritual, exatamente o Sr. Giuseppe Mariani, pronunciava uma homilia, fazendo as vezes do padre, já que a igreja mais próxima era a de Pitangueiras, a cerca de 20 quilômetros de distância. Nesses encontros dominicais, após o culto, o velho Giuseppe oferecia uma *pinguinha* para os fa-



João Tarésio Mariani

Casal Primo e Maria Mariani com o primeiro neto, Pedro Júnior

zendeiros amigos, e o bom humor do Sr. Primo registrou que a fé de alguns deles estava mais para a boa cachaça do que para o culto.

Mais um fato pitoresco foi a disputa ou discussão sobre a posse das terras nessa região da Fazenda Brejão. Os limites entre as fazendas não eram bem demarcados, principalmente quando a divisa passava por mata virgem, riachos etc. Assim sendo, os vizinhos, proprietários da fazenda que por um dos lados fazia divisa com a Fazenda Brejão, alegavam que os Mariani haviam desrespeitado o alinhamento da divisa e avançado em suas terras. Esses vizinhos queriam que alguém neutro e competente funcionasse como árbitro para avaliar a disputa. Os Mariani concordaram com essa hipótese e, no calor da discussão (coisa pouco comum entre italianos!), decidiram as duas famílias contratar um engenheiro que, tecnicamente, fizesse a verificação do alinhamento.

Ora, engenheiro, naquele tempo, que tivesse equipamento adequado, somente existia na cidade grande. Ademais, constatou-se que a contratação de um profissional desses exigiria muito dinheiro, ou, usando expressão da época, custaria *os olhos da cara*. Nenhuma das duas famílias concordou com tamanha despesa. Quando parecia que a pendência iria ficar pendente, eis que surge um caipira da roça, um famoso *joão-ninguém*, que propôs a idéia de se colocar uma pessoa com uma tocha acesa, ao entardecer, no início da divisa entre as fazendas, e outra pessoa, também com uma tocha na mão, no final da divisa. A sugestão era fazer com que o alinhamento entre as tochas servisse como marco do limite entre as duas fazendas. Em seguida, de acordo com o guru caipira, uma terceira pessoa, (com uma terceira tocha), postada perto da metade da distância entre as duas primeiras, seria o fiel da balança ou o *tira-teima*.

Um tanto incrédulos mas, ao mes-



Casamento de Yolanda Zurzollo e Luiz Doro, amigos de Primo e Maria Mariani (com as meninas Antonieta e Maria Dal'Mas). Ano de 1945

mo tempo, na expectativa de uma possível solução favorável, marcada a data, lá estavam os patriarcas das duas famílias, os curiosos e, logicamente, o matuto consultor. Tochas acesas, destacadas pelo anoitecer, nenhum vento para atrapalhar. Foram posicionadas as duas tochas, cada qual numa ponta do terreno, e em relação a tal posicionamento não havia dúvidas, já que de fato as ditas tochas se fixavam nas extremidades reconhecidas, por ambas as partes, como corretas. Finalmente, entra em cena a terceira tocha, intencionalmente colocada na posição intermediária mais contestada pelos vizinhos dos Mariani. Por um bom tempo todos contemplaram as três tochas apontando claramente um perfeito alinhamento ao longo da divisa até então contestada.

A pendência só não acabou em pizza porque isso ainda não era moda e, na época, não existiam CPIs. Mas acabou em pão feito em casa e pinga legítima do alambique em homenagem ao caipira que tinha vocação para engenheiro - e olha que não era para engenheiro de cana-de-açúcar não!.

SÉCULO NOVO – VIDA NOVA - Apesar da enorme e rica lembrança

desses tempos na fazenda, vamos prosseguir retomando a chegada do Sr. Primo e família a São Paulo, em 1908, trocando a vida do campo pela vida na metrópole nascente.

Ele conta que foram morar em um sobrado na esquina das ruas Martim Burchard e Coronel Mursa, muito próximo hoje da Estação Brás do Metrô. Esse sobrado serviu de residência e também permitiu a instalação de uma torrefação de café, numa clara ligação entre a vida rural deixada na fazenda e a busca, na cidade grande, de atividade atrelada à fase áurea do ciclo do café no Brasil.

Enquanto o Sr. Alberto Mariani cuidava da torrefação, o filho Primo começava a trabalhar, com seus oito para nove anos de idade, como aprendiz em uma fábrica de chinelos de corda.

Agora podemos introduzir a explicação que havia ficado no ar quando se disse que o Sr. Primo só havia estudado dois anos, um lá em Pitangueiras e outro muito longe de lá: nos referíamos a São Paulo. Ele cursou o segundo ano numa escola do Brás, localizada na Rua Alegria, mas, em seguida, a vida dedicada ao trabalho infelizmente trancou a seqüência da vida escolar. Tudo o que o Sr. Primo viria a aprender, daí para frente, seria fruto de sua excepcional capacidade como autodidata. A propósito, essa qualidade iria marcar a sua vida profissional tanto no desenvolvimento intelectual quanto na diversificação de suas habilidades manuais, ao longo de seus 65 anos de trabalhos prestados com registro, fora, como diz ele, os trabalhos *emprestados*, ou seja, sem remuneração.

MADEIRA - O aprendiz na fábrica de chinelos passou a ajudante numa fábrica de biscoitos, onde começou fabricando argolas de arame para as tampas das latas de biscoito e terminou por aprender a trabalhar com madeira. Especializou-se, apenas com a prática, cada vez mais como carpin-

teiro e, ao sair da fábrica de biscoitos, aos 21 anos, foi trabalhar em uma oficina onde passou a construir portas, janelas, escadas e telhados de residências. Aí então já se aproximava da marcenaria, porque executava trabalhos mais artísticos. E a madeira não saiu mais da vida do Sr. Primo, dele sempre exigindo enorme esforço e predisposição para o autodidatismo. Alguns anos mais tarde o Sr. Primo ingressou em uma usina produtora de peças de aço. Começou como aprendiz de modelador, passou por oficial modelador (quem fabrica os modelos de madeira para a fundição de aço) e chegou a encarregado da Seção de Modelação, função na qual se aposentou. Para quem entende um pouco de modelos e sabe que é preciso construir em madeira uma peça idêntica à que se quer em aço, é mais fácil compreender as dificuldades que alguém, sem o estudo de desenho técnico, tem de enfrentar para conseguir fazer os modelos. Na verdade, o Sr. Primo estudava por conta própria, após as jornadas de trabalho, debruçado noites quase inteiras sobre desenhos, que no início lhe pareciam grego, mas que ele foi decifrando e dominando. Esse esforço só terminou quando ele descobriu, sozinho, a maneira de efetuar todos os cálculos dimensionais dos modelos e, em consequência, entender os desenhos, interpretando os projetos das peças a ser fundidas.

A usina de aço a que nos referimos era a Fábrica de Aço Paulista (FAÇO), localizada, na época, na Avenida Presidente Wilson, Bairro da Mooca, onde o Sr. Primo trabalhou por 42 anos.

Pelas mãos do Sr. Primo, na FAÇO, passaram muitos profissionais que aprenderam com ele a trabalhar.

Entre esses aprendizes, o Sr. Primo destaca os dois filhos de um senhor que instalou uma pequena fábrica de baldes, feitos de folha de flandres (os conhecidos baldes de zinco), ao lado da FAÇO. Esse senhor pediu ao Sr. Primo que ensinasse os seus filhos a

trabalhar com modelos de madeira.

O velho fabricante de baldes era o Sr. Mangels, e os dois filhos, Max e Pedro Mangels, viriam a ser os donos de uma das maiores empresas metalúrgicas do Brasil: a Mangels.

TESTEMUNHA DA HISTÓRIA - O Sr. Primo se lembra, com relativa facilidade, dos episódios marcantes da história do século XX e, por razões que os neurologistas e os geriatras devem saber explicar, ele se recorda melhor daquilo que viveu na juventude. Além disso, quando falamos com ele, sobre qualquer acontecimento relevante, ele nunca comenta o fato genericamente. Sempre se lembra de detalhes específicos que marcaram a sua vida em cada uma das ocasiões.

Se perguntássemos ao Sr. Primo o que ele lembra, por exemplo, do ano de 1910, com certeza ele não se recordaria de nada. E não adianta os corinthianos reclamarem que foi o ano da fundação do clube, até porque o Sr. Primo simpatiza mesmo com o São Paulo. Mas, se dissermos que nesse ano ocorreu a passagem do Cometa Halley, o Sr. Primo parece encher o olhar de brilho novamente para nos contar que esse fato marcou duplamente os seus dez anos de idade. Por um lado, o deslumbramento da visão do cometa, segundo ele, enchendo o céu de São Paulo de uma luminosidade



Bodas de Ouro, em 1979, de Primo e Maria, em cerimônia realizada pelo filho do casal, padre Alberto Mariani

de jamais vista. Por outro lado, o temor, quase pânico, disseminado por muitos, segundo os quais este era o sinal da segunda vinda de Cristo e o final dos tempos, conforme o Apocalipse de São João.

Até agora falávamos da testemunha da história e, se interrompemos o relato, é porque iríamos ficar discorrendo sobre as 1001 noites de “estórias” do Sr. Primo, ou melhor, suas versões sobre os acontecimentos do século passado.

MÁQUINAS VOADORAS - As demonstrações dos pioneiros da aviação, vindos da Europa com protótipos esquisitos de avião, eram feitas aos olhos atônitos de pessoas como o Sr. Primo num campo da Rua do Hipódromo, na Mooca. Alguns desses audazes, porém às vezes imprudentes pilotos, ele se lembra de ter visto, como foi o caso dos italianos Ruggeroni e irmãos Bertelli.

Um deles, em especial, um dos irmãos Bertelli, ficou gravado na memória do Sr. Primo de maneira definitiva, pois, durante seu vôo experimental, o rústico aparelho se chocou com um armazém, ao lado do campo do Hipódromo. O piloto ficou preso no avião, sobre o telhado desse armazém, por muitas horas, antes de ser resgatado e levado ao hospital. O Sr. Primo viu o piloto Bertelli passar ali bem em sua frente, em uma maca, gemendo de dor. Depois soube que, infelizmente, ele não resistiu à gravidade do impacto e dos ferimentos.

CASAMENTO - O Sr. Primo Mariani casou-se com Maria Laura Defonso Mariani em 1929, ano da grande crise mundial que aqui decretou a queda da fase áurea do café.

Logo após a Revolução Constitucionalista de 32, o Sr. Primo, a esposa e os dois filhos decidiram vir para São Caetano. Quando aqui chegaram, em Janeiro de 1933, os parentes da Mooca acharam que eles haviam mudado para o fim do mundo, considerando a



João Tarcísio Mariani

Primo Mariani exibe a elegância de quem se aproximava firmemente dos 100 anos, em festa realizada em 1996. Da esquerda para a direita: Pedro, Alberto, Primo Mariani (filhos), Lia Elisa (nora) e João Tarcísio (filho)

distância e a modesta densidade populacional de São Caetano na época. A casa nº 114 da Rua Ceará, no Bairro da Fundação, foi a primeira moradia do Sr. Primo aqui. Lá ele permaneceu por 22 anos, ou seja, até 1954. Vale lembrar uma especial referência à chegada do Sr. Primo a São Caetano: ele e a esposa foram acolhidos por uma família vizinha na Rua Ceará. O casal Salvador e Norma (família Zurzollo) recebeu-os de braços abertos, como se já os conhecesse há muito tempo. Os Zurzollo se dispuseram a apresentar o Sr. Primo e sua esposa aos moradores locais, bem como a mostrar-lhes as facilidades do bairro e, principalmente, servir-lhes de *apresentadores* (avalistas ou fiadores na linguagem de hoje) aos estabelecimentos comerciais para as tradicionais compras com caderneta. A menção a essa família tem uma razão de ser, pois, se de fato existem almas gêmeas, um casal delas se reencontrou na amizade que nasceu entre Norma Zurzollo e Maria Laura Mariani. Tornaram-se em realidade mais do que vizinhas, do que amigas, do que parentes. Tornaram-se comadres. Talvez, nos dias de hoje, a palavra comadre já não tenha a mesma importância, o mesmo peso, o mesmo valor de outrora. O certo é que, como Dona Maria Laura batizou o primeiro neto, Luiz Cláudio, de Dona Norma, por consequência toda a família Zurzollo passou a chamá-la de co-

madre. Simbolicamente, não apenas o neto de Dona Norma foi batizado, e sim ambas as famílias, pois de certo modo todos renasceram em uma aliança de respeito e confiança. Hoje, passados mais de 70 anos, uma filha de Dona Norma, Yolanda Zurzollo Doro, todo sábado, chova ou faça sol, doam ou não doam as pernas (reumatismo danado!), telefona para o Sr. Primo para trocar as notícias das famílias. Estes telefonemas são mais do que hábito ou compromisso. Na verdade, representam alimento salutar para a manutenção de um sentimento que está desaparecendo de nossa sociedade moderna, e que poderíamos denominar simplesmente de verdadeira amizade. Após estes bons tempos de Bairro da Fundação, o Sr. Primo, preocupado com enchentes que, felizmente, nunca atingiram sua casa, e também com o famoso cheiro de BHC exalado pela Matarazzo, mudou-se para a Rua Major Carlo Del Prete (na época, Rua Pitagueras), onde ficou por apenas quatro anos. Ao sair de lá, dirigiu-se ao Bairro Vila Paula, (hoje Santa Paula), na Rua Piauí, e nessa região ficou por longos 36 anos. De dez anos para cá, porém, mora na Rua Pinheiro Machado.

LONGEVIDADE - Gostaríamos de contar rapidamente algo sobre a família que ele representou e representa como testemunha maior.

Na família, em que ele foi o pri-

meiro filho homem, eram nove irmãs: cinco mulheres (Josefina, Tereza, Margarida, Ermínia e Luíza) e quatro homens (Primo, André, Guilherme, José), dos quais só estão vivos a irmã e o irmão mais novos: Luíza com 88 anos e José com 90 anos. A irmã vive em São Paulo, paralisada por um derrame, mas lúcida, e o irmão José (segundo o Sr. Primo, o *Giuseppin* – *Zezinho* em italiano) vive em São Caetano do Sul e também tem gás e disposição para ultrapassar a barreira dos 100. Primo e Maria Laura viveram casados durante 65 anos até que ela, excepcional cozinheira, foi convidada por Deus para ensinar a fazer os seus *cappelletti* divinóis lá no céu.

Os filhos do casal, três homens, todos vivos (mas nem tanto, pois trabalharam e trabalham muito ainda): o mais velho, padre Alberto Francisco Mariani, da Congregação Estigmatina e, atualmente, na Paróquia Sagrada Família, de São Caetano; o segundo, Pedro Mariani, grande dançarino nos bailes do Clube Comercial de São Caetano na década de 50; e o caçula, raspa de tacho, nascido aqui em São Caetano e agora metido a escrever biografia.

As marcas e valores da família podem ser resumidos em: equilíbrio, disponibilidade, bom humor, honestidade e fé. O bom humor e a fé eram marcas registradas do avô, Sr. Giuseppe. A honestidade e a disponibilidade são assinaláveis no pai, Sr. Alberto. Finalmente, juntando a essas virtudes o equilíbrio, aí está a figura emblemática do Sr. Primo. E a explicação mais lógica para a longevidade e a disposição do Sr. Primo não é outra senão o fato de ele ter conseguido aliar às características da família o equilíbrio: do corpo a saúde; da mente a auto-estima e o otimismo; do espírito a fé.

Logicamente, se perguntarem a ele qual a receita para a vida longa e saudável, não esperem ouvir coisas do tipo *equilíbrio*; provavelmente ele nem distingue isso tão

claramente e, com certeza, recomendará coisas mais simples, corriqueiras durante quase toda a sua vida: tomar uma colher de sopa de Leite de Magnésia Phillips para os intestinos todo santo dia, ou, ainda, meio copo de vinho nas refeições (tinto de preferência). *Se não tiver tinto, pode ser branco; se não tiver branco, pode ser até Vinho Reconstituente Silva Araújo* (fortificante antigo, de sucesso só comparável ao do Biotônico Fontoura). *E, se não tiver nenhum vinho, então vai uma pinga da boa mesmo, que ninguém é de ferro!*

Esse tal equilíbrio (que existe mesmo depois de tomar vinho) é responsável por muitos aspectos admiráveis no comportamento do Sr. Primo, dos quais, um dos mais bonitos é o de regozijar-se, de maneira sincera e espontânea, com o sucesso dos outros - em especial com os da família. Esse comportamento se manifesta nos simples e francos incentivos ou elogios, que ele sempre faz, às iniciativas ou conquistas de qualquer pessoa que o procure para ouvir uma opinião experiente e conscienciosa.

“TEIMANDO, TEIMANDO!” - Se vocês pensam que o Sr. Primo, só porque chegou aos 104 anos com lucidez, é um privilegiado no aspecto físico, esqueçam! Ele tem as deficiências auditivas, visuais e motoras que qualquer pessoa em geral apresenta quando atinge idade tão avançada. O que ele faz, e com muita propriedade, é buscar as adaptações necessárias às condições progressivamente adversas, para tentar sempre encontrar um novo equilíbrio.

Assim, para a perda de audição, já que não quis usar aparelho, o que ele fez foi aprender a ler os lábios, dando a exata impressão aos seus interlocutores de que está ouvindo *tudinho*.

Quanto à visão prejudicada, ele precisa de um tempo de adaptação maior, quer quando muda de foco de



João Tarcísio Mariani

Comemoração dos 100 anos de Primo Mariani, na Paróquia Sagrada Família, em 2000. Da esquerda para a direita: padre Alberto Mariani (filho), Fernando Celso (neto), João Tarcísio (filho), Cláudio Márcio (neto), Lia Elisa (nora), José T. Mariani (irmão), Marcos Antônio (neto), Marília (neta), o centenário Primo Mariani, Alice (neta), Paulo César (neto), Márcia Regina (neta), Pedro (filho), Pedro Júnior (neto), Márcia (neta), e os bisnetos à frente: Luíza, Henrique, Júlia, Thaísa, Daniela, Guilherme e Fernanda



Fundação Pró-Memória

Primo Mariani, no dia seis de Julho de 2001, recebendo a homenagem da Fundação Pró-Memória

longe para perto e vice-versa, quer quando mudam as condições de iluminação. Com admirável força de vontade, está sempre se reeducando e colhendo os frutos desse esforço, ou seja, continua fazendo coisas que aprecia, como ler o seu jornal normalmente, e tenta manter a qualidade de vida do jeito que é possível.

Finalmente, o mais difícil equilíbrio para alguém nessa idade é o relativo à locomoção. Até onde os neurologistas explicam, a dificuldade dos mais idosos para andar está na gradual perda da sensibilidade dos pés, ou mais precisamente, das articulações responsáveis pela movimenta-

ção dos pés. (O Dr. Dagoberto Callegaro haverá de entender que o que ele nos explicou nós tentamos reproduzir aqui, porém, se não ficou bem articulado, é porque leigo, falando disso, *não dá pé*.)

O Sr. Primo anda todos os dias, com muito cuidado, num ritmo lento o suficiente para evitar quedas. Mas, de vez em quando, assim mesmo ele leva seus *tombinhos*.

No momento, anda preocupado, segundo ele mesmo, em se adaptar às quedas, de modo a evitar maiores danos. É bom observar que, para ele, dano seria raspar ou rasgar as calças e não raspar braços ou pernas, porque, diz ele, *os meus ferimentos cicatrizam logo, mas as calças eu não sei consertar*.

Para encerrar, duas citações do Livro do Eclesiastes: *A alegria do homem torna mais longa a sua vida e Honra teu pai por teus atos, tuas palavras, tua paciência, a fim de que ele te dê sua bênção, e que esta permaneça em ti até o teu último dia*.

Obrigado, Senhor, pela honra de receber a bênção do Sr. Primo Mariani.

(*) João Tarcísio Mariani, filho de Primo Mariani, é consultor de empresas nascido em São Caetano do Sul

Erdonio Magri, o Buti, pioneiro das pizzas em São Caetano

Narciso FERRARI (*)

Erdonio Magri ninguém conheceu. Mas do *Buti* seguramente todo mundo se lembra. Ele foi um dos personagens que contribuíram para o progresso e o desenvolvimento da cidade, principalmente na área gastronômica.

Imigrante italiano, nasceu no norte, num pequeno vilarejo chamado Magnacavallo, Província de Mantova, berço de imigrantes, em 27 de Novembro de 1905. Era filho de Aristides e Luíza Magri, que tiveram outras 17 crianças, das quais apenas 12 sobreviveram: sete homens e cinco mulheres. Família numerosa, mas não por isso carente da rígida disciplina européia, comum na época.

Buti era o décimo segundo filho, e o relacionamento entre os irmãos era o mais perfeito possível. O pai costumava, antes de se deitar, conferir se todos os filhos estavam nos aposentos. Certa noite, Ernesto, o mais peralta de todos os irmãos de *Buti*, não estava deitado, pois resolveu acompanhar um amigo no quintal. Preocupado, Aristides cha-

mou sua esposa Luíza e disse que faltava um filho.

Como era noite de inverno, o amigo de Ernesto decidira ficar na casa da família Magri, a fim de evitar o rigoroso frio. “Seu” Aristides foi recontar os meninos e notou que havia 13 crianças dormindo. Chamou a esposa e falou:

- *Você não vai acreditar, mas há pouco faltava um e agora está sobrando!*

Luíza respondeu:

- *Vai dormir e tome menos vinho, que assim não erra na contagem.*

História de família numerosa que o *Buti* contava a seus amigos.

O sr. Aristides vendia vinho na Itália, entretanto, não ganhava o suficiente para manter a família tão numerosa. Resolveu imigrar aos poucos para o Brasil, em 1926, e o *Buti*, ainda adolescente, foi morar no Paraná. (Através de amigos veio para São Caetano, onde trabalhou, no início, com Ricardo Falchero, proprietário do Laticínio Nossa Manteiga, firma que existia no fim da Rua Baraldi.)

Buti casou-se, por procuração, com Dona Íris (Dona Dafne) e teve

três filhos, pela ordem: Aristides, Flora e Rosa. Sua primeira moradia em São Caetano situava-se na Rua Senador Vergueiro. Por ali se estabeleceu com uma quitanda, pelos idos de 1938, na Rua Baraldi, esquina com a Rua Pitágoras (hoje Rua Major Carlo Del Prete). Seu vizinho era o Zeca Massei, que se tornou seu amigo.

Entretanto, sua paixão era o ramo gastronômico, e assim montou a primeira pizzaria de São Caetano, por volta de 1939, na Rua Baraldi com a Rua Paraíba: Bar e Pizzaria Brasil (que existe até hoje).

Neste estabelecimento ele aprimorou o que havia aprendido na Itália, quer na *trattoria* de seu pai, quer no exército italiano, e começou a fazer pizzas napolitanas - somente de dois tipos: mussarela e aliche.

Recebia em seu restaurante membros de famílias tradicionais da cidade, como por exemplo José Paolone, Victorio Dal’Mas, José Massei, Sereño Gaspari, Rosário Galatti, Antônio Luiz Cavana (Toni Russo), Elizeu Carnevalli, Giacomo Lorenzini, Archinto Ferrari - o Cerati (que vinha do Ipiranga), além de diretores e torce-



Fotos: Família Magri

Buti, quando jovem, participou da Segunda Guerra Mundial - 1937



Buti e seus irmãos, na Itália, onde eram proprietários de uma mercearia. Década de 20



Buti e sua esposa Íris com o filho Aristides. Jardim da Luz, São Paulo, década de 30



Buti e seus dois filhos, Aristides e Flora, próximos ao veículo usado para a venda de manteiga em São Paulo. Década de 30



Década de 1940. Nota Fiscal do Bar Brasil, de propriedade de Buti. O estabelecimento existe até hoje com o nome de Pizzaria Brasil, na Rua Baraldi, esquina com a Rua Paraíba

Buti e sua esposa Íris, em festa familiar, ano de 1983



Família Magri



A Pizzaria fundada pelo Buti ainda funciona como Pizzaria Brasil, entre ruas Baraldi e Paraíba. Ano de 2004

Família Magri

Fundação Pro-Memória

dores do São Caetano Esporte Clube em dia de jogos ou treinos. Nessas ocasiões, o *Buti*, como bom italiano, gostava de cantar músicas de seu tenor predileto, seu conterrâneo Carlo Buti – daí ter adquirido este apelido, pelo qual ficou conhecido na cidade inteira.

Como ele era alegre, brincalhão, boêmio e extrovertido, ao contrário de sua esposa que era muito severa, foi adquirindo amizade com membros de outras colônias, e assim sua fama se estendeu à cidade toda. Ficava mais contente quando seu time de coração, o Palestra Itália, venciam seus adversários.

Ele foi chamado para colaborar com as quermesses da Sociedade Portuguesa de Beneficência, que realizava festas juninas onde hoje se localiza o Cine Vitória. Desse modo, fez amizade com a colônia portuguesa.

Em 1946, a Pizzaria Brasil foi vendida para Martin e Batista Garbugio, que posteriormente a venderam para Artur Bendazolli. (Até hoje, na figura de Mário, a família Bendazolli dirige o estabelecimento.) *Buti* foi para um restaurante maior, na Rua Santa Catarina, e logo fez amizade com Brasil Zapparolli, o maior contador de histórias e caçador da época. E

com isso propagou sua amizade no centro da cidade.

Por volta de 1949, vendeu o restaurante para os irmãos Lucchesi e abriu um de menor expressão na Rua Mariano Pamplona, Bairro da Fundação. Este local ficou famoso, mas por pouco tempo, já que *Buti* em seguida deu início ao seu último empreendimento, num restaurante na Rua Major Carlo Del Prete, 104, perto das arquibancadas do São Caetano Esporte Clube. E lá construiu duas canchas de bocha. Após vender esse estabelecimento a Waldemar Bendazolli, em 1963 montou um *café expresso* ao lado do Cine Max. Era a grande novidade de São Caetano, com máquinas italianas e tudo mais. Chamava-se Café Oásis. Voltou a adquirir o restaurante da Rua Major Carlo Del Prete, nº 104, mas o trabalho foi atrapalhado pela tristeza que sentiu com a morte de sua filha Flora, de apenas 15 anos de idade.

Neste local ele preparava, além das pizzas, também jacarés, capivaras, tatus e perdizes que, em companhia de amigos, ia caçar em Mato Grosso e Itapetininga (interior de São Paulo). Na cidade do interior paulista ficava hospedado na fazenda de seu amigo Lívio Palladino.

Era comum ver o *Buti* com os amigos Zelindo Borelli, Santos Parra, Teodoro das Graças e Nando Tosetti. Caçavam nas várzeas dos Ferrari e dos Parente, e sempre traziam boa quantidade de marrecos d'água. Esses marrecos eram servidos no seu restaurante, onde também se servia polenta, acompanhada de vinho engarrafado pelo próprio *Buti*, além de outros pratos. As refeições eram sempre acompanhadas das cantorias italianas de Carlo Buti.

Buti ainda teve, além da morte da filha, outro momento triste em sua vida: seu filho Aristides faleceu com apenas 31 anos de idade. Já o *Buti* faleceu em 26 de Abril de 1989, com 83 anos, e até pouco antes da morte trabalhava em seu restaurante na Rua Major Carlo Del Prete, 104.

O *Buti* trouxe para a cidade as pizzas napolitanas, tendo sido pioneiro nesse campo, e deixou como seguidores os irmãos Lucchesi, a Adega do Paco, o Armando Orlando e o Girolano Ceschin (do Bar do Momi), gente que ajudou a difundir o gosto pela pizza em São Caetano.

(*) Narciso Ferrari é empresário e memorialista de São Caetano do Sul

Renato Acerbi: morador apaixonado pelo Bairro Prosperidade

Libélia TAVARES (*)

Renato Acerbi veio menino para São Caetano do Sul, no ano de 1920: tinha sete anos de idade. Seu pai Benvenuto comprou um terreno na nascente Vila Barcelona (atual Bairro Barcelona). Era o tempo do curandeiro Vicente, e os bondinhos do Pujol ainda viriam. A Avenida Goiás estava sendo alterada.



Residência do casal Acerbi: Rua Eldorado com Praça da Riqueza



Casal Renato e Maria Angeli Acerbi

Acerbi era natural de Parma, Itália, nascido em sete de Fevereiro de 1913. Sua história de vida mostra 34 anos vividos na Vila Barcelona (1920–1954) e outros 43 vividos no Bairro Prosperidade, com breves passagens pelas Vilas Prudente e Califórnia.

Casou-se em 1942, na Igreja Sagrada Família, a Matriz Nova de São Caetano, com Maria Angeli. Nessa época a vida era difícil, o salário era pouco, havia racionamento de alimentos e combustíveis, por causa da guerra. O jovem casal foi

residir na casa dos pais do noivo, na Vila Paula. A água era de poço, o fogo a carvão, e para lavar a louça Maria Angeli usava duas bacias, que o marido Renato improvisou, utilizando duas metades de uma lata de óleo de 20 litros: numa lavava e na outra enxaguava.

Renato Acerbi e Maria Angeli tiveram três filhos: Aldo, Arnaldo e Ademir. Aldo hoje trabalha numa escola em Mauá, Arnaldo é profissional liberal e Ademir (o *Nenê da Loja*, como é conhecido) é o único que permanece no bairro: é comerciante proprietário do Bazar Nova Eldorado.

Renato Acerbi e a esposa permaneceram no Bairro Prosperidade até a morte: ele até 1998; ela até 2002.

Renato Acerbi, ao longo de sua vida, prestou diversos depoimentos ao jornalista Ademir Médici (autor de livros sobre o ABC), relatando vários fatos acontecidos em São Caetano do Sul.

Relato de Renato Acerbi ao Diário do Grande ABC sobre o Bairro Prosperidade

“Moro há 40 anos no bairro mais rico de São Caetano, o Prosperidade, onde ninguém morre de sede e várias vezes ao ano sobram colchões de mola na rua”. O Sr. Renato se referia aos nomes das ruas locais, às enchentes constantes e aos colchões que as enxurradas fazem aparecer por toda parte.

E se pensam que ele só se lembra de coisas muito antigas, fiquem

sabendo que Renato Acerbi conheceu o Jerri Adriani, o cantor da Jovem Guarda. Jerri Adriani iniciou carreira na Vila Prosperidade. Seu pai era porteiro e se chama Jair de Souza.

“O nome Adriani é por parte de mãe”, revelou o italiano de Parma. (Depoimento prestado ao jornalista Ademir Médici e publicado no Diário do Grande ABC de seis de Julho de 1994.)

(*) Libélia Tavares, memorialista do Bairro Prosperidade

Para sempre



Fundação Pró-Memória

Ilustração de Marino Calamari

Leonilda Pilatti C.P. VERTICCHIO (*)

Naquele pedaço de rua, as casas eram simples e humildes, assim como os moradores. A rua era tão tranqüila que nós, as crianças, podíamos brincar sem o menor perigo. Só quando uma família mudava de alguma casa, e outra vinha para habitá-la, é que a

rua ficava movimentada.

Eu e as meninas vizinhas ficávamos ansiosas, na esperança de que os novos moradores tivessem filhos da nossa idade.

A casa nº 256, desocupada há dias, deu mostras de que receberia novos moradores.

Ficamos contentes quando um grande caminhão coberto com lo-

na parou em frente à casa. Da cabine desceram uma senhora e uma menina da nossa idade. Sem nos ver, entraram na casa.

Quando os ajudantes do motorista começaram a enrolar a lona, ficamos surpresas e curiosas. E que surpresa! Os móveis eram novos, diferentes, lindos! Ninguém ali tinha móveis assim. Vi-

mos descer algumas peças, mas entramos em nossas casas porque não ficava bem ficar olhando.

Algum tempo depois, eu ouvi palmas no portão: era a menina que chegara de mudança. Eu fui saber o que queria. Meio sem graça, a menina pediu uma vassoura emprestada, porque a dela ficara na outra casa para a última limpeza.

Eu mais que depressa voltei pra dentro, peguei a vassoura e entreguei à menina. Fiquei triste porque a menina não falou nada, só disse que traria logo a vassoura, mas não voltou naquela tarde.

No dia seguinte, bem cedo, a menina veio trazer a vassoura e me fez perguntas que eu queria responder: perguntou meu nome e se o grupo escolar ficava longe. Em seguida, pediu que eu fosse até sua casa falar com a mãe.

Era tudo o que eu queria. Larguei a vassoura no portão e fomos juntas para a casa dela.

A mãe dela me recebeu sorrindo. Depois de acertar a hora de irmos ao grupo escolar, convidou-me para ver a casa arrumada. Minha curiosidade devia estar muito visível...

A casa estava toda em ordem. Eu nunca tinha visto uma sala tão bonita: as poltronas, o divã, forrados com veludo azul escuro e branco.

Eu ainda estava encantada com a sala, acariciando o veludo da poltrona, quando um moço ali entrou trazendo um quadro grande. Escolheu a parede maior, sem janelas, e pediu uma cadeira e um martelo. Eu não dei atenção, pois estava conversando com a menina.

Só depois da última batida no prego e das exclamações de *Oh! Como ficou linda!* é que olhei, erguendo os olhos.

Que susto! Quase perdi o fôlego, impressionada com o tama-

nho do quadro e com a figura es-tampada nele.

Era a fotografia de uma linda moça, de corpo inteiro. Tomava todo o quadro, parecia estar dançando, e, se desse mais um passo, sairia do quadro...

Eu olhava fascinada para a moça que sorria, sorria... Tinha cabelos negros, soltos, cacheados como soprados pelo vento. As sobrancelhas finas arqueadas, os olhos um pouco fechados, sombreados por longos cílios, as pupilas brilhantes olhando fixamente para mim... para mim?

Fiquei parada embaixo do quadro sem poder me mover. Parecia que de seus lábios iriam sair palavras.

A menina tocou meu braço e disse: *É minha irmã, ela é artista e dança tangos num cassino em Santos.*

A custo consegui dizer que coisa linda ela fazia. Dançarina de tangos... *Minhas irmãs falam sempre de um filme argentino...*

Dizem que é difícil dançar tango...

Enquanto eu falava apressada parecia que a moça da foto ia me responder; não agüentei, saí correndo da sala, seguida pela menina.

Cheguei em casa aflita, tentando contar tudo para minha mãe, que não me deu muita atenção. Só repetia: *hum... dançarina hum... de tango... em Santos, hum... hum...*

No resto do dia tentei esquecer a forte impressão que a moça do quadro me causara, e eu dormi sentindo que ela me chamava.

Levantei cedo. Duas coleguinhas, a menina e eu fomos ao grupo escolar. Tudo estava acertado: a menina entrou em sua casa e não me chamou para entrar, como eu rezara para que ela fizesse.

Eu queria ver melhor a moça, só olhei o rosto, mas a menina

não me chamava. Passados alguns dias eu não agüentei mais e pedi para rever a foto de sua irmã.

Entrei na sala e ergui os olhos para a fotografia. Senti a mesma impressão de que ela iria falar comigo. Mesmo muito impressionada, agüentei o olhar da moça...

Dessa vez eu via melhor o vestido, bem justo, que devia ser preto, meio longo, bem como os sapatos de salto bem alto, com *tirinhas* que cruzavam até o meio da perna.

Nos pulsos, pulseiras. Brincos dourados e colares em estilo cigano completavam os ornamentos. A longa perna dobrada em passo de dança abria a fenda do vestido, mostrando um pouco acima do joelho.

Com a mão esquerda, tocava delicadamente a cintura. O outro braço, dobrado, jogava a mão aberta para cima, num gesto delicado.

Mesmo com os olhos presos no quadro, ouvia a mãe dizer como a filha era carinhosa, bondosa, que sempre lhe escrevia. Faria a filha saber que eu achara sua foto muito linda. Luz Del Mar por certo mandaria uma foto muito especial para mim.

Só nesta última frase eu percebi que não sabia o nome da moça. Como adivinhando, ela continuou: *O nome artístico dela é Luz Del Mar. Somos espanhóis, sabe... Quer dizer Luz do Mar.*

Eu me orgulhava de ter uma amiga artista, uma dançarina, e esperava ansiosa pela foto prometida. No quadro, a figura era colorida, como se pintada à mão.

De vez em quando eu vestia um vestido da minha irmã maior e dançava, dando uns passos de tango, fazendo de um cabide meu cavalheiro. Em meus dez anos, eu não sabia como ela dançava nem o que fosse um cassino, mas Luz Del Mar era minha amiga. Cada

vez que eu entrava naquela sala, sentia como se Luz estivesse me esperando. Já havia entre nós duas uma grande amizade.

Os meses foram passando. Para a casa da mãe da Luz Del Mar vinham cartas, dinheiro, roupas. Só não chegava minha fotografia da Luz.

A mãe nos mostrava as roupas que Luz mandava. Eram lindos vestidos de cetim vermelhos ou pretos, chinelinhos de quarto em cetim com pompons de arminho, peninhas fininhas, camisolas de seda chinesa. Só minha foto não vinha. Mas minha esperança estava viva. Sabia que ela me mandaria.

O tempo foi passando sem que pudéssemos segurá-lo. Em um ano e meio a família precisou mudar-se para uma cidade bem distante.

O destino traçou novos caminhos para cada um de nós. Nunca mais nos vimos. Nunca conheci a moça do quadro, nunca recebi a foto, mas sempre gostava de contar essa história - só que ultimamente tudo me parecia ter sido inventado ou sonhado.

Minhas lembranças foram se descorando, como também deve ter descorado a fotografia da linda dançarina de tangos.

Todas essas lembranças passaram em minha mente no curto espaço entre a caixa de cartas do portão e minha sala.

Um envelope branco, enviado pelo correio, deixou-me tão surpresa que ali mesmo eu o abri.

Retirei de dentro um outro envelope menor e um pouco escuro. Era dirigido a mim, mas num endereço antiquíssimo. Virei o envelope. Não tinha remetente. Curiosa, abri o envelope mais escuro e, ao puxar o papel, ... meus olhos não entenderam o que viram...

Era uma foto postal em branco e preto, nova, brilhante... Tão es-

tranha que me faltou o ar. Tentei chegar logo até a sala.

Nessa pequena distância do portão até a sala minhas antigas recordações afloraram mais vivas, mais fortes... Eram lembranças quase esquecidas... Era uma foto de Luz Del Mar, mas não de dançarina, como eu esperei tanto. Luz estava recostada em duas almofadas, os mesmos longos cabelos cacheados, soltos, cobrindo os ombros, caindo sobre os braços. As mãos longas e delicadas... A mão esquerda sobre o coração, próxima ao rosto, como acariciando as rendas da bela camisola.

No rosto perfeito um leve sorriso... As mesmas sobrancelhas finas, os cílios negros sombreando os olhos semi-fechados e as pupilas vivas, brilhantes, que tanto me impressionaram na infância.

Assustada, sem entender, eu fiquei por um bom tempo com os olhos presos naquela figura estranhamente linda...

Quando consegui virar a foto, para ver se havia algo escrito, a letra trêmula e a primeira frase me deixaram aterrorizada: *Cara amiguinha, estou lhe mandando a foto de Luz Del Mar, no seu leito de morte ... Poucos dias depois ela fechava seus olhos para sempre ... Ela estava longe, não podíamos ir vê-la, por isso ela pediu que a fotografassem antes de falecer ... Depois, os seus amigos nos mandaram ... Como você a admirava... Abraços da amiga...*

Mais confusa, voltei a olhar a foto da Luz Del Mar. Ali, entre as minhas mãos, minhas mãos secas, envelhecidas, nodosas... Então percebi que haviam se passado 50 anos... 50 anos... Como a Luz poderia estar tão jovem... tão jovem...

Não poderia ser a mesma Luz Del Mar. A foto era nova. Cin-

qüenta anos atrás, eu tinha dez anos, e ela era uma mulher de quase trinta...

Peguei de novo o envelope escuro para ver a data no selo que mal aparecia: 25 de Maio de 1952.

Demorei para recompor meus pensamentos, e, ainda impressionada, procurei nos envelopes algum indício que me ajudasse entender...

No envelope maior encontrei uma folha com o timbre dos Correios e poucas linhas escritas à mão: *... Lamentamos pelo atraso da carta que segue. Foi encontrada há poucos dias no prédio antigo do Correio, por ocasião da demolição do mesmo ... Por motivos alheios não foi possível enviá-la. Pedimos desculpas...*

Quase não consegui ler o final. Por que essa foto ficara perdida, ou escondida, por tanto tempo? Depois de 50 anos essa carta chegava para me dizer que eu sempre tive em mente uma antiga fotografia... A moça que não existia mais...

A moça linda que conversava comigo e parecia me entender tão bem vivera por tanto tempo somente na minha lembrança... A data do selo era de poucos meses depois que a família tinha ido morar numa cidade distante.

Voltei a olhar com mais atenção. Li outra data na foto: 25 de Janeiro de 1952, Madri - Espanha.

Tudo começava a fazer sentido. A fotografia de Luz Del Mar me dizia que a moça era feliz, porque não poderia ficar como nós, as pessoas que viveram muito. Ela seria para sempre a jovem, a linda dançarina de tangos.

(*) Leonilda Pilatti C.P. Verticchio, memorialista de São Caetano do Sul

Natal de antigamente

Jayme da Costa PATRÃO (*)

Antigamente, o Natal, em São Caetano, de acordo com informações dos moradores da época, era comemorado com grande religiosidade festiva, só comparável às festas da Páscoa.

As famílias que residiam na cidadezinha que outrora fora a Fazenda São Caetano conservavam a tradição religiosa dos seus antepassados italianos.

Os moradores desta pequena cidade, apesar de trabalhadores, eram relativamente pobres, e o comércio de brinquedos para as crianças era escasso e sem muitas opções. Os pais mais abonados que, porventura, quisessem presentear seus filhos nas datas festivas, tinham de fazer compras na capital ou nas cidades da periferia. Entretanto, quando o dinheiro era pouco, os pais eram obrigados a construir eles próprios os brinquedos - geralmente bonecas feitas com retalhos de pano para as meninas e carrinhos de madeira para os meninos. Era motivo de grande júbilo quando um pai, com algum dinheiro sobrando, presenteava seus filhos com uma bola grande de borracha ou de couro cru, com câmara de ar, para a prática do futebol, ou com uma bonita boneca de celulósido, com vestidinho e tudo, para a sua filhinha.

As famílias, mesmo as menos favorecidas financeiramente, nas vésperas do grande dia preparavam a comezaina com um pouco mais de capricho que o trivial; separavam o melhor vinho, que eles próprios cultivavam, para a ceia, depois da Missa do Galo, e para o almoço festivo de Natal.

Na São Caetano de antigamente existiam poucas igrejas. As principais (quicá as únicas) eram a Matriz Velha, no antigo Bairro da Ponte, mais tarde Bairro da Fundação, e a Igreja Nossa Senhora da Candelária, no alto do morro do Monte Alegre.

A tradição mandava que a missa da meia-noite fosse rezada com to-



Rua João Pessoa
enfeitada para o
Natal de 1957

Fundação Pró-Memória

da a solenidade exigida.

Lá pelas dez horas da noite, com escassa iluminação nas ruas principais, as famílias de aquém e além porteiiras da estrada de ferro da SPR (São Paulo Railway) se preparavam para assistir à missa do nascimento de Jesus na Matriz Velha. (Essa missa, através do tempo, foi celebrada por diferentes sacerdotes, entre eles: João Batista Pelanda, José Tondin e Alexandre Grigolli.)

Depois de devidamente agasalhados e com enormes guarda-chuvas, pois já naquela época do ano eram frequentes as chuvas torrenciais que alagavam as regiões ribeirinhas do sinuoso Tamanduatei, os fiéis, em pequenos grupos silenciosos ou falando baixinho, de maneira respeitosa, se dirigiam para o sacramento da missa. Iam cedo para ocupar os melhores lugares na pequena igreja. Os que se atrasavam ficavam em pé. Os retardatários ficavam aglomerados diante da porta de entrada do templo.

Meia-noite o santo ofício de Natal de Cristo era assistido com todo o respeito e devoção. A igreja, toda enfeitada com flores naturais e feericamente iluminada pelas centenas de velas de sebo, transmitia aos fiéis assistentes grande paz interior. Terminada a função religiosa, que normalmente

durava mais de hora e meia, os devotos, antes de voltar para casa, ainda mais uma vez, ajoelhados, rezavam diante do presépio artisticamente postado num canto da entrada do templo.

As famílias, almas lavadas, satisfeitas com o ato religioso e com a obrigação cumprida, embuçadas em grossos agasalhos, deixavam a igreja que permanecia ainda um bom tempo aberta e iluminada. As crianças menores, sonolentas ou adormecidas nos braços dos pais ou irmãos mais velhos, voltavam para seus lares, onde uma ceia simples (mais uma tradição italiana) os aguardava, ou então iam deitar-se para o merecido descanso dos justos.

No caminho de volta, algum pai de família ou jovem boêmio adentrava algum botequim, porventura ainda aberto, cujo lampião de querosene bruxuleava luz mortiça, para um dedo de prosa com um amigo ou dois dedos de um trago da boa cachaça, para esquentar a friagem da noite.

Pouco tempo depois, a cidadezinha de São Caetano dormia; descansava, para no dia seguinte continuar festejando a data máxima da cristandade.

(*) Jayme da Costa Patrão, colaborador da Revista Raízes desde 1989. Faleceu em 29 de Fevereiro de 2004

A minha Primeira Comunhão

Histórias extraídas do livro Do Tirreno ao Atlântico

Duílio Iannaccaro (*)

Hoje o dia amanheceu com o céu limpo, indicando sol, ao contrário das chuvas, barro, lama, sapato encharcado. Foi com esse belo dia que fui fazer a minha Primeira Comunhão.

Preparei-me, no dia anterior, fazendo a confissão na Igreja Matriz, no Bairro da Fundação. Quando comecei a confissão logo fui avisando o padre que era a minha Primeira Comunhão e ele disse:

- *Molto bene!* (muito bem), e avisou-me para que depois da comunhão fosse à sacristia pegar a lembrança.

Domingo. Eis-me no interior da igreja, com uma roupa comum e bem usada, porém, com os tênis novos. Nesse dia somente eu realizei a Primeira Comunhão. (Apesar de ter me preparado junto com outros meninos, não quis fazer antes com eles porque não queria entrar na igreja descalço.)

Durante a missa, olhava as pessoas, cada uma com o semblante diferente, umas tristes, outras alegres como eu. Porém todos irmanados numa oração.

Antes da distribuição da hóstia, iniciou-se uma fila com os Congregados Marianos, as Filhas de Maria, o Apostolado da Oração, a Irmandade do Coração de Jesus e eu, um rapazinho ainda quase moleque, no meio desse rebanho para receber Cristo.

Fiquei muito feliz por ter dado mais um passo na minha cristandade!

MUDANÇA DE ESCOLA - 1931 – De-

pois de seis meses fora da escola, por causa de expulsão do Grupo Escolar Senador Flaquer, fui matriculado no Segundo Grupo Escolar de São Caetano, localizado no Bairro Monte Alegre, distante de minha casa uns 40 minutos.

Era um sobradinho de paredes avermelhadas, com duas escadas que davam acesso ao pátio e à rua.

Na entrada do prédio havia uma roda de ferro que, ao ser movimentada por brincadeira pelos alunos que lá passavam, enchia a caixa d'água e a deixava sempre cheia.

O primeiro dia de aula foi difícil, pois eu não conhecia nenhum aluno nem o diretor. A professora Farailde Correia Leite fez a chamada dos alunos, formou a fila e dirigiu os alunos à sala de aula, que era localizada no andar térreo. Fui sentar ao lado de um menino chamado José Acerbi.

Todos os alunos já na classe com a professora. Ela era de aparência saudável, clara, cabelos lisos, castanhos, semblante alegre, residia em São Paulo e muitas vezes precisava trazer sua filhinha, que permanecia sentada ao lado de um menino chamado Severino.

Essa professora ensinava punhando muito pela memória dos alunos, pois propunha muitos problemas a ser resolvidos com cálculos rápidos e mentais. No cálculo rápido, ela falava o problema e os alunos resolviam oralmente. No cálculo mental, ela escrevia o problema na lousa, apagava o enunciado e os alunos resolviam as operações no caderno.

Nesse ano, ocorreu o falecimento de um colega de classe, o

José Canali. Como só ficamos sabendo um tempo depois, não fomos ao enterro.

Nesse terceiro ano não tive dificuldades, pois já era repetente de seis meses. Fizemos os exames para o quarto ano e fui aprovado em segundo lugar, ficando com o primeiro lugar o aluno Nicolau Charcov.

A festa de entrega do diploma dos alunos que concluíram o primário foi realizada no clube Monte Alegre, que ficava em frente a um campo de futebol sem grama. Fui convidado pela escola para receber um prêmio pela frequência satisfatória durante o período letivo. Recebi nessa ocasião um boneco de louça com a denominação de *Juca Pato*. Fiquei muito feliz, pois foi a primeira vez que havia recebido um prêmio pela minha frequência às aulas.

Ao terminar o ano letivo, a professora Farailde pediu o meu caderno de provas mensais para auxiliá-la no próximo ano. Fiquei contente com isso, mesmo sabendo que havia uma nota baixa em Geografia.

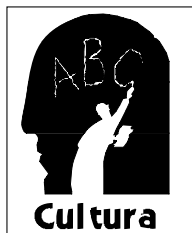
A figura meiga da professora Farailde ficou na minha lembrança, pela sua dedicação e atenção com os alunos e principalmente comigo, quando ajudava a carregar sua bolsa até a estação de trem, sendo que no caminho conversávamos muito a respeito da escola.

Ufa!... As férias de final de ano chegaram!

(*) Duílio Iannaccaro, escritor e memorialista, autor do

Referências Literárias a Paranapiacaba e a São Caetano antiga

Rui RIBEIRO (*)



A paisagem de Paranapiacaba está presente em algumas páginas expressivas da literatura brasileira. Numa interessante reportagem,

publicada na revista *O Cruzeiro*, o escritor Paulo Dantas lembra os nomes de Júlio Ribeiro, Plínio Salgado, Afonso Schmidt e Geraldo Ferraz dentre aqueles *que se deslumbram com os encantos da raiz de serra onde foi instalado um centro ferroviário que tem muito de aldeia ancestral e cantão suíço*. Durante o 8º Congresso de História do Grande ABC, realizado recentemente, o professor José de Souza Martins apontou Fagundes Varela como integrante da relação dos que se referem à região em sua obra. O consagrado poeta, quando estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, fez o trajeto de Santos a São Paulo, em lombo de muares, no ano de 1859, e percorreu o mesmo trecho em 1863 e 1864, antes portanto da existência da estrada de ferro que liga as duas cidades.

Situemos porém Paranapiacaba no contexto de dois romances marcantes.

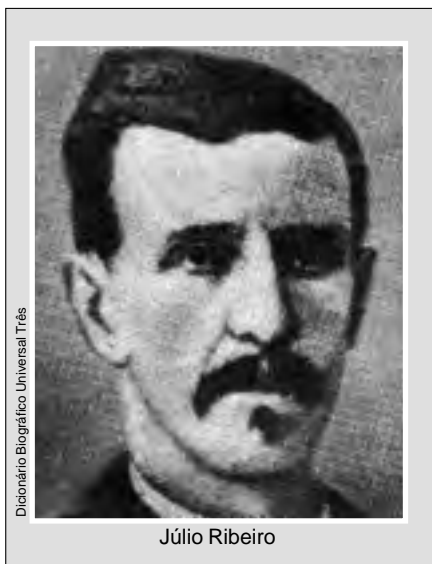
Publicado pela primeira vez em 1888 e reeditado até hoje, *A Carne*, escrito por Júlio Ribeiro, provocou enorme celeuma desde seu aparecimento, sendo apreendido mas depois liberado pela polícia e condenado pela Igreja Católica. A polêmica em redor do livro despertou a atenção da crítica e dos leitores, estes mais interessados em seu



Geraldo Ferraz

Função Pró-Memória

conteúdo erótico, considerado pelo crítico Agripino Grieco como *pastilhas afrodisíacas (servidas aos estudantes ginasiais)*. Parece que pouco se analisou – dissociado desse fator – o mérito literário do livro. O autor calçou o enredo em moldes naturalistas, descrevendo a paixão desenfreada dum casal de amantes, vivida numa fazenda do interior paulista. De permeio às ce-



Júlio Ribeiro

Dicionário Biográfico Universal Três

nas de lascívia, entretanto, há registros admiráveis de costumes rurais e cenários bucólicos. O que se refere a Paranapiacaba é longo e pormenorizado, como se verifica pela leitura do seguinte trecho:

Uma prostração de rocha faz um cotovelo no plano inclinado da raiz da serra: ao dobrar-se esse cotovelo dá-se uma como mutação de cena em peça mágica. A paisagem abre-se, rasga-se de vez. Por entre contrafortes, por entre alturas da serrania, que se ergue de um e de outro lado, como bastidores titânicos, alonga-se a perder de vista uma planície extensa, chata, lisa, nivelada, pardacenta. De dois outeiros à direita que, simétricos, redondos, suaves, emparelhados, lembrem os seios de uma virgem, parte uma linha horizontal, muito escura, muito tersa: é o mar, é o oceano, cuja vista dá nome à serra – Paranapiacaba.

A visualização da paisagem descrita se deu através da janela de trem, numa viagem feita a Santos por personagem do romance, o qual também assinalou: *Em São Caetano, em terras outrora baldias, de que ninguém fazia caso, há vinhedos formosíssimos plantados por italianos.*

Confirmam a constatação de cultura de vinhas na então incipiente comunidade os dados colhidos por Henrique Raffard no Ministério da Agricultura e constantes de seus apontamentos de viagem – *Alguns dias na Paulicéia* – divulgados através do *Diário do Comércio*, do Rio de Janeiro, na última década do século XIX e editado em livro pela Academia Paulista de Letras (1977). O documento oficial registra que, em 1887,

FERRAZ Gonçalves (Benedito Geraldo), escritor e crítico de arte brasileiro (Campos Novos, SP, 1905 – Santos, SP, 1979). Na capital de São Paulo fundou e dirigiu o semanário *Homem Livre* (1933), tendo, com Mário Pedrosa, lançado no Rio de Janeiro o jornal *Vanguarda Socialista*. Publicou, em 1945, com a colaboração de Patrícia Ferraz, o romance *A Famosa Revista*. Retornou à ficção com *Doramundo* (1956), romance ambientado em Paranapiacaba, uma pequena cidade de ferroviários na Serra do Mar. Como crítico de arte, participou da organização do *Salão de Maio* (1937) e escreveu vários ensaios sobre a arte moderna brasileira. (Larousse Cultural, Editora Universo)

RIBEIRO Vaughan (Júlio César), romancista e filólogo brasileiro (Sabará, MG, 1845 – Santos, SP, 1890). Abandonou a *Escola Militar* para dedicar-se ao ensino em São Paulo. Defensor do abolicionismo e propagandista da República, colaborou em vários periódicos de São Paulo. Notabili-

zou-se como polemista. Como gramático e filólogo, obteve louvores de Rui Barbosa, que se baseou em seus escritos para demonstrar diversas questões de linguagem. Sua Gramática portuguesa (1881) alcançou grande sucesso. Em 1887 publicou *Questão gramatical, fruto de uma polêmica com Augusto Freire da Silva*. *Conhecedor do grego e do latim*, escreveu a Nova gramática da língua latina, publicada postumamente em 1896. Sua estréia literária deu-se com o romance histórico *O padre Belchior de Pontes* (1876-1877). Seu naturalismo manifesta-se fisiologista no romance *A carne* (1888), que levantou grande celeuma nos meios literários de todo o país. Outras obras: *Trechos gerais de lingüística* (1880); *Cartas sertanejas* (1885); *traduções*: *Holmer brasileiro ou gramática da puerícia* (1887), *Assassinatos da Rua Morgue, de Edgar Allan Poe*. *Convertiu-se ao protestantismo em 1870*. *Compôs hinos evangélicos*. (Larousse Cultural, Editora Universo.)

São Caetano produzira 33 pipas de vinho e possuía 48 lotes urbanos e 22 rurais para uma população de 326 habitantes, contando além disso com duas escolas freqüentadas por 53 alunos. O autor destacou ainda em suas anotações:

A colônia de São Caetano, que também visitei em 1879, então já era bem interessante – a capelinha rodeada de umas 17 casas com boas hortas, três fornos para tijolos, telhas e louças, tudo tinha risonho aspecto neste núcleo a 10 quilômetros da capital, com uma população toda italiana, sendo a décima parte brasileira; num lapso de um ano os colonos conseguiram dar 10:000 \$ para amortizar um débito de 21:000\$000.

Expressos no padrão monetário da época, os valores indicados referem-se aos lotes de terra

financiados aos colonos pelo governo que, visando à fundação de colônias, expropriou as glebas de São Caetano e de São Bernardo, indenizando a Ordem Carmelita de São Bento com a importância de 7:000\$.

Menos conhecido que *A Carne*, o romance *Doramundo* (1957), de Geraldo Ferraz, não faz apenas referências a Paranapiacaba: confere-lhe a condição de cenário permanente e testemunha muda da série de acontecimentos trágicos que compõem a trama da história. O autor substituiu o nome do vilarejo por Cordilheira, todavia, pelos elementos sócio-geográficos exibidos, torna-se fácil a identificação. Assim, permeiam a ação do drama expressões como *cidadinha alcançtilada*, *trens de ferro chiando fogo nas rodas*, *topografia dos pinca-*

ros, *horizontes feitos de abismos*. Por toda a parte, a fuligem tisanando coisas e pessoas, a neblina, o frio gelando a cerveja no chão encostada à parede do bar. Como enredo, uma onda de crimes passionais, executados com a mesma técnica, surpreende os pacatos moradores – quase todos ferroviários – levando-os a suspeitas e temores generalizados. Conseqüência de processo criativo peculiar, o estilo de Geraldo Ferraz resulta personíssimo, com doses de impressionismo diluídas em linguagem realista e poética. O recurso de emaranhar, interromper e reatar o fio condutor dos episódios instiga o leitor a desvendar o encadeamento dos fatos, prendendo sua atenção do princípio ao fim do livro.

A magia da localidade serrana – mescla de vila inglesa com edificações em moldes portugueses – levou um grupo de estudiosos à elaboração de textos que revigoram e ampliam as impressões de escritores e viajantes do passado. Sob a coordenação da professora Cremilda Medina, as matérias produzidas deram origem à coletânea *Caminho do Café – Paranapiacaba: museu esquecido* (2003). Predomina nas narrativas uma linguagem jornalístico-literária, repassada de emoção, formando um conjunto harmônico de preciosas contribuições individuais.

Resguardando as características originais, Paranapiacaba almeja o retorno da circulação dos trens de passageiros pelo seu território como complemento das atrações do pólo turístico em que se transformou. Já São Caetano, expandida e modernizada, nada conserva da paisagem dos seus tempos primitivos.

(*) Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e autor do livro *Notas de realajo*, editado pela Fundação Pró-Memória

Uma dupla sertaneja nos anos 50

Hidegard FUZINELLI (*)

No ano de 1952, os irmãos Fuzinelli - Angelin (Coronel Jacutinga), Antônio (Bilo) e Hidegard (Bilinho) - cantavam música sertaneja. Eles moravam na Rua Prates, em São Caetano do Sul, onde ensaiavam todos os dias. (Muitos transeuntes paravam para ouvi-los.) Certo dia, um senhor da Rua São Paulo conheceu a dupla (Bilo e Bilinho) e a levou para cantar no Parque do Nhó Celestino, instalado na época na Rua Rio Grande do Sul, esquina com a Rua Maranhão. Em seguida, a dupla começou a se apresentar em outros parques, entre eles o Parque do Paquito (Vila Gerty) e o Parque do Minhocão (Vila Paula). O serviço de alto-falante A Voz da Vila Gerty, no qual o animador era Zé da Serra, prestigiava a dupla.

Não demorou muito e os irmãos Fuzinelli montaram uma companhia artística que encenava comédias. Nos anos de 1958, 1959 e 1960 se apresentavam no Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora da Candelária. A primeira emissora em que se apresentaram foi a Rádio Piratininga, em São Paulo. Participaram também de vários concursos, como Roda de Violeiros de Alpargata, Rádio Bandeirantes (São Paulo), Rádio ABC (Santo André). Foram convidados várias vezes a se apresentar nos programas do Capitão Furtado, do Comendador Biguá e do Capitão Barduíno, na Rádio Bandeirantes.

A dupla, após muitas tentativas e já mais experiente, começou a fazer um programa matinal na Rádio América. Todos os domingos ia ao ar, junto com o animador sertanejo José Abuchain, que a batizou com o nome artístico de Bilo e Bilinho e a inscreveu no Torneio de Violeiros da Rádio Record de São Paulo em 1960. Desse concurso participaram 90 concorrentes, e Bilo e Bilinho conquistaram o primeiro lugar. Como prêmio, ganharam uma gra-



Fundação Pró-Memória

Antônio (Bilo) e Hidegard (Bilinho)

vação, mas não puderam ficar na emissora devido ao difícil acesso.

No entanto, começaram a receber convites de circo, teatro etc. A dupla levou seu irmão Angelin até a rádio para fazer um teste de animador sertanejo. Angelin foi aprovado e batizado com o nome artístico de Coronel Jacutinga. Desse momento até o dia em que morreu fez programas na Rádio ABC - Santo André, na Rádio Cacique - São Caetano do Sul e na Rádio Clube de Santo André. O Coronel Jacutinga, radialista, tornou-se muito conhecido, e recebeu várias homenagens no Grande ABC e na Grande São Paulo, muitos troféus e um disco de ouro da Continental. Vários colegas o ajudaram, principalmente a dupla Bilo e Bilinho, o animador sertanejo Geraldo Eloy de Oliveira e o animador e radialista Adão Gerlach, da Rádio Máxima Amizade FM 105.3, que não se esquece de Bilo e Bilinho em seu programa semanal - domingo, das 9h00 às 12h00.

A dupla Bilo e Bilinho e o Coronel Jacutinga iniciaram seus shows em bailinhos dominicais no salão da Igreja Paroquial São Bento. Ganharam alguns trocados e ajudaram, no que foi possível, na construção da igreja - que para eles era muito importante. A Associação Assistencial Católica São Bento, fundada em primeiro de Março

de 1962, era coordenada por José Cardema Lucas (presidente), Júlio de Mello (vice-presidente), João Fernandes (primeiro secretário), Antônio Celestino (segundo secretário), João Azzi (terceiro secretário), Cândido Campos Lopes (primeiro tesoureiro), Guerino Voni (segundo tesoureiro), Gentil Montes (terceiro tesoureiro). Também participavam da diretoria José Toledo, Jaime Tiago, Abílio Gazela e Antônio Bortoleto. Do departamento de shows faziam parte os Irmãos Fuzinelli e Chichão. Vários colegas continuam trabalhando na Igreja Paroquial São Bento, principalmente Jaime Tiago.

Segue abaixo a relação dos componentes da Companhia Artística Irmãos Fuzinelli, de Bilo e Bilinho (ano de 1960): Antônio Manzutti, Antônio Hortiz, Percil Henrique Alves, Anézia Pereira Vasconcellos, Maria Pironato, Maria Leal, Neide Leal, Terezinha Oliveira, Antônio Moreno, Francisco G. Cezar, Zé Cuíca, Fininho, Quinha, Olguinha, Cícero e Fedegoso.

Hoje, Bilinho, conhecido na Terceira Idade do Radialista da Vila São José como *Japonês*, conta muitas piadas nas viagens que faz com seus colegas e participa dos jogos de bocha todas as tardes.

(*) Hidegard Fuzinelli é aposentado

RAÍZES

Sérgio Augusto A. Belavenuto

Lembrança de um navio

Calafrio

Raiz

De um tempo mais feliz.

Nos tentáculos do mar

Sangrar

Raiz

De um cântico feliz.

Na paz do oceano

São Caetano

Raiz

De um povo feliz.



Três Artistas, Uma Cidade, Um Tempo



De sete de Julho a 11 de Setembro ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal a exposição *Três Artistas, Uma Cidade, Um Tempo*, que mostrou o trabalho dos artistas plásticos Alberto Aliberti, Oscar Valzachi e Walter Pinheiro, já falecidos, mas que viveram grande parte de suas vidas em São Caetano e tiveram uma intensa produção artística.

Mostrando trabalhos figurativos, acadêmicos e abstratos, produzidos pelos artistas entre as décadas de 1950 e 1990, a exposição apresentou 38 obras, em técnicas como óleo sobre tela, acrílica sobre tela, mista, e óleo e guache sobre eucatex.

A Força de São Caetano nas Olimpíadas

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul entrou no clima olímpico e montou a exposição *A Força de São Caetano nas Olimpíadas*, no Salão de Exposições II. De nove de Agosto a 30 de Setembro, os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da história das Olimpíadas e saber quais atletas da cidade participaram das três últimas edições da competição.

Através de 30 painéis, com reproduções fotográficas, foi possível saber quais atletas da cidade participaram das três últimas competições olímpicas – Barcelona (1992), Atlanta (1996) e Sydney (2000).



A exposição apresentou reproduções dos cartazes de divulgação e medalhas de todas as Olimpíadas da Era Moderna, a partir de 1896, e os mascotes olímpicos, desde os Jogos de Munique, na Alemanha, em 1972. Um dos painéis traz a medalha, o logotipo e os mascotes da Olimpíada de Atenas, na Grécia.

Louças que moldaram uma História

De 12 de Agosto a 16 de Outubro, o Museu Histórico Municipal promoveu a exposição *Louças que moldaram uma História*. Composta por peças de louça, porcelana e faiança, produzidas por indústrias instaladas em São Caetano, mostrou a importância que essas empresas tiveram no desenvolvimento e no crescimento da cidade.

No início do ano passado, o Museu Histórico Municipal emprestou 50 peças de porcelana ao Museu Paulista, do Ipiranga, para a exposição *Louça Paulista: a produção das primeiras fábricas*. Dezoito meses depois, as peças retornaram ao Museu e, juntamente com outras 135, pertencentes ao seu acervo, estiveram nessa mostra.



Entre as louças em exposição puderam ser apreciados pratos, sopeiras, jarras, xícaras, conjuntos de jantar e vasos, produzidos entre as décadas de 1930 e 1960. Adelina, Cláudia, Matarazzo, Teixeira, Da Costa e Itabasil são as indústrias responsáveis pelas peças, todas com um toque artístico.

Os Figurativos



A Pinacoteca Municipal encerrou 2004 com a exposição *Os Figurativos*. Aberta no dia 23 de Setembro, reuniu obras de 10 artistas da cidade. O gênero escolhido desta vez foi o figurativo. Dentro dessa linha, a mostra apresentou cerca de 40 trabalhos, entre pinturas e esculturas que são figurativas, mas que preservam técnicas, formas e conteúdos da tradição acadêmica brasileira. Os artistas participantes foram: Antônio Pascoal, Edson Raposeiro, Hélio Satio Yamasaki, Ivone Polido, Lupércio Séspedes, Maria Ines Antunes, Olinda G. Metran, Oswaldo Vicenti, Nelson Raposeiro e Wagner Gallo.

Nessa exposição, a Pinacoteca utilizou uma museografia diferente das utilizadas nas exposições anteriores, que distribuía as obras de acordo com cada artista. Em *Os Figurativos* os trabalhos foram expostos de acordo com os temas clássicos do academismo: esculturas (em metal e resina), paisagens (urbanas, marinhas e rurais), retratos e natureza-morta.

Os Parques no Parque

De dois de Outubro a 30 de Novembro, a história de todos os parques de São Caetano esteve em um só espaço. A exposição *Os Parques no Parque* ocupou o Salão de Exposições II, localizado no Espaço Verde Chico Mendes, a maior área de lazer da



cidade, com 140 mil metros quadrados.

Através de 22 reproduções fotográficas o visitante pôde saber quando e como foram criados o Parque Municipal São José (Bosque do Povo), o Centro de Recreação Infantil Bárbara Marão Saad (Cidade das Crianças), o Centro de Lazer, Esportes e Recreação Senador José Ermírio de Moraes (Espaço Verde Chico Mendes), o Parque Botânico Jânio da Silva Quadros (Escola de Ecologia), o Centro de Integração Municipal de Educação Infantil Talita Thomé Tomarevsky (Parque Santa Maria ou Guaiamu) e o Centro de Lazer Catarina Scarparo D'Agostini (Chiquinho).

Além de informações históricas, a mostra trouxe ainda informações sobre a infra-estrutura dos parques e as condições que oferecem para a melhoria da qualidade de vida da população.

1ª Exposição de Cartunistas do Grande ABC

A *1ª Exposição de Cartunistas do Grande ABC*, que reúne trabalhos dos cartunistas Gilmar, Márcio

Baraldi, Pires e Rafael Dourado, de Santo André; Cerito e Moretti, de São Bernardo; Ed Sarro, Fernandes, Mastrotti, Regiscler e Rocco, de São Caetano; e Daniel Alves, de Diadema, está circulando por vários espaços da região. De 12 de Julho a dois de Agosto, a mostra ficou em cartaz no Piso I do Shopping ABC, em Santo André. Já no dia 18 de Outubro, a exposição foi para São Bernardo, na Universidade Metodista de São Paulo, onde ficou até 18 de Novembro.

Bastidores da Autonomia – Série Documental

No dia 24 de Outubro, São Caetano do Sul comemorou 56 anos de sua autonomia política e administrativa. Para homenagear a data, o Museu Histórico Municipal organizou a sala temática *Bastidores da Autonomia – Série Documental*, reunindo documentos sobre o movimento nunca antes expostos. A abertura da exposição contou com a presença de nove dos 15 autonomistas ainda vivos.

PUBLICAÇÕES

Jardins de Infância

O décimo quinto livro editado pela Fundação Pró-Memória teve como tema a educação infantil. *Jardins de Infância* foi lançado no dia 16 de Julho, durante o III Congresso de Educação Infantil, que aconteceu no Teatro Paulo Machado de Carvalho.

O livro apresenta um registro de toda a rede municipal de ensino infantil, incluindo todas as escolas municipais de educação infantil (EMEIs) e escolas municipais integradas (EMIs), além das creches e da Escola de Educação Especial Anne Sullivan.

Cada uma das escolas é apresentada através de um pequeno histórico. É possível ler a biografia dos patronos de cada escola e acompanhar uma entrevista com as atuais diretoras, que falam sobre o dia-a-dia da ins-



tituição e os projetos desenvolvidos. As pesquisas e entrevistas foram realizadas por estagiários do curso de Comunicação Social do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES).

Fotos coloridas e atuais, de fachadas e de crianças, preenchem algumas das 192 páginas da publicação. Em outras, antigas imagens relembram momentos de aulas, festas e atividades desenvolvidas pelas escolas.

A História da Maçonaria em São Caetano do Sul



No dia 21 de Junho, a Fundação Pró-Memória lançou o livro *A História da Maçonaria em São Caetano do Sul*, escrito pelo maçom Mario Del Rey. As mais de 300 páginas do livro apresentam os conceitos básicos desta instituição ainda hoje envolta numa atmosfera de grande mistério. O autor comenta as acusações feitas contra a instituição, discute as origens da maçonaria e apresenta algumas questões polêmicas sobre o assunto.

Aparecem ainda no livro os maçons mais famosos da história e algumas definições de termos específicos como Loja, Templo, Potência, Rito, Graus e outros. Depois de apresentar um resumo da história da maçonaria no Brasil e no mundo, Del Rey mostra a atuação da instituição em São Caetano e suas atividades sociais e benemerentes. A maçonaria no município conta com cerca de 500 maçons ativos.

EVENTOS

Raízes número 29

No dia do 127º aniversário de São Caetano (28 de Julho), a Fundação Pró-Memória lançou a revis-

ta *Raízes* número 29, em evento realizado no Museu Histórico Municipal. A mesma data marcou ainda o lançamento do Concurso de Fotografia *São Caetano em Foco*.

Nessa edição de *Raízes*, a seção *Dossiê* prestou uma homenagem aos 50 anos da Diocese de Santo André, com informações históricas, culturais e doutrinárias, além de dados biográficos de seus bispos. Em *Depoimentos*, a revista apresentou relatos de pessoas como o libanês Rahal e a senhora Ovídia Camargo de Mello e seus 100 anos de vida.

A orquestra Toscano e as obras dos artistas Oscar Valzachi, Alberto Aliberti e Walter Pinheiro foram temas de artigos na seção *Cultura*. As páginas de *Esporte* retrataram o Clube Atlético Ipiranguinha e o Grêmio Recreativo e Esportivo São Caetano.

A revista trouxe ainda, em suas 108 páginas, as seções *Memória*, com um artigo sobre o primeiro alfaiate da cidade, e *História de Vida*, que apresentou um texto escrito a partir de uma entrevista com Antonino Paolillo, um dos mais antigos moradores do Bairro da Fundação.

Raízes 29 contou com um encarte especial colorido com pequenos históricos e os distintivos dos clubes de futebol profissional de São Caetano. Fizeram parte do encarte: São Caetano Esporte Clube, Clube Atlético Monte Alegre, Cerâmica Futebol Clube, General Motors Futebol Clube, Atlético Vila Alpina, Associação Atlético São Bento, SAAD Esporte Clube, Transauto Futebol Clube e Associação Desportiva São Caetano.

PROJETOS

Concurso de Fotografia São Caetano em Foco

No dia 28 de Julho a Fundação Pró-Memória promoveu o lançamento do *Concurso de Fotografia São Caetano em Foco*, uma iniciativa que teve como objetivo valorizar a imagem da cidade e incentivar a arte da fotografia.

Puderam participar do concurso moradores da cidade, de todas as faixas etárias. As inscrições, que começaram no dia 29 de Julho e foram até 24 de Setembro, puderam ser feitas através da doação de latas de leite em pó. Cada participante pôde inscrever até 6 fotografias, sendo três coloridas e três P&B. Mais de 100 fotos foram inscritas nas categorias Colorido e Preto & Branco.

Uma comissão, formada por quatro fotógrafos, escolheu as 40 melhores fotografias entre as mais de 100 inscritas no concurso. Seis fotografias foram

premiadas e 34 selecionadas. Nas próximas páginas de *Raízes* serão publicadas as fotos vencedoras.

Todas as fotos escolhidas fizeram parte de uma exposição no Salão de Exposições I, em cartaz de 21 de Outubro a 26 de Novembro. As latas de leite em pó arrecadadas foram entregues ao Fundo Social de Solidariedade da cidade.

Salas de exposição do Museu Municipal - Nova denominação

Desde o dia cinco de Junho as salas de exposições do Museu Municipal estão identificadas com o nome de pessoas que contribuíram grandemente para o crescimento da área cultural do município e que, principalmente, foram grandes colaboradores da Fundação Pró-Memória. As salas ganharam os nomes de Celeste De Nardi, Emígdio Perrella, Jayme da Costa Patrão e Mário Botteon.

Traços e Trilhas: Vestígios dos Antigos Caminhos do Mar em São Caetano

A atual região do Grande ABC tornou-se, durante todo o período colonial brasileiro, em virtude de sua localização geográfica (região situada entre a Serra do Mar e o Planalto Paulista), uma área de passagem obrigatória de tropeiros que faziam o percurso Planalto-Litoral-Planalto. Por esta razão, os vestígios dos antigos caminhos do mar estão presentes em parte do ABC de hoje. Os traçados irregulares de certas ruas de São Caetano do Sul confirmam a passagem destas vias pela cidade.

Com o objetivo de levar esta informação histórica à população, a Fundação Pró-Memória desenvolveu o projeto *Traços e Trilhas: Vestígios dos Antigos Caminhos do Mar em São Caetano*. Baseado em pesquisa bibliográfica, o projeto possibilitou a sinalização (através de placas confeccionadas em azulejo, nas quais constam os nomes dos caminhos) das seguintes ruas, cujas características irregulares constituem vestígios dos antigos caminhos do mar: Mariano Pamplona, Maximiliano Lorenzini, Rio Branco, Herculano de Freitas, Perrella, Luigi D'Agostini, Nossa Senhora da Candelária, Porto Calvo, Justino Paixão, Estrada das Lágrimas, Visconde de Inhaúma e Boa Vista.

Paula Fiorotii é jornalista, pós-graduada em Comunicação Empresarial e Relações Públicas

1 – Campeonato da Liga Santoandreense de Futebol de 1951. Time do Jabaquara (Jabuca). Da esquerda para a direita, em pé: Gambinha (presidente), Daniel, Carvalho, Paulo (Arlugo), Sabino, Dinho, Gino e Perico (técnico). Agachados: Mariano, Zé Fofo, Isaque, Airtton e Pedrão (ponta esquerda). Os campeonatos eram promovidos pela Liga de Futebol de Santo André, pois a Vila Prosperidade pertencia àquele município



Fundação Pró-Memória

2 – Benção das instalações do Departamento de Educação e Cultura - Depec durante sua inauguração, na Rua Alegre, Bairro Barcelona, no dia 22 de Maio de 1974. Da esquerda para a direita: Walter Braido (prefeito municipal), Fábio M. Ventura (vereador), Sebastião Laureano dos Santos (vereador), prof. João José Dario (encoberto, diretor do Depec), Domingo Glenir Santarneccchi (chefe de imprensa e mestre de cerimônias) e, em primeiro plano, Padre Jorge Nogueira, então vigário da Paróquia São Francisco - hoje dirigindo a Paróquia Sagrado Coração de Jesus - Santo André



Domingo Glenir Santarneccchi

3 – Desfile do 81º aniversário de São Caetano do Sul, em 1958, apresentando um caminhão da Willo S/A todo enfeitado. O motorista, Antônio Ferreira Filho, estava acompanhado pelo ajudante conhecido como Catalão



Fundação Pró-Memória

4 – Casamento de Humberto Mainardi, jogador de basquete do General Motors Clube, em 28 de Julho de 1961. Da esquerda para a direita: (?), (?), Lourival Rocha de Almeida (Rochinha), (?), (?), João Poncio (Zicão), Oscar Zanini, Roque Latancio, Elza Mainardi (noiva), Humberto Mainardi (noivo), José Alt (Zé Americano), Walaes A. Pereira (Tito), Horst e Ivan Chekin



Walaes A. Pereira (Tito)



Memória Fotográfica



José Fernandes / Zezinho

1 – Juvenil do General Motors Esporte Clube, campeão estadual de 1954. Da esquerda para a direita, em pé: Rocca, Jorge, Nadal (Vidraça), Arnaldo, Nim e Wilson. Agachados: Nininho, Veichinha, Levy, Wilsinho e Gobas



Fundação Pró-Memória

2 – Vista dos bairros Olímpico e Oswaldo Cruz - final da década de 1950. No centro, ao alto, o Estádio Municipal Anacleto Campanella. Em primeiro plano, à direita, a esquina das ruas Dr. Augusto de Toledo e Castro Alves. No centro, à esquerda, as antigas instalações do Grupo Escolar Sylvio Romero



Arthur Demenis

3 – Arthur Demenis (Passa Óleo), centroavante do América do Sul Futebol Clube, no campo do São Cristóvão - 1965



Fundação Pró-Memória

4 – Time do São Cristóvão Futebol Clube, em campo de várzea da Vila São José, no início da década de 50. Da esquerda para a direita, em pé: Osmir, Joaquim, Idalino, Antônio Rosa Alves, Pedro Rosa Alves e Rodolfo Amorin. Agachados: Miguel, Bino, Químico, Horácio, Milton e Antônio. O garoto é filho de Rodolfo Amorin

Luzia de Lurdes Veronezzi e Sônia Therezinha Stilhiano



1 e 2 – Ano de 1963. Estudantes da 8ª série do Colégio do Estado de São Caetano do Sul, atual EE Coronel Bonifácio de Carvalho, antigo Colégio do Estado de São Caetano do Sul



3 – Ano de 1959. Do Edifício Del Rey, na Rua Baraldi, era possível observar o Edifício Vitória - ao fundo, na esquina da Rua Baraldi com a Rua Santo Antônio

Fundação Pró-Memória



4 – Clube Atlético Vila Alpina - 1953. Em pé, da esquerda para a direita: Aurélio, Sastre, Curau, Dito, Pegasso e Oswaldo. Agachados: Joracy, Lulinha, Edgar, Staci e Morais

Aurélio Loureiro Bastos



**Memória
Fotográfica**



Fundação Pró-Memória

1 – Em 1961, o técnico de futebol Mário Travagline liderava um movimento para regulamentar a profissão de jogador de futebol. Sobre esse assunto conversou com o redator do Jornal de São Caetano, João da Costa Faria (à direita)



Fundação Pró-Memória

2 – No dia 20 de Maio de 1959, foi comemorado, em São Caetano do Sul, o 2º aniversário do Batalhão de Caçadores da Força Pública do Estado de São Paulo. Nesta comemoração estavam presentes o prefeito municipal Oswaldo Samuel Massei, (segundo à esquerda), o capitão Juventino Borges e mais dois oficiais da corporação (não identificados)



Fundação Pró-Memória

3 – 1961 - Alguns vereadores da 4ª Legislatura da Câmara Municipal de São Caetano (quatro de Abril de 1961 a três de Abril de 1965). Ao fundo, na mesa da presidência (centro), o vereador Concetto Constantino. À sua direita, Fábio Ventura; à esquerda, Gentil Monte. Em pé, da esquerda para a direita: Anacleto Pires, Lavinho de Carvalho, Altamiro Dias da Motta, Oscar Leite, Jaime da Silva Reis, Waldemar Fantinatti, Nestor Borges, Júlio de Mello, João Azzi e Sebastião



Fundação Pró-Memória

4 – Aspecto geral da Serraria de Mármore e Granito Santo André, propriedade de Alfredo Novari, localizada na Rua Baraldi, 934, esquina com a Rua Rio Grande do Sul, onde hoje está localizada a agência central do Banespa/Santander. Ao fundo, janelas do conjunto de sobrados na Rua Baraldi, conjunto esse que se encontra nas mesmas condições da época e hoje abriga a Casa do Pão de Queijo Mineiro, o escritório de José Fernandes (Zezinho Despachante) e outros estabelecimentos. Início dos anos 60

1 – A Refinadora de Óleos Brasil, até recentemente instalada em São Caetano do Sul, na Rua Amazonas, nº 5, foi fundada em 1913, e na década de 50 era fabricante dos seguintes produtos: Gordura de Coco Brasil, Azeite de Amendoim Mesa, Óleo Composto Amendolina, entre outros. Na década de 1980 ainda fabricava o Óleo de Soja Refinado Amélia e o Óleo de Milho Franciscano. Hoje as instalações da refinaria estão ocupadas pela indústria LECO



Fundação Pró-Memória

2 – Em 1971, o presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, vereador Armando Furlan, entregou a Luiz Martorelli o título póstumo de cidadão sancaetanense outorgado ao seu pai, Antônio Martorelli, um dos pioneiros da imigração italiana em São Caetano do Sul



Fundação Pró-Memória

3 – Na década de 1960, o cantor Moacir Franco costumava visitar as lojas de disco em São Caetano para acompanhar a venda de seus long-plays. A loja mais visitada era a Discoteca do Fininho, localizada na Avenida Conde Francisco Matarazzo. Na parede da loja, um grande pôster da cantora e apresentadora Hebe Camargo



Fundação Pró-Memória

4 – Rua Baraldi, Bairro Centro, década de 60. A longa fila é de pessoas que utilizavam o posto de saúde, localizado na esquina com a Rua Rio Grande do Sul, para exames médicos e obtenção de carteira de saúde e atestados para fins escolares. Ao fundo, o prédio da família Del'Rey, com o observatório astronômico em seu topo. O edifício era muito visitado por estudantes da época



Fundação Pró-Memória



**Memória
Fotográfica**



Fundação Pró-Memória

1 – Realizado no dia 18 de Janeiro de 1959, o jogo entre Clube Atlético Monte Alegre e Sete de Setembro Futebol Clube, pela segunda divisão da Liga de Futebol de São Caetano do Sul, no campo do Sete, terminou com a vitória do Sete de Setembro por 1 a 0, com gol do centroavante Canhato. A partida foi supervisionada por cerca de 30 soldados da Força Pública (atual Polícia Militar), dado o clima de tensão e rivalidade entre as duas torcidas



Fundação Pró-Memória

2 – Em Maio de 1959, o prefeito Oswaldo Samuel Massei participou da solenidade inaugural da linha de ônibus da empresa São Bento, ligando a antiga Vila Marlene (parte do atual Bairro Nova Gerte) a São Paulo.



Fundação Pró-Memória

3 – Em 1958, este era o aspecto da Praça do Professor, na Avenida Goiás, em frente ao Colégio Estadual José Bonifácio de Carvalho. (Auditório Santos Dumont à esquerda e Posto de Puericultura Aracy Torres Campanella à direita.) Hoje este mesmo lugar é um espaço utilizado para as atividades culturais do Complexo Educacional de Ensino Fundamental, formado pelo Teatro Santos Dumont, pela Biblioteca Municipal Paul Harris, pela Pinacoteca Municipal e pela Fundação Pró-Memória. Ao fundo, à direita, a caixa d'água da indústria Ferro Enamel, demolida para dar lugar à Praça São Caetano di Thiene



Fundação Pró-Memória

4 – Fachada do primeiro mercado de São Caetano do Sul - 1960. Tratava-se de uma novidade para a população da cidade, acostumada apenas a frequentar feiras livres e antigos armazéns. O mercado estava localizado na Rua Santa Catarina. (Ao fundo é possível observar uma cerca de madeira, separando a área das torres da antiga light, e parte do sobrado da família Lorenzini, que foi demolido para dar lugar a uma agência do Banco BSHC.)

1 – Desfile cívico de sete de Setembro de 1971, realizado na Avenida Goiás. A diretoria do grupo de Bandeirantes aparece, em primeiro plano, na seguinte ordem (da esquerda para a direita): Odete Sukadolnick; (?); Terezinha Lustosa Pavim; Gilda Patuska Linares; Soraia (?); e (?)



Fundação Pró-Memória

2 – Banca de variedades (secos e molhados), de propriedade de Hélio Manzarra, dentro do extinto Mercado Municipal, no Bairro Barcelona. Dezembro de 1979



Fundação Pró-Memória

3 – Barraca de produtos alimentícios que funcionava na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua Heloísa Pamplona, no centro comercial de São Caetano, no final da década de 50. O departamento de Vigilância Sanitária da cidade não aceitava este tipo de comércio, com alimentos como lingüiça e frutas vendidos ao ar livre, sem proteção contra a sujeira, trazendo perigo à saúde pública



Fundação Pró-Memória

4 – Vista externa do depósito de ferragens e conexões Malu Ltda., que se localizava na Rua Serafim Constantino, onde hoje está situado o Módulo I do Terminal Rodoviário de São Caetano, usado para o embarque e desembarque de passageiros das linhas de ônibus municipais. Década de 1950



Fundação Pró-Memória



**Memória
Fotográfica**



Fundação Pró-Memória

Em quatro de Junho de 1997, foi inaugurada a interligação da Rua Alegre com a Avenida Dom Pedro II, realizando antigo sonho dos dois municípios. À frente, em destaque, o prefeito de São Caetano do Sul, Luiz Olinto Tortorello, e o de Santo André, Celso Daniel (falecido)



Fundação Pró-Memória

2 e 2a – Em Setembro de 1998, a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul instalou na Escola Estadual Sylvio Romero o programa Didaktos: a evolução do ensino. O prefeito Luiz Olinto Tortorello participou diretamente da instalação do projeto



2



Fundação Pró-Memória

3 – O prefeito Luiz Olinto Tortorello, em dez de Março de 1990, abriu o seminário Brasil, o que fazer?, na presença do senador Marco Maciel. O debate foi promovido pela Prefeitura, pelo Instituto Tancredo Neves e pela Fundação Friedrich Naumann, e contou com a presença do diretor desta última entidade, Cláudio Lembo



Fundação Pró-Memória

4 – Em Maio de 1990, o prefeito municipal, Luiz Olinto Tortorello, recebeu a visita do presidente da Caixa Econômica Estadual, Nildo Mazzini, para a discussão de assuntos administrativos de interesse do município

Revista Raízes



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Livros



SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
HISTÓRICA
PINACOTECA MUNICIPAL
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420



Ação educativa

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Tel: 4229-1988

Pesquisa Histórica



SALÃO DE EXPOSIÇÕES I
Avenida Goiás, 600 - térreo

SALÃO DE EXPOSIÇÕES II
Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566

VOCÊ PODE CONHECER
NOSSO SITE!

www.fpm.org.br

História da cidade, história dos bairros,
pontos históricos, fotografias, mapas,
programação de exposições, eventos,
notícias e muito mais!

Exposições



Museu



Pinacoteca



